

DABYLLA ALVES

MACHO ALPHA

"Eu serei o sangue se você for os ossos"

4 MILHÕES DE LEITORES NO WATTPAD!



ASES DA
LITERATURA



Dabylla Alves

Macho

Alpha

2016

CAPÍTULO 01

Hannah

Hannah Backer: este é meu nome. No momento, estou sendo transferida para outra alcateia por ser: "inconsequente, antiquada, sem educação, faz tudo errado e não cumpre as regras." Foi isso exatamente o que a Luna me disse. O alfa tentou impedir o caos, porém não aguentei e acabei discutindo com a Luna e podemos dizer que... eu a elogiei (com alguns xingamentos). O alfa não teve outra escolha a não ser me expulsar. É por isso que fui expulsa. Porém, prefiro dizer que estou sendo transferida, pois é menos constrangedor. Eu não posso fazer nada se aquela Luna é uma vaca maluca.

Aqui na Flórida eu trabalhava na empresa Lewis. Depois da notícia de que eu seria expulsa, fiquei apavorada, pois, além de ser uma loba expulsa, eu também estaria desempregada. Por sorte, o diretor da empresa da Flórida

foi muito amável comigo e me transferiu para a sede. Foi uma surpresa ao saber que a sede da empresa era na Califórnia. Seria o meu santo lobinho lindo me ajudando? Não sei, pois o meu chefe disse que o diretor da sede é o chefão, o CEO. Ele me disse para tomar cuidado, porque, com a minha personalidade, eu acabaria sendo despedida no primeiro dia. Achei um insulto ele me dizer isso, fiquei com uma imensa vontade de mandá-lo ir à merda, mas, como ele me aturou todos esses anos e ainda não me deixou desempregada, dei um desconto.

— Hannah, eu te disse, várias e várias vezes, que era para você ficar com a boca fechada, senão, ia acabar fazendo merda. E olha onde você está agora. — Richard levanta as minhas malas, apontando para o aeroporto.

— Esse é um jeito de dizer que vai sentir minha falta? — pergunto e sorrio.

— Você é doida, sabia? — Ele me abraça. — Sim, vou sentir sua falta.

— Vai me visitar? — pergunto em seus braços.

— Se você não for expulsa da próxima alcateia, quem sabe. — Bato em seu braço e rimos. Separamo-nos e ele dá um beijo em minha testa. — Se cuida.

— Você também. Vê se não pira com a Norah também. — Pegó minhas malas. — Ela é uma vaca maluca. — falo e deixo ele rindo sozinho.

Norah proibiu o Richard de ficar comigo no aeroporto, o máximo que ele pôde fazer foi me trazer. Quando eu digo que essa mulher é uma vaca, é porque ela é uma vaca. Definição do nome "Norah" (sem querer ofender outras Norahs), mas a definição é: vaca maluca, ou a Luna da Flórida.

O Richard é meu irmão. Quer dizer, meu primo. Bem, eu perdi meus pais muito nova e o Richard se comprometeu em cuidar da doida da Hannah Backer. Eu só tinha ele como minha família e o considero como meu irmão, mas ele é meu primo de sangue.

Acabei de chegar, peguei minha mala e desci a escada. Lá de cima, vi um brutamontes de óculos escuros e terno preto segurando uma plaquinha onde estava escrito o meu nome e, ao redor dele, muitos corações. Gostei. Quando cheguei mais perto, vi uma garota ao lado dele. Ela tinha cabelos loiros. Não, castanhos... não sei. Ela ficava olhando impaciente para os lados. Chego perto deles e olho para o grandão.

— E aí? — digo e ele tira o óculos.

— Hannah? — pergunta.

— Em carne, osso e gostosura — digo e ele ri.

A garota dá uns pulos e me abraça.

— Seja bem-vinda à Califórnia. — Ela me solta, toda sorridente.
— Eu sou Daiana.

— E quem é o grandão aí? — Aponto para o cara que tinha o rosto sério.

— Gregori. Meu segurança — ela fala, revirando os olhos.

— Uau! Segurança? — digo, impressionada.

— Contra a minha vontade. Vem. — Ela pega uma das minhas

malas e as outras ficam por conta do grandão.

Fomos até o carro que estava à nossa espera, entramos e eu me viro para Daiana.

— Aonde vai me levar? Hei, espera. Quem é você?

Ela ri.

— Eu sou a irmã do alfa. Estou encarregada de cuidar de você por enquanto, só até o meu irmão voltar. — Ela dá um sorriso e diz: — Vou te levar para o meu apartamento.

— Ah, nem pensar...

O sorriso dela desmancha.

— Por quê? — ela pergunta sem entender nada.

— Eu vou para um hotel, não quero incomodar ninguém — digo e ela revira os olhos.

— Você não vai me incomodar, Hannah. Eu quero te ajudar. Deixa, vai? — Ela faz biquinho.

— Quer me ajudar? — Ela balança a cabeça. — Então me ajuda a encontrar um hotel e depois desfazer as malas.

Ela ri.

— Tudo bem.

Ela fala um endereço para o motorista e logo estamos em frente a um hotel.

Descemos e eu vou na frente para resolver as coisas. Tudo resolvido e a Daiana e o Gregori me ajudam a levar as malas até o quarto. Depois, a Daiana mandou o grandão esperar lá fora e ela foi me ajudar a arrumar as minhas coisas.

— Então, você é a irmã do alfa, certo? — ela concorda. — Por acaso ele tem uma Luna?

— Não. O assunto “companheira” não existe para o meu irmão. — Eu solto um suspiro de alívio. — Por quê?

— Só pra saber. Não sei se ficou sabendo, mas fui transferida de alcateia por causa da vaca da Luna.

Daiana me olha e ri.

— Você foi expulsa, Hannah, não transferida.

Dou de ombros.

— Apenas um detalhe — digo e ela volta a rir. — Por que seu irmão corre do assunto "companheira"?

Ela senta na cama e me olha.

— Não sei o motivo real, mas ele não a encontra porque não quer. Ele usa um feitiço para não saber quem é sua companheira, até a própria companheira não sabe dele.

— Seu irmão é doente — digo e ela ri.

— Gostei muito de você. É bem doidinha.

— Não sou doida, o mundo que é muito normal.

— Falou a doida que vive no mundo sobrenatural — ela diz, sorrindo. — Quer ir a uma boate?

Meus olhos até brilham quando ela me convida.

— Nossa, seria ótimo se eu não tivesse que acordar cedo amanhã.

O sorriso dela se desmancha.

— Promete que outro dia a gente vai?

— Prometo.

Ela sorri.

— Você não vai ficar aqui nesse hotel muito tempo, né?

— Vou ficar até encontrar um apartamento.

— Posso te ajudar a encontrar um, pode ser? — Eu confirmo com a cabeça. — Amanhã eu apareço aqui para irmos atrás disso.

CAPÍTULO 02

Hannah

A Daiana disse que viria aqui hoje, mas, como eu tenho que ir trabalhar, ela resolveu vir à noite. Hoje é o meu primeiro dia de trabalho e já estou muito atrasada. O horário de entrada é sete horas e já são oito. *Mas que droga!* Tomara que nenhum diretor esteja lá, ou melhor, tomara que o CEO não esteja.

Termino de me arrumar e desço. Agora, tenho a missão de conseguir pegar um táxi. Estava vindo um, mas o infeliz não parou. *Filho de uma quenga!* Céus, eu estava em um hotel! É tão difícil pegar um táxi? Logo veio outro e consegui entrar. Ainda bem que o trânsito estava favorável, com isso consegui chegar rápido na empresa.

Saio do táxi e vou correndo até a porta da empresa. Quando passo por

ela, esbarro em uma mulher. Ela tinha o cabelo loiro tingido, olhos grandes e verdes e estava com um vestido bem apertado que fazia seu corpo bem chamativo (mais do que já era) e ainda usava um batom vermelho e óculos grandes. Sem sombra de dúvida, parecia uma garota de programa.

— Você não olha por onde anda, garota? — ela pergunta, arrumando os óculos.

— Você é quem usa óculos aqui. Então, certamente é você que não enxerga muito bem.

Juro que o rosto dela ficou vermelho de raiva.

— Garota, quem você pensa que é para falar assim comigo? — Ela estava visivelmente se segurando para não gritar.

— Eu? Bom, sou uma funcionária que no seu primeiro dia de trabalho chegou atrasada e ainda por cima esbarra em uma quenga. — Pensei que ela iria surtar ou coisa do tipo, mas ela sorri. Era um sorriso amargo.

— Você é Hannah Backer?

Droga! Quem é essa mulher?

— Eu mesma.

Ela abre um sorriso gigante.

— Eu sou Mônica. — Ela fica com um sorriso convencido.

— O que eu tenho a ver com isso?

Ela revira os olhos.

— Eu sou a secretaria do Sr. Lewis. — *Ah, claro. Mas que belo dia, não?* — Eu fiquei encarregada de mostrar a empresa para você, pois o Sr. Lewis não está.

— Ah.

Ela me olha com os olhos semicerrados.

— É o seu primeiro dia de trabalho e já chegou uma hora atrasada. —
Ela joga aquela cabelo falsificando para trás. — Vou ter que relatar tudo ao
Sr. Lewis. — Ela menciona o nome do CEO com admiração e devoção.

Céus.

— Claro que vai. É o seu trabalho, não é?

Ela fica bem brava e sai andando na minha frente.

— Me acompanha.

Faço o que ela me diz. A oxigenada me mostra a empresa toda, que é muito grande. Espero que eu não me perca aqui. Do jeito que eu sou, tenho certeza de que irei me perder. Por último, ela me mostra a minha sala, que fica no penúltimo andar. O último andar fica só a sala do CEO. *Muito ignorância, não é? Pra que um andar inteirinho só para a sala do chefe?*

— Srta. Backer — a plastificada me chama. Olho para ela com um sorriso falso. — Eu queria lhe dar um aviso.

— Fique à vontade, querida.

Ela cruza os braços.

— Se você entrar no meu caminho... — ela chega mais perto — ...eu te mato.

Eu sorrio.

— Não, não mata. Mas pode ter certeza de que eu, sim. — Ela me olha, surpresa. — Mas fica tranquila, queridinha, eu não tenho nenhum interesse no chefe — digo e ela fica boquiaberta. — Que foi? Você acha que eu não percebi? Olha que é meu primeiro dia e já vi que essa eficiência para o seu chefe é demais. Qualquer um vê isso.

— Não importa. — Ela se vira pra sair da sala. — O recado foi dado. Não entra no meu caminho, ou você não terá problemas.

Já tinha vários papéis em cima da minha mesa, de modo que resolvi começar logo, para não acumular. Nem almocei porque tinha muito trabalho a fazer. Nem preciso dizer que eu estava morrendo de fome, certo? Já eram seis horas da tarde quando desliguei o computador, deixei tudo organizado e fui embora.

Cheguei em casa e fui tomar banho. Vesti uma saia cheia de babados preta, que vai até a metade da minha coxa, e uma blusa branca. Calcei minhas sapatilhas pretas e logo chega uma mensagem no meu celular.

Dai, estou aqui embaixo te esperando.

Peguei minhas chaves e desci. O mesmo carro que tinha me pegado no aeroporto estava à minha espera. Abri a porta e vi a Daiana, toda sorridente.

— Aonde quer ir?

— Aonde tem comida? — Ela ri. — Eu não almocei, estou morrendo de fome.

— Vamos lanchar, então.

Fomos para o shopping e lá comemos até dizer chega, eu realmente estava com muita fome. A Daiana estava mexendo no seu celular e fazendo uma cara estranha.

— Algum problema, Daiana?

Ela me olha e faz cara de choro.

— Sim, um problema dos grandes — diz, dramatizando. — O meu irmão já está voltando. Eu pensei que ele ia ficar fora mais um mês.

— Vocês parecem se amar muito — digo, rindo.

— Ele é muito mandão, não gosto que me mandem fazer algo que não quero. — Ela fecha a cara, parece uma criança.

— Eu sei, também não gosto. — Sorrio, ela dá um sorriso também.

— Como foi o trabalho hoje? — Ela pergunta, guardando o celular.

— Péssimo. Pra começar, cheguei atrasada e depois conheci uma mulher oxigenada e a chamei de quenga. Depois descubro que a vaca é secretária do meu chefe. — Ela começa a rir. — Meu primeiro dia foi um circo de horror.

— Imagino. — Ela para de rir. — Parece que não se deu bem com a "atriz".

— Não mesmo. Ela é uma mulher com fogo no rabo que quer o CEO.

Ela ri.

— Então, mudando de assunto, parece que não vai ter tempo de procurar um apartamento, não é?

— Nem me fale, eu entro cedo no trabalho e saio tarde. Não sei como vou fazer.

Ela abre um sorriso.

— Por que não deixa eu procurar um para você? — Olho para ela. — Você vai estar ocupada a semana toda, não vai ter tempo. Eu só vou ajudar.

— Tudo bem. — Ela só falta bater a mão uma na outra de felicidade. — Espero que não me arrependa.

— E não vai, gatinha. — Ela pisca.

Eu tenho certeza de que isso não vai dar certo.

CAPÍTULO 03

Hannah

Andamos um pouco no shopping e logo fomos embora. Daiana me deixou no hotel. Eu cheguei e fui direto para a cama. Eu sei que fiz errado de deixar a Daiana encontrar um apartamento para mim, isso não vai dar certo e eu estou bem ciente. Mas, como estarei muito ocupada, deixarei nas mãos dela.

Hoje acordei mais cedo. Depois do que me aconteceu ontem, espero acordar todo dia cedo para não ter que esbarrar naquela plastificada. Já estava pronta com um vestido azul, que era colado na cintura e para baixo é rodado, seu comprimento é acima do meu joelho. Pego minhas coisas e desço. Chego na empresa e logo na entrada esbarro em uma pessoa.

Mas que droga! Outra vez.

— Vai me dizer que é a quenga, de novo — digo e olho para a pessoa em quem esbarrei.

Nossa, com certeza não é ela...

O homem ri, ele é lindo demais.

— Você deve estar falando da Mônica, não é mesmo? — Sorrio. —

Eu sou Fábio. — Ele estende a mão.

— Hannah. — Sorrio, não sei se foi impressão minha, mas ele parece ter ficado surpreso quando eu disse meu nome.

— Você é a funcionária nova, não é? — Confirmo. — Vou te dar um conselho: não ligue para o que a Mônica diz.

— Não precisa nem dizer. — Ele sorri. — Pode deixar que já tenho antídoto para o veneno dela.

— Não seja muito imprudente. — Ele ri. — Bom, vou indo. Boa sorte, Hannah.

— Obrigada. — Sorrio e ele vai embora.

Fui andando pelos corredores da empresa, procurando minha sala. Eu sabia que ia me perder aqui. *Nossa, aquele Fábio foi muito simpático comigo, sem dizer que o homem é um gato. Ele estava de terno.... Por Deus do céu, homens de ternos são lindos. É, eu tenho uma quedinha por homens de terno. Quer dizer, uma quedona.*

Como sempre, eu andava sem prestar atenção em nada, é bem provável que eu já tenha passado pela minha sala. Mais uma vez esbarro em outra pessoa, só que dessa vez acho que desloquei o ombro.

— Mas que droga! — Coloco minha mão no ombro, doía muito. Olho para a pessoa. *Alguém me abana. Que homem lindo...* — Por acaso, você é feito de algum tipo de rocha?

— Te machuquei?

Que voz é essa? Meu Santo Lobo, assim não dá.

— É claro que me machucou — digo, revirando os olhos.

— Se você prestasse mais atenção por onde anda, não estaria

machucada. — ele diz, sério.

Que idiota. Viro-me, resmungando.

— Seu Ogro idiota — digo e não olho para trás, para não ver ele com raiva.

Ando mais um pouco e acho a minha sala. Entro e já começo a fazer meu trabalho, que tinha muita coisa, por sinal. O telefone toca. Era a quenga, ela falou que o chefe estava à minha espera na sala dele. Vamos lá, né, conhecer o CEO.

Vou até o elevador, entro e subo até o último andar. Saio do elevador e já vejo a quenga em sua mesa. Olho para ela e a mesma revira os olhos. Sorrio. Vou até a porta da sala do CEO, bato e entro. A cadeira estava virada, então não vi a pessoa que estava sentada nela. *Será que é um velho banguela que é o senhor Lewis?*

— O senhor me chamou? — pergunto.

— Srta. Backer? — ele pergunta, sem se virar.

Meu Santo Lobo, eu já ouvi essa voz penetrante em algum lugar.

— Eu mesma. — Ele vira a cadeira e eu quase caio no chão. — Ogro? — Tapo a boca na hora, vi o olhar de fúria dele sobre mim. — Desculpa, eu tenho mania de falar tudo que vem à minha mente.

— Acho bom a senhorita perder essa mania — diz ele, sério.

— Sim, senhor — digo.

Será que ele vai me demitir por eu ter chamado ele de Ogro? Eu estou ferrada. Ai, meu lobinho lindo, perfeito, eu te amo tanto, me ajuda vai, não deixa esse Ogro me demitir...

— Está tudo bem? — ele pergunta quando me vê com as duas mãos

pregadas e olhando para cima, como se tivesse rezando.

— Está sim. — Dou um sorriso sem graça. — Sem querer ser indelicada ou coisa assim, mas por que me chamou aqui?

— Porque eu queria te conhecer pessoalmente, sem te machucar. — Dou um meio sorriso. — E para saber se o seu ombro está melhor.

— Está sim. Obrigada pela preocupação, senhor. — Ele fica me encarando. *Droga, eu estou malvestida ou coisa assim? Por que ele fica me olhando da cabeça aos pés? Isso está me deixando desconfortável.* — Algum problema com a minha roupa, por acaso? — pergunto, já nervosa.

Ele para seu olhar em meu rosto.

— Tem. — Não era essa resposta que eu esperava. *Que filho da mãe, mas que droga! Qual é problema?* — Está muito curta.

— O quê? — Olho pra ele, incrédula. Ele revira os olhos. — Você é idiota? Isso aqui não está nem perto de estar curta, seu Ogro — digo e coloco a mão na boca.

Caramba, eu não consigo controlar o que eu falo. Minha boca tem vida própria, só pode.

— A senhorita sabe em que posição se encontra, não é mesmo? — Faço sinal que sim com a cabeça. — Eu vou dar um desconto porque é a primeira vez que a vejo. Espero que a senhorita tenha mais controle sobre suas palavras e que venha com uma roupa decente amanhã. — Ele vira a cadeira. — Está dispensada, pode voltar ao trabalho.

Ai, esse cara é um infeliz. Eu queria voar na garganta dele naquela hora, mas se eu fizesse isso seria processada por homicídio e, se eu abrisse a minha boca, provavelmente seria demitida. Eu mal conheço esse Ogro e já o odeio, e o pior é que o idiota é tão lindo que me faz repensar se eu realmente o

odeio.

CAPÍTULO 04

Hannah

Aquele infeliz do Ogro é um arrogante, eu odeio esse cara. Olha só, ele pode ser irritante, idiota, débil mental, desgraçado, infeliz, mas ele não deixa de ser lindo. *Pela lua, que homem lindo!*

Hoje completa uma semana que eu estou trabalhando na empresa, e durante essa semana eu fiquei recebendo reclamações de que falo demais e, principalmente, sobre as minhas roupas. Eu mereço! Quer dizer EU NÃO MEREÇO!

Eu tento, sério, eu tento muito ter um dia maravilhoso, mas ninguém colabora comigo, nem o próprio universo. Hoje, eu levantei da cama e dei de cara no chão. Quando eu estava indo para a empresa passaram quatro táxis e nenhum deles parou para mim. Eu cheguei atrasada, e logo que chego aquela quenga esbarra em mim de propósito. Por impulso, gritei com ela, chamando-a do que realmente ela é: quenga. E agora estou indo em direção à sala do senhor Ogro. Diz como eu consigo ter um maravilhoso dia? Porque eu estou doida para saber, já que hoje não é nem de longe um dia maravilhoso.

Finjo que não vejo a quenga e vou até a porta, mas ela fala da mesa dela.

— Ele está ocupado, espere.

Viro para a olhar. Mônica estava concentrada no computador, vou até a mesa dela.

— Então, quen... Mônica, você sabe o que ele quer comigo?

Ela me olha abaixando aqueles óculos.

Nossa, fala sério, essa mulher tem tudo pra ser uma perfeita garota de programa. Iria ganhar uma boa grana.

— Tomara que seja para te demitir por ter xingado a secretária dele.

Começo a rir.

— Fala sério, então você foi falar para ele? Por isso que ele quer conversar comigo?

Ela fica sem entender e eu começo a rir novamente.

— Qual é a graça? — ela pergunta, indignada.

— Parece que não saiu do ensino fundamental ainda, Mô-ni-ca.

Ela pareceu querer falar algo quando um velho saiu da sala e mandou um beijo para ela.

— Até mais.

Visivelmente, ela ficou com raiva. Entro na sala e o Ogro estava mexendo em alguns papéis. Ele me olha.

— Senta. — Ele diz e volta a olhar os documentos. Sento na cadeira de frente para ele.

— Muito trabalho? — Já que ele vai me demitir, vamos adiar um pouco isso.

— Só uns papéis para assinar — ele diz, concentrado. — Um estagiário está vindo para cá e eu só estou avaliando o... — Ele para de olhar para os papéis e me inspeciona com a testa franzida.

— Que foi? Pode continuar.

Ele dá um sorriso de lado.

— Você não precisa saber disso.

Ergo uma sobrancelha.

— Foi você que começou a me falar.

— É, eu sei. — Ele encosta na cadeira, me olhando. — Sabe por que eu te chamei aqui?

— Não faço ideia.

Faço um X com os braços.

— Você está xingando uma funcionária, Hannah?

Quem deu intimidade para ele me chamar pelo primeiro nome?

— Eu não estou xingando. Estou falando a verdade — digo e ele franze a testa.

— Então, quer dizer que quando você chama uma funcionária de quenga, está falando a verdade?

— Não, quando eu chamo *a Mônica* de quenga é que estou falando a verdade. — Ele dá um sorriso. — Se você está sorrindo, é porque sabe que estou falando a verdade.

— Não sei, não.

Levanto e coloco as mãos em sua mesa.

— Você já viu a situação em que ela anda? Vai me dizer que ela não se parece nem um pouco com uma quenga? — Ele fica me olhando sem dizer nada. — Ou vai me dizer que nunca reparou nela?

— É, nunca reparei nela — ele diz, com a cara mais lambida.

— Tá zoando, né? — ele não responde. — Ela só falta colocar o

corpo todo para fora, para você reparar nela.

— Ah, é? — ele diz, ainda me olhando. Parece viajar só em olhar em meu rosto.

Bato na mesa e ele pula de susto.

— Qual é o seu problema, Hannah?

— Você não está prestando atenção em mim — digo, brava.

— Claro que eu estou. Você não faz ideia de como eu estou prestando atenção em você — ele diz, com uma expressão maliciosa.

Bato na mesa novamente e alguém entra na sala. Olho para a porta e vejo a quenga assustada.

— Ouvi dois barulhos saindo daqui. — Ela olha pro Lewis. — O senhor está bem?

— Fica tranquila, querida. — Olho para o Ogro. — Ainda não matei ele. — Vou até a porta.

— Hannah! — ele diz com autoridade, me fez até sentir medo. — Eu ainda não disse que podia sair. — Viro-me novamente. — Mônica, pode sair, e não interrompa outra vez. — Ela sai me encarando e fecha a porta. O Ogro levanta e vem até mim. — Eu sei que a Mônica se veste um tanto vulgar, mas isso não te dá o direito de chamá-la assim.

— Você quer que eu pare de chamá-la assim? — pergunto.

— Não está óbvio?

— Sabe o que é? Eu não consigo, já me acostumei — digo, sorrindo para ele. — Quer saber se você vai me demitir, anda logo.

— Quem disse que vou te demitir?

Confesso que fiquei aliviada por ter ouvido aquilo.

— Então, o que quer? — pergunto.

— Eu pensei que já tinha lhe dito para vestir roupas adequadas para um local de trabalho. — Ele me olha dos pés à cabeça.

Esse cara está de brincadeira? Eu estou com uma calça jeans, uma blusa preta de manga três quartos e saltos pretos.

— Me diz: qual o é o problema da minha roupa dessa vez? — pergunto, revirando os olhos.

— Estão muito coladas.

Olho com indignação para ele.

— Quer que eu me vista de freira?

Ele dá um sorriso de lado.

— Não seria uma má ideia — fala, sério.

— Por acaso quer me controlar, senhor Ogro?

Ele fecha a cara.

— Em primeiro lugar, não me chame de Ogro. — Ele fica bravo.

— Da mesma forma que eu não consigo chamar a quenga de Mônica, eu não consigo chamar você pelo nome.

Por que eu não fico com a boca fechada?

— Em segundo, não me interrompa.

Reviro os olhos.

— Em terceiro... — Ele me olha fixamente e passa a mão em meu rosto.

Meu Santo Lobo, o que ele vai fazer?

— Em terceiro, eu não quero te controlar... — Ele chega mais perto, a

centímetros do meu rosto. É tão estranho, eu estava suando frio e meu coração estava acelerado. O mais estranho é que não consigo sentir o seu cheiro, mesmo estando tão perto. Então, ele diz, roçando os lábios na minha orelha e fazendo eu ter um ataque de arrepios: — Eu não quero te controlar, eu vou te controlar.

CAPÍTULO 05

Hannah

“Eu não quero te controlar, eu vou te controlar.”

Na hora em que ele disse aquilo, meu corpo todo se arrepiou e minha loba ficou agitada. *Será que ela estava com raiva?*

Não, ela não ficou com raiva. Ela... ela ficou... Ah, mas que loba assanhada. Fala sério! Minha loba se sentiu atraída porque um Ogro disse que vai me controlar? Empurro o Ogro para longe de mim.

— Perdeu a noção do perigo? — pergunto, séria. Ele dá um sorriso de lado. — Olha só, que fique bem claro: você não vai me controlar. E outra — aponto o dedo em sua cara — , eu visto a roupa que eu quiser. — Ele me olha, calmo. — Se eu quiser, venho até de biquíni.

Agora ele ficou bravo.

— Você não ousaria fazer isso — ele diz, com a expressão séria.

Consegui provocá-lo.

— Bom, esse corpo aqui — dou uma voltinha. — , é meu e eu o uso como bem entender.

— Eu acho melhor você não me provocar, Hannah. — Ele segura o meu braço.

— Ou o quê? — Ele não diz nada. Puxo o braço. — E eu acho melhor você desistir de me controlar, porque saiba que não vai conseguir.

Viro-me e saio da sala sem olhar para ele ou para a quenga. Vou para a minha sala, disposta a sair daqui só quando terminar o meu trabalho.

Pelo que entendi, o Ogro quer jogar um jogo no qual ele quer me controlar e, pelo visto, está determinado a fazer isso. Já que eu não tenho escapatória, vou jogar também. Pelo que eu vi, ele se incomoda com a roupa que eu visto e, se for bem isso, vou usar esse trunfo contra ele. *Quem ele pensa que é? Ele quer jogar? Tudo bem, eu também jogo.*

Eu já estava no hotel deitada no sofá quando alguém bate na porta. Levanto e vou lá atender. Abro e vejo a Daiana.

— Oi. — Ela me abraça e me beija.

— Oi.

Ela entra e se senta no sofá.

— Vamos sair hoje? — diz animada. Faço uma careta. — Ah, para. Hoje é sexta. Vai, vamos.

— Aonde vai me levar?

— Eu queria te levar na Wolf Demonic.

Olho para ela, assustada.

— Lobo Demoníaco? O que é isso?

— É uma balada do meu irmão. O nome foi o idiota do beta dele que

sugeri. A balada é frequentada por lobos de todos os cantos — ela diz, animada. — Eu queria te levar, mas não posso.

— Por quê? Só porque fiquei animada — digo, com uma cara triste.

— Meu irmão não está aqui este fim de semana, parece que foi atrás de uma bruxa, e eu só posso ir na balada quando ele está aqui — ela diz, triste.

— Por que seu irmão foi atrás de uma bruxa?

— Eu te falei que ele usa um feitiço, né? — concordo. — A bruxa que fez esse feitiço disse a ele que não existe feitiço que impeça um lobo de encontrar a sua companheira. O feitiço pode ajudar, escondendo o cheiro, mas não esconde o coração. Então, ele foi atrás de outra bruxa para reforçar o feitiço, porque disse que está sentindo umas coisas estranhas. Ele acha que a companheira dele está por perto.

— Seu irmão é um completo idiota.

Ela ri.

— Exato, Hannah. — Olho para ela. — Você tem medo de encontrar seu companheiro?

— Não, não tenho, mas... eu tenho medo dele... dele me rejeitar.

Dou um sorriso.

— Duvido que ele vá te rejeitar.

Ela me abraça e começa a fazer cosquinha em mim.

— DAI, AAAAH, PARAAA. — Ela para e me olha, rindo. — Sua chata. — Ela manda um beijo no ar pra mim. — E você tem medo de achar seu companheiro?

— Eu, não. Na verdade, queria achar ele logo. — Ela sorri.

— Por que a gente não fica aqui em casa e assiste alguns filmes? —

Ela me olha com cara feia. — Deixa para sair quando seu irmão estiver aqui.

— Tudo bem.

Já tínhamos assistido a dois filmes. Ficar com a Dai me lembra do Bernardo e do Richard. Bernardo é um amigo humano que trabalhava comigo na empresa lá na Flórida. Uma semana antes de eu ser transferida, quer dizer, expulsa da Flórida, ele tinha viajado a trabalho. Ele não ficou sabendo que eu vim para cá porque perdi todos os meios de comunicação com ele.

— Hannah. — Olho para a Dai. — Eu vou dormir aqui hoje, tá?

— Claro — digo e sorrio para ela.

— Como está indo o trabalho? — Ela vira de frente para mim.

— No começo eu estava achando um saco — digo.

— E agora?

— Bom, agora vai ficar legal. O meu chefe quer jogar um certo tipo de jogo comigo e eu vou entrar nesse jogo também. — Ela faz uma cara estranha, sem entender nada. — O problema é que sou pior do que criança. Odeio perder, mas faço de tudo para ganhar a qualquer custo.

CAPÍTULO 06

Hannah

Meu final de semana foi resumido a ficar em casa assistindo um monte de filmes e séries com a Dai.

Por incrível que pareça, eu consegui pegar o primeiro táxi que chamei e não cheguei atrasada na empresa, não tropecei em ninguém, não me perdi dentro da empresa, não vi a cara de nojo da quenga e, o mais milagroso, não fui chamada na sala do Ogro.

Acho que finalmente consegui viver o meu dia maravilhoso.

Eu tinha saído para almoçar e estava voltando para a empresa. Peguei o meu celular e comecei a mandar mensagem para o Richard. Enquanto eu mandava mensagem, andava pelos corredores até chegar na minha sala. Porém, antes de chegar, bati no ombro em alguém e quase caí. O que teria acontecido se a pessoa não tivesse me segurado pela cintura?

— Cuidado, tem que olhar por onde anda.

Aquela voz, eu conheço aquela voz. Olho para a pessoa e quase pulo de alegria ao ver quem era. Tive que me conter para não abraçá-lo ali mesmo, pois o senhor Ogro estava ao meu lado.

— Ah, me desculpe — digo, ainda olhando para o rosto do Bernardo. O Ogro nos olhava com um fogo nos olhos, estava muito bravo. O Be me solta e eu sorrio. — O que está fazendo aqui?

— Eu comecei a trabalhar aqui hoje. — Meus olhos até brilharam quando ele disse aquilo. — Mas, o que a senhorita está fazendo aqui? Por que veio para cá sem ao menos me deixar uma carta?

— É, então... — Dou um sorriso. — A gente podia conversar sobre isso outra hora.

Ele sorri, o Ogro só faltava me mutilar com os olhos.

— Vocês se conhecem? — pergunta, olhando para o Be.

— Trabalhávamos juntos — digo.

— Eu perguntei ao Bernardo, Srta. Backer.

Epa! O que é que está acontecendo? Ele está bravo comigo? Me chamou até pelo segundo nome...

— Eu acho melhor eu voltar para o meu trabalho — digo, olhando para o Ogro, depois olho para o Be e sorrio. Vou até ele e dou um beijo em sua bochecha. — Me espere quando for embora, a gente precisa conversar.

Antes de me virar, olhei para o Ogro só para ver a fúria em seu rosto. Sorri para ele e voltei para a minha sala.

Eu não acredito que aquele Ogro estava com ciúmes. Céus! Esse cara pensa que é o que meu, para ter ciúmes?

Olhando por outro lado, o Be está aqui e vai me ajudar a entrar nesse jogo estúpido do senhor Ogro. Agora as coisas vão ser bem mais divertidas, o Be vai me garantir isso.

O telefone toca e era a quenga. *Droga, meu dia estava perfeito, estava tão perfeito que até encontrei o Be.* Mas, esse Ogro dos infernos tinha que estragar. Vamos lá, né, ver o que a fera quer.

Eu já tinha chegado na porta da sala dele. Antes de entrar, respirei fundo e entrei de uma vez.

— Já sei, é a minha roupa, né? Não precisa nem reclamar porque hoje nem vi a sua querida secretária. Então, não a chamei de quenga. Quer dizer, eu chamar ela assim mentalmente é crime também? — Ele me olhava com uma expressão séria. — Não é nada disso, né?

— Se eu for chamar você na minha sala por causa da sua roupa, você viria aqui todos os dias. — *Mas todos os dias eu tô vindo aqui, seu idiota.*
— Eu tenho um trabalho para você.

Vou até a cadeira e me sento de frente para ele.

— Que trabalho? — pergunto e ele pega um notebook.

— Ele está tudo aqui, você vai fazer tudo quando seu expediente acabar. — Eu estava com a boca aberta em um perfeito "O". — Quando terminar seu expediente, você sobe para a minha sala.

— Você só pode estar brincando. — Olho com indignação para ele.

— Não, não estou. E não se preocupe que você vai ganhar hora extra.
— Eu o olhava com raiva. — Era só isso, pode se retirar.

— Eu te odeio — digo me levantando.

Saio da sua sala e bato a porta com força.

— Você deveria ser mais delicada com as portas — diz a quenga e eu olho para ela.

— Por que não vai fazer um filme pornô? — Ela me olha brava e eu saio.

Chegando na minha sala vejo o Be, corro e o abraço.

— Você não sabe como eu senti sua falta, sua louca. — Ele me solta e me olha. — Pode ir abrindo o bico.

— Não foi minha culpa eu vir para cá sem te avisar. Eu perdi todos os meios de contato com você.

Ele coloca a mão na cabeça.

— Tá, eu te perdoo. — Sorrio. — Você não sabe o susto que levei quando seu primo me disse que tu veio para cá. — Ele faz cara de triste. — Mas eu fiquei mais triste porque você veio pra cá sem me arranjar aquele gato do seu primo.

— Tá se revelando de novo, é, veado?

Ele manda um beijo para mim.

— Tenho que manter as aparências pro gostoso do chefe. —
Comecei a rir. O Be é o tipo de gay que só revela que é gay para quem é mais próximo a ele. Então, é normal ver ele perto de outras pessoas fingindo que não gosta da mesma fruta. — Me diz aí, o senhor Lewis está caidinho por você, né? Ou eu tô errado?

— Se ele está caidinho por mim? Sim ou não, ele é uma pedra no meu sapato. Acredita que ele quer que eu faça hora extra? — digo com desdém.

— Menina do céu, ele está com ciúmes — ele diz com a mão na boca.

— Quê?

— Ai, fala sério, Hannah... você não percebeu? — Ele levanta as sobrancelhas. — Eu não sei se você é ingênua ou tapada.

— Dá para ser mais claro?

— Naquela hora que você tropeçou em mim e eu te segurei pela cintura, ele estava pegando fogo de raiva. E depois você me disse para te esperar pra gente conversar e ele vai e te dá trabalho extra. Vai me dizer que isso não é ciúmes? Ele só está dando esse trabalho extra pra gente não se encontrar.

É, faz sentido.

— Que veado — digo, brava.

— Ai, bem que eu gostaria que fosse — O Be diz se abanado e eu começo a rir dele.

CAPÍTULO 07

Hannah

Eu combinei com o Be dele ir lá no hotel onde eu estou para a gente conversar mais, já que no trabalho é perigoso o ogro ver a gente. Falando em Ogro, eu estou indo para a sala dele agora fazer a hora extra. A quenga não estava em seu posto, então acho que ela já foi embora. Bati na porta e fui entrando.

O Ogro estava de óculos mexendo em seu computador. Meu Santo Lobo, que homem sedutor. Ele fica lindo até de óculos. Eu me crucifiquei por ter esses pensamentos obscenos, mas o que eu posso fazer se o infeliz é um pedaço de mau caminho?

— Pode começar. — Ele empurra o notebook na minha direção.

Vou até a mesa e pego o notebook. Sento na cadeira de frente para ele e começo a fazer o bendito trabalho.

Aquele infeliz estava de brincadeira comigo só pode. Nem se eu ficar aqui a noite toda vou conseguir terminar hoje.

Passo a mão no rosto e estralo o pescoço, e pego o Ogro me encarando.

— Que foi? — pergunto com raiva.

— Está brava? — ele dá um sorriso de canto. Ai que vontade de quebrar esses dentes perfeitos.

— Você não me viu brava ainda — digo, encarando-o.

— Bem que eu queria ver — ele diz tirando os óculos. Que cara quente, senhor.

— É só continuar vivendo que você vai ver — digo revirando o olho, ele sorri. Meu Santo Lobo gostoso, me ajuda a não pirar nesse sorriso.

— Por que está tão estressada? — Ele se joga para trás.

— Está de brincadeira? — Encaro ele. — Por que estou estressada? — Ele confirma. — É porque você está respirando — digo e volto ao meu trabalho.

— Essa agressividade toda é só porque você está fazendo hora extra?

Não olho para ele.

— Essa agressividade toda é porque estou trancada aqui com você — digo e ele ri, olho para ele.

— É tão ruim assim ficar trancado comigo?

Não. Na verdade, é uma tortura psicológica ficar perto desse Ogro.

— Claro. Se for possível, eu não queria nem respirar o mesmo ar que você.

Ele sorri. Ele só sabe fazer isso? Ele olha a hora em seu relógio de pulso e se levanta.

— Tudo bem, já chega por hoje. — Desligo o notebook, fecho e levanto. Pego minha bolsa e meu celular. — O que vai fazer?

— Chamar um táxi — digo desbloqueando o celular. Ele toma o meu celular e olho para ele.

— Eu te levo.

— Nem pensar — digo e tento pegar o celular, só tento mesmo porque ele levanta o braço. Meu pai, que braço musculoso, o terno não conseguiu camuflar essa obra-prima.

— Eu disse que vou te levar e ponto final.

Bufo de frustração. Ele entrega meu celular.

Descemos até o estacionamento sem ninguém dizer nada, estávamos indo até o carro dele, ele na frente e eu mais atrás. Bateu um vento gelado e meu corpo estremeceu. Parei e olhei para os lados, tinha alguma coisa errada.

— Hannah, está tudo bem? — ele pergunta se virando e eu confirmo.

Ele volta a caminhar até o carro e eu ando mais devagar. Bate outro vento e eu respiro fundo sentindo um cheiro horrível. Eu não sei se esse cheiro pode ser definido com um lobisomem porque está muito estranho. Sacudi minha cabeça e olhei para a frente. No que olhei, vi uma aberração prestes a tacar o Ogro. O animal tinha uma aparência horrível, andava em duas patas e não tinha pelo nenhum. O cheiro dele é semelhante ao de um ômega e tinha um focinho. Ele estava em posição de atacar, então eu corro e bem na hora que aberração ia atacar, pulo na frente do Ogro e levo um golpe na barriga. O Ogro me pega e me olha surpreso.

— Você é idiota? — ele pergunta me pegando nos braços.

O animal já não estava mais ali no estacionamento e o golpe que ele me deu não me feriu a ponto de sair sangue. Ainda bem, porque como eu ia explicar para o Ogro que me regenerei? O golpe não me machucou para sair sangue, mas a aberração tem força, minha barriga está doendo muito.

— Ai! — digo com a mão na barriga. O Ogro me pega no colo e me leva para o carro, me coloca no banco e arruma o cinto em mim. Me surpreendi dele não ficar assustado com aquela coisa. Será que ele viu a aberração?

O Ogro entra no carro e o liga. Ele estava tenso, apertava o volante com força. Ele me olha.

— Eu vou te levar para o hospital — ele diz sério.

Ai, senhor, até sério ele é sexy. Mas que merda, o que tem de errado comigo hoje?

— Eu estou bem, não precisa — digo.

— Tem certeza? — ele franze a testa.

— Absoluta — digo, séria. Ele não diz mais nada, falo para ele em que hotel estou. Chegando lá ele estaciona, olho para ele e digo: — Obrigada pela carona.

Abro a porta e coloco um pé para fora e o Ogro segura meu braço. Passa uma corrente elétrica pelo meu corpo todo, só por ele ter me segurado. Olho para ele e ele tinha uma expressão confusa.

— Obrigado por hoje no estacionamento — ele diz me encarando.

— Não foi nada — digo e saio do carro de uma vez.

Corro para dentro do hotel, vou direto para o quarto. Meu coração está descontrolado só porque aquele infeliz segurou meu braço. Qual é o meu problema? Maldição. Corro para o banheiro e molho a cabeça.

Quando fico mais calma, ligo para a Dai e peço para ela vir rápido. Em poucos minutos ela já está aqui.

— O que foi? Qual foi a urgência? — ela pergunta, preocupada.

— Por acaso tem algum tipo de animal solto por aí?

Ela franze a testa.

— Se você está falando de um animal que anda em duas patas e que não tem pelo, tem um focinho e um cheiro semelhante ao de um ômega? É, tem sim.

— Olho assustada para ela. — Encontrou com um desse?

— É, mais ou menos — digo meio avoada. Olho para ela. — O que é isso?

— São experimentos mal sucedidos. Um tipo de laboratório está infectando alguns humanos com sangue de lobo e dá nisso, eles viram essa coisa

horrível. Meu irmão está investigando, ele acha que algum ômega está por trás disso, porque para essas aberrações ter o cheiro de um ômega tem que ser sangue de um lobo ômega para ter esse efeito.

— isso é assustador, o que esses caras pensam que estão fazendo?

— Toma cuidado quando encontrar eles, nós ainda não sabemos o que são capazes de fazer. Nomeamos eles de "bestas".

CAPÍTULO 08

Hannah

Hoje eu acordei em um dia nada bom, eu estou me estressando facilmente. Tem dias que você acorda um amorzinho, mais tem dias que acorda com o cão, e esse dia é hoje. Ser calma, paciente, tolerante, gentil, fofa e amável? Desconheço todas essas palavras.

Eu cheguei atrasada na empresa, para variar. Estava indo para a minha sala, e só de pensar que eu vou ter que ficar aqui depois do meu expediente, dá vontade de estrangular a primeira pessoa que aparecer na minha frente. Do nada a quenga aparece.

— Não seria uma má ideia — digo a mim mesma e ela me olha com cara de tacho.

— O senhor Lewis está te esperando na sala dele — ela diz com cara de nojo.

— Olha só senhora quenga, se eu não estivesse que ir falar com o Ogro, provavelmente estaria te estrangulando agora. — Ela fica vermelha de tão brava. — Salva pelo Ogro — digo e vou em direção ao elevador.

Estava esperando o elevador abrir e bem na hora um homem para ao meu lado. Olho para ele. Fico encarando-o, eu sei quem ele é, mas não lembro o nome. Ele me olha e sorri.

— Oi, Hannah.

Agora lembrei.

— Fábio? — Ele dá outro sorriso.

— Eu mesmo. — O elevador abre e entramos. — Vai falar com o senhor Lewis?

— Na verdade, ele que vai falar comigo — digo revirando o olho e ele ri.

— Está indo para lá também?

— Sim, só vou entregar esses papéis a ele. — Ele levanta uma pasta.

A porta do elevador abre e saímos. Estávamos na porta da sala.

— Eu vou esperar você sair, pode ir primeiro. Não tô a fim de levar bronca ainda. — Ele levanta uma sobrancelha e me puxa para dentro da sala.

O Ogro vira a cadeira e olha para mim e depois para o Fábio.

— Fábio? — ele diz, olhando para ele.

— Senhor Lewis. — O Ogro franze a testa quando o Fábio fala seu sobrenome. O Fábio vai até a mesa dele e coloca a pasta. — Só vim trazer isso aqui.

— Obrigado. — o Ogro pega a pasta e o Fábio se vira, vem até mim e diz:

— Boa sorte.

Sorrio e ele sai.

— São amigos? — o Ogro pergunta me olhando. Vou até lá e me sento na cadeira.

— Me chamou aqui para quê?

Ele franze a testa.

— Perguntei se são amigos — ele diz, sério.

— E eu não estou a fim de responder essa pergunta idiota — digo, o encarando. Ele sorri.

— Não vai sair daqui antes de me responder essa pergunta idiota.

— Olha só, acho melhor não me desafiar seu Ogro, porque não estou em um dia nada bom — digo batendo na mesa dele. — Anda logo, me diz o que quer.

— Eu acho melhor VOCÊ não me desafiar — ele diz, me encarando. — É simples, você me responde e eu deixo você sair.

— Você não pode estar falando sério — digo. Ele levanta, vai até a porta, tranca e mostra a chave para mim.

— Ainda duvida de mim? — ele pergunta e vai para a cadeira dele de novo.

— Você é um Ogro muito idiota — digo nervosa e ele sorri.

— Se acha que vai me afetar me chamando de Ogro ou idiota, está muito enganada.

Encaro ele.

— Por que quer tanto saber se sou amiga do Fábio? Você acha que tem o direito de saber?

— Acho sim, eu sou seu chefe, tenho o direito de saber se minha funcionária tem amizade com outros funcionários. Certo?

— Errado. — Ele me olha com os olhos semicerrados. — Você é muito

intrometido. — Ele sorri e balança a chave. Reviro o olho. — Eu conheci ele um dia depois que comecei a trabalhar aqui. Não sou tão amiga dele, nós nos encontramos raras vezes. — Ele sorri. — Já te respondi, agora me diz o real motivo para eu estar aqui.

— Você vem chegando muitas vezes atrasada aqui na empresa. — Reviro o olho. — Os funcionários já estão falando que eu estou passando a mão em sua cabeça e deixando você chegar na hora que quer.

— Eu não posso fazer nada, se eu dependo de táxi. Sabia que não é sempre que tem um táxi disponível no horário certo para mim?

Ele levanta uma sobrancelha.

— Eu vou tolerar esse mês, porque você está fazendo hora extra. Mas se no mês que vem continuar, vou ter que te dar mais horas extras.

Ai que vontade de arrancar a cabeça dele.

— Tudo bem. — Levanto.

— Mais uma coisa. — Olho para ele. — Você acha que vou repetir até quando sobre o assunto de suas roupas?

— Eu não sei até quando vai repetir, mas eu vou repetir sempre que eu uso o que eu quero. E não vai ser um Ogro que vai mudar o que eu visto — digo, séria. Ele sorri. — Agora eu preciso trabalhar, então abre a porta para mim.

Ele se levanta e vai até a porta, destranca-a. Vou até lá e, quando coloco a mão na maçaneta, ele coloca a dele em cima da minha. Com o toque da mão dele meu corpo arrepia todo e meu coração acelera feito doido.

— Eu acho melhor você vestir roupas decentes. Caso contrário, vou ter que castigá-la. — Engulo em seco e não consigo dizer nada. — Seja uma boa menina se não quiser ser... — ele chega no meu ouvido e sussurra — punida por mim.

CAPÍTULO 09

Hannah

Ele estava perto de mim, perto demais. Meu Santo Lobo, me ajuda a ter forças para empurrar esse Ogro. Infeliz, extremamente ghost.... *Hannah, se acalme sua pervertida. Respira fundo e empurra ele.*

— Está com calor, Hannah? — ele diz em meu ouvido, meu corpo estremece. Há seu filho da puta...

Fecho os olhos, suspiro fundo e empurro ele, encarando-o com a minha melhor cara de brava.

— Você pensa que é quem, seu Ogro infeliz?

Ele dá um sorriso de lado.

— O que quer que eu seja? — *Ah, meu Santo Lobo, ele está mesmo me fazendo essa pergunta? Sério?*

Encaro ele e não digo nada, me viro e saio da sala batendo a porta. A quenga me olha com uma cara horrível.

— Juro que se falar alguma coisa você vai ficar sem seus preciosos dentes

— digo e vou para o elevador sem dar tempo dela falar nada.

Vou direto para a minha sala e encontro com o Be sentado na minha cadeira. Ele me olha e franze a testa.

— O que aconteceu? Por que está brava?

Passo a mão a cabeça.

— Sabe, qualquer hora eu ainda mato aquele Ogro — digo e ele sorri.

— Faz isso não menina, preciso dar uns pega nele ainda.

Sorrio.

— Só você mesmo para me fazer sorrir. — Ele joga um beijo no ar. — Mas me diz, o que está fazendo aqui em horário de trabalho?

— Vim te pedir um favorzinho. — Ele dá um sorriso e sei que vem bomba.

— Já vou avisando que não vou jogar o Ogro em cima de você. — Ele sorri.

— Bem que queria, mas não é isso. Eu queria dividir um apartamento com você. Sorrio.

— Mas ainda nem encontrei um.

— Não importa, quando você encontrar. E aí, topa?

Coloco a mão no queixo e finjo pensar.

— É claro, né? — Ele pula da cadeira e me abraça.

— Por isso que te amo. — Ele me dá vários beijos. — Tá, agora tenho que ir trabalhar — ele diz, me dá outro beijo e sai.

Sento na minha cadeira, pego o celular e mando uma mensagem para a Dai.

Eu: Dai, se você ainda estiver procurando um apartamento para mim, pode ser um grande. Não vou morar sozinha.

Dai: Como assim? Quem mais vai morar com você?

Eu: Um amigo, depois te apresento ele.

—

Meu expediente tinha acabado, e um milagre aconteceu. A quenga avisou que o Ogro falou que eu não ia fazer hora extra hoje, porque ele tinha um compromisso. Melhor para mim.

Peguei o primeiro táxi e fui para o hotel. Logo que chego, vejo a Dai saindo do carro. Ela vem de encontro comigo e me abraça.

— Tenho uma notícia boa.

Sorriso.

— Vamos entrar, então. — Fomos até o quarto que eu estava e nos sentamos na cama. — Então?

— Naquela hora que você me mandou a mensagem, já fui procurar um apartamento para duas pessoas, apesar de que nesse cabe mais de uma.

— Não precisar ser tão grande, Dai.

Ela dá de ombros.

— Não faz diferença, o bom é que eu achei. — Sorrio. — O apartamento foi desocupado ontem, e o melhor ainda é que é do lado do meu.

Desmancho o sorriso.

— A fala sério, Hannah, você não vai querer morar do meu lado?

— Não é isso, é que eu preferia ficar o mais longe possível do alfa.

Ela revira o olho.

— Não liga pra isso, sua chata. — Dou um suspiro e me jogo na cama. — Por que quer ficar longe do alfa?

— Sério mesmo que está me perguntando isso? — Ela ri. — Eu vivo aprontando. Sem mesmo eu perceber já cometi um crime, e ficar perto do alfa só vai me ferrar mais ainda.

— Quanto a isso, fica tranquila, eu te protejo. — Olho para ela e rimos ao

mesmo tempo. — Mais uma coisa: você vai...você vai conhecer o meu irmão hoje.

Olho assustada para ela.

— Tá brincando — digo, colocando a mão no rosto. — Logo hoje que não estou em um dos meus dias melhores. E a que horas vai ser isso? — Olho para ela, ela olha no relógio.

— Daqui a 30 minutos.

Pulo da cama e vou para o banheiro. Eu nunca tomei um banho tão rápido em toda a minha vida, a Dai devia ter me dito antes. Visto uma blusa branca de alcinha e uma saia preta rodada, um palmo acima do joelho.

—

Estávamos na sala do apartamento da Dai, isso aqui é lindo e bem espaçoso. Olho para ela.

— Quer dizer que vou morar aqui ao lado?

Ela sorri.

— Sim, senhora. — Ela olha para um canto. — Oi, Fábio. — Olho rápido e ele sorri para mim.

— Você! — digo, surpresa, e a Dai me olha.

— Você conhece o Fábio? — ela pergunta, assustada.

— Conheci ela na empresa Lewis — o Fábio diz.

— Ai, meu pai, você trabalha na empresa Lewis?

Não entendi o espanto dela.

— Sim, Dai — Digo e olho para o Fábio. — Vai me dizer que você é um...

— Lobo — ele completa e sorri. — Sou o beta do alfa.

Olho para a Dai e ela parece impaciente e nervosa.

— A Daiana trouxe a novata? — Ouço uma voz que eu tenho certeza absoluta de quem era, mas não estava acreditando. O dono da voz entra na sala, nós nos olhamos espantados. — Hannah. — ele diz, surpreso.

Eu vou ter um colapso a qualquer momento.

CAPÍTULO 10

Hannah

— Eu vou ter um colapso a qualquer momento — digo encarando o Ogro. Isso só pode ser castigo.

— O que ela está fazendo aqui, Fábio? — ele pergunta, sério.

— Ela é a mulher que eu te falei — o Fábio diz, calmo.

— Não. — Ele me olha. — Eu não aprovei ela vir para a minha alcateia.

— Aprovou, sim — a Dai diz.

— Não — o Ogro diz, olhando para ela.

— Na boate, lembra? Eu te falei, e lembro muito bem que você tinha aprovado — diz o Fábio.

— Eu estava bêbado, porra! — diz o Ogro e eu sorrio.

— Ainda assim aprovou — diz o Fábio. O Ogro passa a mão no rosto e me olha, sério.

— Por que te expulsaram da alcateia?

Levanto uma sobrancelha.

— Motivos pessoais.

Ele falta voar na minha garganta.

— Olha só Hannah, não me provoca que eu não estou legal, não me faça perder a paciência com você — diz o Ogro todo agressivo.

— Olha que coincidência, eu também não estou legal — digo e ele aperta o punho.

— Ela foi expulsa por desobediência — diz o Fábio, e o Ogro olha para ele com desprezo.

— Você coloca uma pessoa desobediente dentro da minha alcateia, Fábio? Você está de parabéns.

— Você aceitou — diz o Fábio levantando as mãos.

— Porra, eu estava bêbado! — ele repete, estressado. Ele me olha. — Eu não sei como funcionava na alcateia de onde você veio, mas eu acho melhor você andar na linha aqui.

Sorrio.

— Não se preocupe. Você acha mesmo que eu vou ficar na sua alcateia?

Ele franze a testa.

— Hannah, do que você está falando? — a Dai me pergunta, preocupada.

— Eu não aguento ele como meu chefe, que dirá como alfa — digo. — Prefiro virar uma ômega rebelde, que não tem uma alcateia, do que ficar presa a esse Ogro. — Ele me olha com raiva e eu coloco a mão na boca. —

Opa, acho que devo desculpas aos ogros, até porque comparar você como um deles é ofensa. — O Fábio e a Dai não aguentam e riem.

— Por mim você pode ir embora — Ogro diz.

Sorrio e me viro, mas bem na hora a Dai me segura.

— Olha só, David, se você deixar ela ir você pode me considerar uma ômega, porque eu vou com ela — a Dai diz séria olhando para o Ogro.

— Quê? Ficou doida, Dai? — pergunto. O Ogro me olha com o maxilar trancado.

— Não ouse sair da alcateia — ele diz e eu quase gargalho ao ver a determinação dele em me deixar ficar só para não ver a irmã ir embora comigo. Ele olha para o Fábio. — Não bastava a Dai, você tinha que me achar outra doida.

— Hei, eu tô aqui, seu idiota — digo, ele me olha e revira o olho. A Dai me abraça.

— Você não vai embora, Hannah — ela diz me apertando e eu sorrio.

— Quero falar com você — o Ogro diz, me olhando. Eu ia abrir a boca e ele diz: — não ouse falar nada, só me acompanhe. — Ele se vira.

— Arrogante — digo e o acompanho até uma sala. Era um escritório, pequeno, mas bem organizado. — O que quer? — pergunto quando ele fecha a porta.

— Não pense que só porque minha irmã ameaçou de ir embora com você, que eu vou pegar leve.

Sorrio.

— Pensa bem, se eu for embora ela vai comigo. E eu vou fazer de tudo para que nunca mais ela venha te ver de novo, queridinho. — É, eu estava me

aproveitando da situação e, o pior, estava adorando. — Já pensou, você não ver nunca mais a sua Irmã? Que lástima!

Ele me empurra e eu encosto na parede, ele tinha as mãos apoiada na parede me imprensando.

— Já disse para não me provocar, Hannah — ele diz sério olhando nos meus olhos. Sorrio e ele fica mais puto. — Qual é o seu problema?

— Quem devia perguntar isso era eu — digo, encarando-o. — Sai de perto de mim.

— Não — ele diz com uma sobrancelha erguida.

— Eu não vou falar mais de duas vezes — digo, encarando-o. — Sai de perto de mim.

— Ou o quê? — Ele parecia analisar a minha reação. — Vai levar minha irmã embora? Vai esconder ela? Vai, me diz Hannah, me diz o que vai fazer. — Ele parecia bem bravo, então dou outro sorriso e foi como dar um tapa em seu rosto.

— Já entendi. — Começo a rir. — Você está tentando me intimidar... sinto muito, mas não vai funcionar.

Ele franze a testa e pega na minha cintura.

— Você está certa, acho que fazer você sentir medo não vai dar certo. — Ele chega perto do meu ouvido e eu consigo sentir sua respiração bater em minha pele. Eu comecei a arrepiar e meu coração acelerou, comecei a tremer e minhas mãos a suar. — Então, vou fazer você sentir outras coisa. — com aquela voz rouca no meu ouvido as minhas pernas até amoleceram.

— Qual é o seu problema? Por que faz isso?

Ele aperta mais a minha cintura e me olha.

— Eu já te disse, Hannah. Eu estou empenhado em te controlar. Não acha que só porque você é uma loba, que vou desistir. Pelo contrário, isso só me motiva mais ainda — ele diz sério, me olhando.

— Você é idiota? Eu já disse que não vai conseguir. — Ele sorri. — Eu te odeio.

— Mais um motivo para continuar. — Ele chega perto do meu ouvido e pega na minha coxa me fazendo ter mil pensamentos obscenos. Meu Santo Lobo, me segura senão faço besteira. — Me diz, Hannah... o quanto você me odeia? — ele pergunta roçando seus lábios na minha pele. Droga. — Você realmente me odeia? — Ele levanta uma perna minha e encaixa seu corpo, colando no meu, e dá um beijo no meu pescoço me fazendo entrar em êxtase. *Hannah, você não é assim, empurra esse filho da puta.... Droga, aonde foram parar minhas forças?* — Diz que me odeia agora.

— Eu... eu te odeio — digo com a respiração começando a se descontrolar. Meu lobinho lindo, maravilhoso, gostoso me ajuda a sair dessa perdição.

— Então vou continuar, até você me dizer que não me odeia — ele diz, roçando seus lábios no meu pescoço e meu corpo se arrepiava mais ainda.

— Desiste logo... seu infeliz... eu vou falar... que te odeio... sempre.

Ele aperta a minha cintura.

— Então, vou continuar até não ter mais voz.

Junto forças de Nárnia e o empurro. Ele me olha sem entender e eu dou um tapa em seu rosto.

CAPÍTULO 11

David

Desde que conheci a Hannah, ela me intrigou, não só por sua beleza de mulher, mas pelo que ela me fez sentir. Sinto que devo dominá-la. Eu quero ela para mim. Mesmo eu vendo que isso não será possível, eu vou fazer tudo ao meu alcance para ter poder tê-la.

A

o bater os olhos na Hannah, senti que devia dominá-la. Esse desejo sedento começou a crescer. Não só esse desejo, mas depois que ela chegou em minha vida muitos outros sentimentos que estavam obscuros começaram a aparecer também. Ao chegar perto dela, meu coração disparava, eu suava e ficava nervoso, isso me assustou. Eu comecei a me perguntar se a minha companheira estava por perto, isso era a última coisa que eu queria que acontecesse. Comecei a ligar os pontos e cheguei a pensar que a Hannah era a minha companheira. O pior não era só esse pensamento, o pior era que eu queria que fosse ela. Isso me assustou mais ainda, e eu fui a trás de reforçar o feitiço. Ele não é bem eficaz, mas está dando para esconder o cheiro.

Não eu não uso um feitiço só para eu não achar a minha companheira e sair pegando geral. Acredite, não sou assim, vou explicar o motivo para eu usar um feitiço.

É o seguinte, o motivo é simples: só estou protegendo a minha companheira. De que eu a estaria protegendo? De mim mesmo. Sou o tipo de cara que se apega rápido demais, me apaixono rápido demais. O amor não é um conto de fadas. O amor machuca, eu machuco. Tenho certeza de que a minha companheira não iria gostar do tipo de cara que eu sou. Sou um cara que cuida do que é meu, e acho que outras pessoas chamam isso de possessão. Em outras palavras, sou possessivo ao nível extremo. A verdade é que, sem ao menos conhecer a minha companheira, eu já a protejo e me importo.

E foi por isso que me assustei com a Hannah. Ela já chegou sem pedir licença

e me fez sentir a mesma coisa que eu sinto por minha companheira, que eu nem conheço. Eu senti que queria protegê-la, eu me importo com ela. E por eu me importar com a Hannah que a trato assim? Faço ela ver o meu pior lado para não ter o risco dela se apaixonar por mim? Convencido? Não... Prevenido? Sim.

Não sei se vão entender. Eu não quero me envolver com a Hannah, mas também não quero me distanciar. É difícil explicar. O problema é que eu já estou fora de controle, eu já tenho interesse nela mais do que devia. Tenho medo de me apaixonar, mas correrei o risco. E se me apaixonar? Bom, acho que vou saber o que fazer quando isso acontecer.

Confesso que fiquei feliz ao saber que a Hannah era como eu. Fiquei mais feliz ainda porque vou poder mandar e desmandar nela, nem que seja um pouquinho, mas vou conseguir. Vou usar meu poder como alfa para fazer isso. O meu interesse em dominá-la não é porque sou possessivo... Tá, só um pouquinho, mas foi porque eu vi que ela é um desafio e eu gosto de desafios.

Não me surpreendi ao saber que a Hannah foi expulsa da alcateia da Flórida por falta de obediência. Ela é muito impulsiva, já deu para perceber. Ela é doida, e me preocupa muito ela estar junta com a Dai, que é do mesmo jeito. Sei que nada vai prestar quando elas estiverem juntas.

Tentei deixar a Hannah com medo e não consegui. Então, tentei provocá-la, fiquei surpreso ao ver que estava conseguindo. Ver ela arfar por estar perto demais de mim. Ver ela se arrepiar com o beijo que dei em seu pescoço fez com que eu a desejasse mais e mais. Só que eu fui longe demais, falei coisas que não devia e ela deu um tapa no meu rosto. Pensei que ela ia me xingar ou até mesmo me bater mais, mas não, ela não fez nada. Ela simplesmente se virou e foi embora e eu fiquei que nem um idiota sorrindo e massageando o lugar onde ela me bateu.

Sou perverso? Ou idiota? Acho que um pouco de cada, pois eu gostei do que ela fez. Agora, eu sei que consigo mexer com ela e isso muda muita coisa em meus planos.

— Não vai me dizer que levou um tapa da Hannah! — o Fábio fala entrando no escritório. Quando ele me vê começa a rir. — Agora entendi porque saía fogo pela boca dela quando passou pela sala. — Sorrio. — Pensei que estaria bravo por ela estar na alcateia.

— Fiquei surpreso naquela hora, mas nem um pouquinho bravo — digo.
— Pelo ao contrário, estou muito feliz.

— Sabia que aquilo era um teatro seu — o Fábio diz e eu sorrio. — Você sabe que isso é perigoso, David. Não brinca com essa mulher. Pensa bem, e se ela for realmente a sua companheira?

— Em primeiro lugar, não estou brincando com ninguém, em segundo, não sou louco de brincar com uma mulher como a Hannah, o tipo de mulher que a Hannah é são as mais perigosas. — O Fábio ri. — Em terceiro, se ela for mesmo a minha companheira, vou fazer com que ela não descubra e vou protegê-la com a minha vida, se for preciso.

CAPÍTULO 12

Hannah

"Então, vou continuar até não ter mais voz." Aquela frase me assombrava e não me deixava dormir. Que Ogro filho da puta...

Sabe qual é a parte ruim em tudo isso? É que eu estava gostando, droga.

— HAAAAAAA, eu te odeio, David! — grito contra o travesseiro, levanto, sento na cama e fico olhando para o nada, assustada. Sério isso? Sério que eu chamei o Ogro pelo seu nome? — Eu me odeio. — digo chorosa. Deito-me na cama abraçando o travesseiro.

///

Hoje acordei cedo, e ainda bem que consegui dormir ontem. A verdade é que pensei que não ia pregar o olho. Hoje estava com um vestido branco rodado, ele é justo até a cintura e o resto é rodado até na altura da minha coxa.

Eu estava entrando na empresa e só de pensar que o infeliz do Ogro não é só o meu chefe como também é meu alfa, me dá calafrios. Meu celular começou a vibrar. Peguei e vi que era uma mensagem da Dai.

Dai: Já arrumei toda a papelada, você muda hoje pro apartamento. Não se preocupe, eu vou fazer toda a mudança, vou passar aí na empresa para pegar a chave do quarto do hotel, ok?

Eu: Tudo bem.

Quando acabei de enviar a mensagem, meu rosto vai de encontro com um peitoral, um peitoral bem duro, por sinal. Levanto o rosto e vejo o Ogro me olhando sério.

— Bom-dia, senhor Lewis — digo com a voz mais fina possível e um sorriso falso. Ele levanta uma sobrancelha. — Desculpe por não ter te visto.

— Você aprontou alguma coisa? — ele pergunta, sério.

— Mesmo se eu aprontasse, não me preocuparia em falar com você, seu idiota — digo e ele sorri.

— Agora voltou ao normal.

Que sorriso lindo.

— Eu te odeio — digo pensando alto demais e ele dá outro sorriso. Seu infeliz do sorriso perfeito. Ele me olha dos pés à cabeça e fica com uma expressão horrível, deu até medo agora. O Be passa do meu lado e eu o agarro pelo braço. — Preciso falar com você.

O Be olha para mim assustado. Olha para o Ogro e fica mais assustado.

— Bo... bom-dia, senhor Lewis — ele diz todo nervoso. Olho pro Ogro e vejo fogo em seu olho.

— Bom-dia — ele diz e sai rápido.

— É, eu tenho uma coisa muito séria para te dizer também — o Be diz, me olhando sério.

Puxo-o até a minha sala.

— Fala — digo, curiosa.

— Você tem que parar com isso — ele diz e eu fico sem entender nada. — Hannah, por Deus, tu é mais lerda do que a minha avó, meu amor. — Ele passa a mão na cabeça. — Não sei se percebeu... mas está obvio que não... Enfim, quando estou perto de você o Sr. Lewis só falta me matar com os olhos. E vou te contar um segredo: ele está me dando medo. Então, para de ficar perto de mim quando ele está vendo, principalmente quando ele estiver olhando. — Começo a rir freneticamente. — Sua louca, eu estou falando sério, para de rir.

— Você... só pode estar... usando droga — digo rindo. Ele segura meus dois braços, me olha sério e eu até paro de rir.

— Não, quem está usando droga aqui é você — ele diz e eu sorrio.

— Para de se preocupar com aquele Ogro, Be. — Ele me solta e suspira fundo. — O Ogro só late, não morde.

— Tem certeza? — ele pergunta.

— Não. — Ele se assusta e eu rio, ele bate no meu ombro. — Olha só, se acalma, tá? Ele não tem motivos para avançar em você.

— Espero que esteja certa. — Sorrio. — Fala o que ia me falar.

— Encontrei um apartamento, quer dizer a Dai encontrou. — Ele dá um gritinho e pula em cima de mim. Do nada ele me empurra e me olha sério.

— Epa, quem é Dai? — sorrio.

— Uma amiga... irmã do Ogro...

— HAAAAA. — Ele grita e coloca a mão na cabeça. — Quê? Gata, repete. Sua amiga é irmã do gostosão?

Começo a rir.

— É.

Ele sacode a cabeça.

— Tá, vamos manter o foco. Aonde é esse apartamento?

— Bom, é no mesmo prédio do Ogro. — Ele se assusta. — Na verdade, o apartamento é do lado do apartamento dele. — Ele coloca a mão no peito.

— Bernardo, mantenha a calma. — Ele respira fundo e fecha os olhos. — Eu morando ao lado de um gostoso daqueles. Meu Pai, o senhor ouviu minhas preces, foi? — ele abre os olhos e me olha assustado. — Espera aí... Olha, eu estou muito feliz por ir morar ao lado do gostosão... mas ele vai me matar, Hannah.

— Be, você ficou louco? Por que está dizendo isso?

Ele coloca a mão no rosto.

— Dá vontade de bater em você para ver se essa lerdeza some, Hannah. — Ele me olha. — Vou tentar esclarecer o máximo possível as coisas para

você, só que eu não posso fazer todo o trabalho, você tem que cair na real sozinha. — Ele respira fundo. — Aparentemente, em vez do gostosão estar interessado em mim, ele está interessado em você. E pelo que eu vi ele não gosta que outro homem chegue perto de você. Infelizmente, ele não sabe que eu sou gay, então ele me considera um inimigo. Sabendo isso, pensa comigo agora: o que ele vai fazer comigo ao saber que eu vou morar com você?

Fiquei olhando que nem uma idiota para ele.

— Ou você está muito drogado ou eu estou ouvido coisas.

— Para de ser idiota, Hannah. Você já percebeu também, ele está a fim de você. — Ele estala o dedo.

— É, eu percebi, mas eu achava que era um jogo que ele fazia com qualquer uma.

— É, mas esse jogo está sério demais. Está tão sério que já está numa fase que ele tem ciúmes de você.

Sacudo a cabeça.

— Sendo verdade ou não o que me disse, você vai morar comigo. E se esse papo doido seu for verdade... Bom, eu dou conta daquele Ogro. — Ele dá um suspiro, olho pra ele. — Be, eu realmente espero que esteja drogado e que tudo que me disse não passe de uma besteira sem sentido.

CAPÍTULO 13

Hannah

Um pouco antes do almoço a Dai passou aqui para pegar a chave e eu já aproveitei e apresentei ela ao Be. Aparentemente, eles se deram muito bem.

Já tinha acabado meu expediente, o que significa que vou para a jaula do Ogro. Arrumei minha mesa e meu celular vibra. Pego e vejo que é mensagem da Dai.

Dai: Consegui fazer toda a mudança hoje, o que significa que no hotel não tem mais nada seu. O apartamento é todo mobiliado, mas tem caixas esparramadas por todo lugar. Prometo que ajudo você a arrumar, mas hoje não dá mais, estou morta.

Eu: Você já fez demais, Dai, muito obrigada. Não vou arrumar o apartamento tão cedo, vou esperar o Be se mudar para arrumar tudo de uma vez, não se preocupe.

Dai: Ok. Eu vou te esperar no seu apartamento.

Eu: Vou demorar um pouco, tenho hora extra com o Ogro do teu irmão.

Guardo o celular e vou para sala do infeliz. Bato na porta e logo em seguida entro. Ele estava sentado em sua cadeira com um terno preto apertado, como sempre. Parece que ele faz questão que vejam que ele tem músculos. Como odeio ele.

Ele me olha com uma sobrancelha erguida sem dizer nada e volta a mexer nos papéis.

Vou até sua mesa, me sento na cadeira e abro o notebook. Enquanto fazia o meu trabalho, ele parava de mexer nos papéis de 5 em 5 minutos e me olhava. Aquilo já estava me deixando nervosa. Bem na hora que ele para eu paro também e o olho.

— Se quer dizer alguma coisa, fala logo. Porque já está irritando você ficar me olhando.

Ele coloca uma mão no queixo e sorri.

— Não quero falar nada. — Franze a testa. — Só queria te olhar.

— De 5 em 5 minutos?

Ele dá um sorriso de lado. Meu Santo Lobo... todas as formas que ele sorri... é um sorriso mais lindo que o outro.

— Para você ver a minha necessidade em te olhar. — Seu infeliz de uma figa. Respiro fundo e volto para o trabalho. Ele continuava me olhando, mas agora não tinha um intervalo de 5 minutos. — Hannah.

— Você disse que não queria falar nada — digo, encarando-o.

— Mudei de ideia. — Encosto na cadeira. — Fiquei sabendo que vai morar do lado do meu apartamento — ele diz com um sorriso sapeca.

— É, eu vou, só que fique você sabendo que é contra a minha vontade. — Ele sorri. — Só vou morar lá porque o apartamento é grande e porque sua irmã me pediu.

Volto ao meu trabalho e ele ainda não tirava os olhos de mim. Isso é muito constrangedor, meu pai. Me diz: como você iria reagir com um homão desses te olhando?

— Hannah. — Olho para ele. — Você realmente não me leva a sério, não é mesmo?

— É claro que não. Como eu ia levar a sério um Ogro como você? — Ele levanta uma sobrancelha. — Mas do que está falando?

— Deixa quieto, vou te fazer lembrar outra hora — ele diz sério e eu fico boiando. Eu não sei, mas estou quase acreditando no Be. Acho que eu sou lerda mesmo.

—

Já tinha umas duas horas que estávamos na sala e do nada o Ogro levanta.

— Tá, chega. — Ele começa a guardar os papéis e eu fecho o notebook.

Acho que vindo aqui mais umas duas vezes consigo finalizar. — Você vai pro prédio?

— Sim — digo, guardando o celular.

— Eu te levo. — Encaro ele.

— Eu vou chamar um táxi — digo e ele revira o olho, pega o meu braço e me puxa para o elevador. — Você pensa que é quem, seu Ogro?

— Eu sou o seu chefe e seu alfa, eu vou te levar e ponto final. — Como deu vontade de pular no pescoço dele! — E para de me olhar assim. Você está morando no mesmo prédio que eu, não custa nada aceitar a minha carona.

— Custa sim. — Ele me olha. — Da última vez tive que te salvar de uma besta.

— Não pedi para entrar na minha frente — ele diz, sério e frio.

— É, eu deveria ter deixado e assistido você sendo despedaçado por aquela aberração. — O elevador abre e saímos.

— Acredite, quem ia ser despedaçado era a besta e não eu — ele diz ainda me puxando e indo em direção ao estacionamento.

— Ah, com certeza ia ser você seu idiota. Você nem tinha percebido a presença dele — digo, ele para e pega nos meus dois braços me olhando.

— Confesso que não senti a presença dele, mas foi culpa sua.

Olho para ele com indignação.

— O que eu tenho a ver com isso, pode me explicar? — ele revira o olho e me puxa até o carro, abre a porta e eu entro sem ter opção. Ele fica por cima de mim para colocar o cinto, tomo o cinto da mão dele. — Não sou criança, sei colocar um cinto de segurança. — Ele sai de cima de mim e fecha a porta. Arrumo o cinto e ele entra. Ele coloca a chave no contato e me olha.

— O quê? Não vai me dizer que esqueceu como se dirige? — digo e ele revira os olhos.

— Não esqueço essas coisas assim. Agora, você esquece até as coisas mais simples — ele diz sério e liga o carro. Ele está muito sério e isso me assusta.

Logo chegamos no prédio, ele estaciona o carro. Saí e dei a volta para o lado onde ele estava. Ele sai do carro e me olha com uma sobrancelha erguida.

— Do que você estava falando àquela hora, quando insinuou que eu esqueço das coisas mais simples?

Ele me olha dos pés à cabeça.

— Sério que se esqueceu mesmo? — franzi a testa, e bem na hora ele me empurra contra o carro. — Lembra quando eu perguntei se você me leva a sério e você não sabia do que eu estava falando e eu te disse que ia te fazer lembrar? Pois bem, vou fazer você se lembrar agora. — Ele segura com uma mão em minha cintura e meu coração dispara feito louco. — Esse vestido Hannah, ele está muito colado aqui em cima. — Meu vestido não tinha decote, mas era como se tivesse sob o olhar dele. De alguma forma, só dele me olhar daquele jeito fez com que minhas pernas falhassem. — E aqui. — Ele pega na minha coxa. No instante que a mão dele toca a minha pele, o meu corpo todo se arrepia. — Está muito curto.

CAPÍTULO 14

Hannah

Naquele instante minha respiração falhou, meu corpo se arrepiou, meu coração acelerou, minhas mãos tremeram e minha perna amoleceu.

— Não toca em mim — digo com os olhos fechados. Sinto ele se aproximar do meu ouvido.

— Por quê? Por que eu mexo com você? — cadê minhas forças de Nárnia nessa hora? — Já te disse para não usar roupas desse tipo. Se você teimar em usar, vou fazer com que sofra com as consequências, do meu jeito — ele diz sussurrando em meu ouvido.

Ele aperta minha cintura com as duas mãos e me puxa para mais perto. Ele começa a roçar seus lábios no meu pescoço e meu corpo amolece. Sinto minhas forças de Nárnia chegando, então consigo empurrar ele e saio correndo que nem diabo correndo da cruz. Por sorte, consegui pegar o elevador aberto. O elevador fecha sem dar tempo do Ogro entrar. Quando abre a porta, vou correndo para o meu mais novo apartamento, abro a porta entro e fecho ela rápido. Encosto na porta e tento controlar a minha respiração.

— Hannah? — A Dai me vê e se assusta. Ela me conduz até a cozinha, me sento na cadeira. — O que aconteceu? — Ela me entrega um copo de água e eu bebo. — Parece que estava fugindo de um pedófilo. — Na hora engasguei com a água. — Ai meu Deus, sério? Você fugiu de um pedófilo? Respiro fundo.

— Na verdade, é quase parecido com isso. — Ela franze a testa. — Esquece. — Levanto da cadeira e olho em minha volta. — É, está muito bagunçado.

— Eu te avisei — ela diz e dá de ombros.

— Dá para esperar o Be, acho que ele vai se mudar logo — digo e vou para a sala. Tiro umas caixas do sofá e me sento.

— Se quiser, eu posso ajudar ele — a Dai diz sentando no sofá.

— Eu vou falar com ele. — Jogo meu corpo para trás.

— O Be... ele... ele... como eu posso dizer... ele...

— É lindo? — A Dai ri e concorda.

— Eu também acho, mas, para a nossa infelicidade ele é gay. — A Dai dá um pulo no sofá e eu começo a rir.

— Tá brincando, né?

Sorrio.

— Não. Olha, só eu só contei pra você, não diz a ninguém, tá?

Ela sorri.

— Tudo bem. Então, ele não é um gay assumido?

— Ele é. Ele só esconde isso porque ele acha que pode afetar o trabalho dele — digo.

— Falando em trabalho, você veio com quem?

Olho pra ela.

— Vim da empresa até aqui correndo do pedófilo.

Ela ri.

— Ah, daqui a duas horas mais ou menos, vai lá em casa.

Olho para ela assustada.

— Pra quê?

Ela suspira fundo.

— É uma reunião pra falar sobre a besta. Aparentemente, o Fábio conseguiu umas informações — ela diz e eu concordo.

—

Tomei banho e vesti uma blusa preta, manga três quartos e um short curto

jeans. Peguei meu celular e fui até o apartamento ao lado. Antes de eu tocar a campainha a Dai abre a porta.

— Eu já estava indo te chamar. — Ela me puxa para dentro do apartamento.

Vejo o Fábio sentado no sofá. Quando ele me vê sorri, do nada sai uma loira oxigenada da cozinha. Meu Santo Lobo, ela é outra versão da Mônica. Ela me olha dos pés à cabeça.

— Quem é essa? — ela pergunta com desprezo. O Ogro entra na sala. Ele me olha e meu coração dispara. Ele me olha dos pés à cabeça e sacode a cabeça.

— O que você está fazendo aqui? — ele pergunta me olhando sério. A Dai entra na minha frente.

— Eu chamei ela.

O Ogro passa a mão na cabeça.

— Alguém pode me dizer quem é essa aí? — a loira oxigenada pergunta "essa aí"? Eu vou matar essa mulher.

— Ela é nova na alcateia, o nome dela é Hannah.

Ela faz uma cara de quem lembrou de alguma coisa.

— Ah, lembrei, o David me falou de você — ela diz me olhando. — Meu nome é Carol. — Levanto uma sobrancelha e não digo nada.

— Vamos começar logo — a Dai diz e todos nós nos sentamos no sofá.

— Então Fábio, o que descobriu? — o Ogro pergunta.

— Bom, foi confirmado que as bestas são experiências que não deram certo. O pior é que essas bestas não conseguem voltar para sua forma humana, eles são verdadeiras aberrações, eles não têm capacidade de pensar e obviamente

já perderam sua humanidade. — Ele respira fundo. — Sabendo disso, temos que encontrar o laboratório onde estão sendo realizadas essas experiências. Encontrando o laboratório, nós conseguimos encontrar o lobo que está disponibilizando o sangue para a experiência. Nós contamos com o seu grupo de caça, Carol.

Entendi, então ela é a líder da matilha.

— Pode deixar comigo — ela diz, confiante.

— Eu posso ajudar se quiserem — digo e todos me olham.

— Você iria ajudar em quê? — o Ogro pergunta debochando e a quenga 2 ri. Legal, vou chamar ela de quenga 2. Sorrio.

— Posso ajudar a encontrar o tal laboratório.

A oxigenada me olha.

— Qual era o seu posto na antiga alcateia de onde foi expulsa? — ela pergunta sobressaindo o "expulsa".

— Rastreadora. — Aparentemente, o Fábio, a Dai e o Ogro se assustam e a oxigenada ri.

— Você, rastreadora? Conta outra, garota — ela diz.

— Tá duvidando do meu potencial, quenga 2? — digo e a Dai cai na risada. O Fábio e o Ogro se seguram.

— Quenga 2? — ela faz cara de brava.

— Ah, desculpa, você tinha que ser a 2 porque a 1 é a Mônica. — Dou de ombros e a Dai não para de ri.

— Garota, você pensa que é quem? — Ela levanta me encarando. Levanto também.

— Eu? Hannah Backer. — Ela ia avançar em mim, mas o Fábio a segura.

- Nossa, cuidado que a loba tá com raiva.
- Hannah. — o Ogro me chama, olho pra ele. — Se contenha. — reviro os olhos e me sento. — Você vai ajudar, no próximo final de semana a gente vai a trás deles. O que você precisa para rastrear?
- Qualquer coisa, até sangue vale — digo e a quenga 2 parece ficar com raiva por eu participar.
- Só os predadores de grande porte conseguem rastrear pelo sangue. Não brinque comigo, garota — a quenga 2 diz.
- Não brinca comigo você. Já que só predadores de grande porte conseguem rastrear pelo sangue, por que acha que eu não seja uma predadora de grande porte?

CAPÍTULO 15

Hannah

- Por que acha que eu não seja uma predadora de grande porte? — pergunto encarando-a e ela sorri.
- Porque você não tem potencial algum para isso.
Sorrio.
- Sabe para que eu não tenho potencial? — ela me encara. — Para aguentar pessoas como você.
- Hannah. — O Ogro me chama e a quenga 2 fica se contorcendo de raiva. — Chega, Hannah.

— É, chega. — Levanto e saio do apartamento. Estava entrando no meu apartamento e quando ia fechar a porta um pé me impede. Olho para ver quem é. — Você sabe que eu posso arrancar seu pé fora se não tirar daí, não é mesmo?

O Ogro empurra a porta e entra no apartamento.

— Está muito agressiva — ele diz indo em direção ao sofá da sala e se sentando.

— E você muito folgado. O que quer? — Vou até ele e fico de pé diante dele. Ele me olha dos pés à cabeça. — Não vai me dizer que veio reclamar da minha roupa.

— Na verdade não, não me importo de se vestir assim, contanto que não saia do prédio.

Reviro os olhos.

— Você está parecendo o meu dono — digo e ele sorri. — Me diz logo o que veio fazer.

— Senta aqui. — Ele bate em um lugar do lado.

— Acha que sou idiota? — Ele sorri. — Não correrei o risco de ficar tão perto de você, fala logo o que quer. — Ele suspira.

— Você era a única da alcateia da Flórida que é rastreadora? — ele pergunta sério.

— Na verdade, não. Tem outros, mas eu era considerada a melhor.

Ele franze a testa.

— Não entendo. Se você é tão boa como rastreadora, por que te expulsaram?

— ele pergunta sem me olhar.

— A verdade é que o alfa não queria me expulsar, mas a infeliz da Luna,

sim. — Ele me olha com uma sobrancelha erguida. — Eu não desobedeci ninguém, o problema é que a Norah, ela tinha raiva de mim de alguma forma. Eu perdi a paciência com ela e comecei a discutir, xinguei ela na frente do alfa. Ele não teve escolha a não ser me expulsar.

— Então, há uma possibilidade deles te quererem de volta — ele diz sem me olhar. Começo a rir, ele me olha.

— Pedir para eu voltar? Só se estiverem bem desesperados.

O Ogro ri.

— Quem sabe eu me livre de você de uma vez.

Levanto uma sobrancelha.

— É, quem sabe? — digo e ele se levanta.

— Vê se não se atrasa amanhã, você vai comigo.

Eu ia protestar, mas ele sai do apartamento antes.

O meu apartamento era muito grande, até para duas pessoas. Na verdade, ele é perfeito para três. Tem exatamente três quartos e um banheiro. Ninguém merece... um banheiro.

Vou para o quarto e me jogo na cama. Então, o Ogro quer se livrar de mim? Sorrio. É, parece que ele não vai me aguentar por muito tempo. Já esperava por isso.

///

Hoje estava com uma calça preta e uma blusa branca, grande o suficiente para cobrir a bunda. Peguei meu celular e minha bolsa. Saí do apartamento na mesma hora que o Ogro. Ele estava com um terno azul e óculos escuros,

lindo. Ele me olha da cabeça aos pés e sorri. Meu Santo Lobo, ele sorriu? Isso mesmo, logo de manhã ele me deu um sorriso? O que há com ele?

— Bom-dia — ele diz e aperta o botão do elevador.

— Bom-dia — digo encarando-o, ele me olha e sorri de novo. Dois sorrisos sinceros, sem malícia ou deboche. Alguém me diz o que está acontecendo?

— Por que está me olhando como se estivesse um fantasma em sua frente?

— Na verdade tem, esse não é o Ogro que conheço — digo e ele ri. Eu acho que estou dormindo ainda, só pode.

— É porque não sou Ogro, Hannah — ele diz e entramos no elevador.

— Você vai me expulsar da alcateia? É por isso que está tão feliz? — ele me olha estranho. — Sabe, o Ogro que eu conheço não ia me dar dois sorrisos sinceros logo de manhã, o Ogro que eu conheço ia reclamar da minha roupa.

— A sua roupa está decente hoje. — O elevador abre, ele sai e eu fico que nem uma estátua sem acreditar no que ele acabou de falar. O elevador ia fechar, mas o Ogro impede e me puxa. — Você está bem?

— Não sei... Acho que você que não está bem. — Passo a mão no rosto.

— Será que tô dormindo ainda?

— Se eu te agarrar e começar a reclamar da sua roupa, vai se sentir melhor?

— ele pergunta chegando perto.

— Não. — Passo na frente dele indo para o carro e ouço ele rir.

Qual é o problema com ele? Ele sempre foi assim? Não entendo, se ele sempre foi assim, por que ele se faz de babaca?

Entramos no carro e meu celular vibra. Enquanto o carro estava em movimento peguei o celular, era mensagem do Be.

Be: Bom dia meu amor. A Dai me ligou hoje cedinho, ela disse que vai me ajudar com a mudança. Eu já encaixotei a maioria das coisas, faltam só umas coisinhas. Então, se prepara que o amor da sua vida vai se mudar pro apartamento hoje. Bjss até daqui a pouco.

Sorrio ao terminar de ler a mensagem. O Ogro me olha e levanta uma sobrancelha.

— Conversando com quem? — ele pergunta.

Ok, vamos testar a fera.

— Com o Be. — Ele franze a testa.

— Quem é Be? — ele pergunta, apertando o volante. Pelos meus cálculos, se o Be estiver certo, se o Ogro estiver mesmo a fim de mim, na hora que eu falar quem é o Be a felicidade e a gentileza dele vão acabar, ele vai voltar a ser o Ogro irritante e arrogante que eu conheci.

— Bernardo — digo e ele fica sério. Ai meu Deus, por que esse filho da mãe ficou sério? Droga, droga, droga. Eu não acredito que ele está mesmo a fim de mim. Ok, se acalma Hannah e vamos testar para ter certeza. — Está tudo bem? — pergunto e ele não diz nada, ele continua sério olhando para a frente. — Ficou sem voz?

É, o Be estava certo, ele está mesmo a fim de mim. Ele me olha e, sem brincadeira nenhuma, os olhos dele estavam pegando fogo. Soltei a fera.

— Não me provoca, Hannah.

CAPÍTULO 16

Hannah

É, parece que o Ogro está mesmo com raiva. Fiquei quieta o resto do caminho, ele também não disse nada. Chegamos na empresa e ele foi para a sala sem dizer nada.

Fui para a minha sala e comecei a fazer meu trabalho. Depois de algum tempo me levantei e fui pegar um café. Estava voltando com o café e foi quando eu passei por um corredor e vi o Ogro e o Fábio conversando. Voltei e fiquei escondida para ouvir a conversa.

— David, você tem que se acalmar, cara — o Fábio diz. — Sabia que é até engraçado ver você assim?

— Cala boca, Fábio, eu não aguento isso, cara. Ela chama o Bernardo de Be e me chama de Ogro. — Ouço o Fábio rir e coloco a mão na boca. — Ela deve ter muita intimidade com esse moleque.

Bem na hora o Be passa na minha frente, puxo ele até a minha sala.

— Você é doida, não pode me puxar assim, Hannah... Hannah, você está me ouvindo? — Olho para ele. — Ei, por que está com esse sorriso ridículo no rosto? — Pegue o café e me sento. — Hannah, fala alguma coisa. — Começo a rir. — Hannah, você está drogada?

— Be... ele... ele tá com... ciúmes — digo entre risos.

— Acho que a sua lerdice me afetou. Do que você está falando?

Respiro fundo.

— O Ogro está com ciúmes de você — digo e o Be me olha com cara de tacho.

— Ah, agora que descobriu sua lerdice? — Ele coloca a mão no rosto. — Já estava na cara.

— Eu não tô acreditando ainda — digo e sorrio.

— Mas, como descobriu? — ele pergunta sentando na mesa.

— Você me mandou uma mensagem bem na hora que estávamos vindo para a empresa e...

— Ah, meu pai, você veio com ele?

Reviro o olho.

— Vim. Ele perguntou quem era, eu disse que era você e ele mudou completamente, pois ele estava um amorzinho antes. E agora que fui pegar o café, o ouvi reclamando que eu o chamo de Ogro e chamo você de Be — digo sorrindo e o Be coloca a mão no coração.

— Eu tô morta. — Começo a rir. — Eu vou morrer e você ri? Bela amiga, senhorita Backer.

— Para de drama, o Ogro não vai matar ninguém e você não vai morrer.

— Diz isso ao ciúme dele, querida. — Ele levanta da mesa. — Eu vou voltar ao trabalho, senão ele pode adiantar minha morte.

Começo a rir.

— Be, espera eu chegar para arrumar o apartamento, ele está muito bagunçado. Ele concorda e sai.

—

O expediente acabou e eu estava indo para sala do Ogro. A quenga estava arrumando suas coisas para ir embora. Ela me olha com raiva nos olhos. Sorrio, mando um beijo para ela e entro na sala. Vejo o Ogro sentado com uma expressão séria e profissional.

Desde que entrei na sala ele não me olhou. Sento na cadeira, pego o notebook e o olho.

— Oi — digo, ele me olha e volta a mexer nos seus papéis. Sorrio. Abro o notebook. — Posso te perguntar uma coisa? — Ele me olha. — É frequente esse negócio de ter ciúmes das suas funcionárias? — digo ainda com um sorriso.

— Da onde tirou isso? — ele pergunta me encarando.

— É mentira, então? — ele não diz nada. Sorrio. — Tudo bem, acho que confundi as coisas.

— É. — Ele volta ao trabalho.

Ele fica tão lindo quando está sério... Eu não acredito que estou pensando nisso. Respiro fundo e volto ao meu trabalho.

—

Por incrível que pareça hoje eu e o Ogro não discutimos. Para falar a verdade, mal trocamos algumas palavras. Ele está muito calado, não sei o que está acontecendo. Voltamos para casa sem ninguém dizer nada e isso me incomoda. Gosto quando a gente briga, mas ele calado assim me preocupa.

Chegamos no nosso andar e cada um foi para o seu apartamento. Entrei no apartamento e dou de cara com o Be de avental e um pano amarrado na cabeça. Não aguentei e comecei a rir.

— Hannah. — Ele me chama. Olho para ele e tento ficar séria. — Sua vaca. — Ele joga um pano para mim. — Você disse que estava bagunçado, mas não pensei que era a esse ponto.

— Pois é. — Deito no sofá. — Pode começar, escrava — digo e o Be começa a me bater com a almofada.

— Você acha mesmo que vou arrumar sozinho? — Começo a rir. — Pode levantar, sua preguiçosa.

— Tá. — Levanto e a porta abre, era a Dai.

- Oi, lindos. Vim ajudar. — O Be corre e abraça a Dai.
- Essa é das minhas — o Be diz, joga a almofada nele.
- Falsiane. — A Dai começa a rir.

—

Ainda bem que a Dai nos ajudou, senão ia demorar mais. O apartamento ficou lindo arrumado. Eu a Dai e o Be estávamos na sala comendo e assistindo qualquer coisa.

- A gente pode sair sexta, né? — a Dai pergunta.
- Eu não posso — o Be diz.
- Por quê? — eu e a Dai perguntamos juntas.
- Tenho compromisso, vou sair com um carinha que conheci na cafeteria. Começo a rir e ele me bate.
- Você pode, né Hannah? — a Dai pergunta.
- Sim — digo, deitando no braço do Be.
- É, você está precisando mesmo — o Be diz. — Arruma alguém para essa encalhada, Dai.
- Ei, eu não sou encalhada — digo e a Dai ri.
- É sim. Já tem um ano que não sai com ninguém.
- Cala boca Be, não precisa me lembrar disso.

CAPÍTULO 17

Hannah

Já estávamos na sexta-feira, minhas horas extras acabaram, mas continuo indo e vindo com o Ogro. Ele mal me olha, isso está me deixando louca. Ele não briga, não reclama da minha roupa, ele simplesmente não está falando comigo. Se isso continuar, eu vou pirar.

Eu já estava em casa, a bicha já saiu para encontrar o boy da cafeteria e eu estava jogada no sofá. Estava fechando o olho, mas uma louca entra no meu apartamento.

— HANNAAH! — sento e vejo a Dai toda produzida. — Como assim? Você não está pronta?

Deito de novo no sofá.

— Me deixa aqui, eu não lido muito bem com pessoas mudas.

Ela pega a minha mão e me levanta.

— Não faço ideia do que está falando, mas não vou te deixar aqui. — Ela me empurra pro banheiro. — Vai tomar um banho que a gente vai para o Wolf Demonic.

— Não quero ir pra balada, Dai.

Ela me encara.

— Eu vou procurar uma roupa pra você e te espero no teu quarto.

Droga, a Dai é muito insistente. Tomo um banho demorado e logo vou para o quarto. Ela separou uma blusa preta de manga três quartos preta e uma saia de babado branca que batia no meio da minha coxa. Vesti e deixei o cabelo

solto mesmo. Fiz uma maquiagem básica, calcei um salto não muito alto preto e peguei a minha carteira. Descemos e o motorista da Dai nos esperava.

Não demorou muito e chegamos na tal Wolf Demonic. A balada era bem escondida. Entramos e já senti o odor de lobos. Aquilo estava lotado de lobisomens, tinha muitos. A balada era em dois andares, embaixo ficava o bar e a pista de dança e lá em cima tinha mesas e cadeiras.

— Tem problema eu te deixar sozinha? — a Dai fala no meu ouvido. Nego e logo ela some.

Sento em um dos bancos do bar e fico olhando o povo dançar conforme a música eletrônica tocava.

— Quer tomar alguma coisa? — o barman pergunta. Eu me viro e ele sorri.

— Você é a Hannah?

— Como sabe? — pergunto curiosa.

— Você é nova na alcateia, todos falam de pessoas novas, principalmente quando são lindas. — Ele pisca e eu sorrio.

— Ok, me dá uma bebida forte.

Ele sorri.

— É pra já. — Ele se vira e começa a preparar a bebida.

Por instinto, olho para o andar de cima e dou de cara com o Ogro me olhando. Ele estava muito sério. Estava trajado com uma calça jeans e uma camiseta cinza de manga comprida. Meu Santo Lobo, só de olhar ele já me deixa sem ar, ele está lindo. Do nada, o Ogro fica cheio de lobas ao redor

dele, mas não tirava os olhos de mim. Ele tinha uma expressão fria e séria no rosto. As lobas safadas ficavam se insinuando para ele. Viro para não olhar aquela cena ridícula.

O barman me entrega a bebida e eu tomo tudo de uma vez. Ele me olha, assustado.

— Mais — digo limpando a boca e ele fica boquiaberto. — Se for possível, me dê outra bebida mais forte do que essa.

— Você tem certeza? — Eu o encaro. — Tudo bem, espera um pouco.

Eu me virei e olhei para a pista. Tinha uma aglomeração de gente dançando, mas uma pessoa me chamou atenção. O cara era loiro dos olhos verdes. Ele dançava me olhando. Ele era um lobo, só não sei se era da alcateia, porque, pelo que a Dai me disse, vem lobos de outras alcateias aqui. Ele sorri para mim e eu retribuo. O barman me chama.

— Toma devagar, essa bebida é muito forte.

Tomo da mão dele, coloco o copo na boca, olho pro Ogro e vejo ele conversando com as lobas.

— Foda-se. — Viro o copo todo e vou para a pista dançar.

O loiro vem ao meu encontro e começa a dançar comigo. Minha cabeça começa a girar, mas eu estava gostando. Eu e o loiro dançávamos conforme a música eletrônica. Ele falava alguma coisa no meu ouvido, mas eu não ouvia nada, se ouvia não entendia.

Eu estava louca? Bêbada? Drogada? Um pouco de cada, talvez. Aquela bebida é forte mesmo, quero mais.

CAPÍTULO 18 — BÔNUS

David

Quando a Hannah chegou na boate deu vontade de tirar ela dali o mais rápido possível. Ela estava muito linda para outros caras olharem. Não sei se foi impressão minha, mas acho que ela não gostou quando viu as meninas da alcateia me rodearem.

Eu me descuidei um pouquinho e já tinha perdido a Hannah de vista, ela já não estava no bar. Lá de cima comecei a procurar ela, mas nada. Fui procurar a Dai. Quando a encontrei, puxei ela.

— Cadê a Hannah?

Ela franze a testa.

— Ela estava no bar.

— Ela não está mais. Droga, Dai, por que deixou ela sozinha? — Ela não sabia responder. — Você é mais irresponsável do que ela, me ajuda a procurar aquela doida.

Nós nos separamos e fomos procurar a Hannah. Eu me enfiava entre a multidão de gente na pista de dança. Até que a vi dançando com um loiro, aquilo fez meu sangue ferver. Ela não estava consciente do que estava fazendo. Vou até ela, a puxo para os meus braços e o loiro me encara.

— NÃO ME TOCA! — a Hannah grita.

— Hei, qual é o seu problema, cara? — Eu estava me segurando para não socar a cara do loiro. — Solta ela.

— É, me solta — ela diz tentando se soltar.

— Cai fora — digo ao loiro, que me ignora. Ele pega no braço da Hannah e eu pego em seu braço e aperto. Ele me olha e faço meus olhos ficarem vermelhos. — Solta ela antes que eu arranque a sua cabeça.

— David — a Dai puxa a Hannah de mim. — Se acalma.

— Só porque é um alfa, você acha que tenho medo de você? — diz o loiro. Eu aperto o meu punho e o Fábio chega do meu lado.

— Não cai na pilha dele, ele está bêbado.

Respiro fundo.

— Você não devia ter medo de mim por eu ser um alfa. — Dou um soco em seu rosto, ele cai no chão com o nariz sangrando. — Você devia ter medo de mim, porque tocou na Hannah.

Puxei a Hannah para fora da boate e o Fábio e a Dai vêm a trás de mim.

— Me solta, seu Ogro imundo. — Ela estava muito bêbada. — Eu quero voltar, ME SOLTA.

Chegamos no estacionamento, coloquei-a no carro à força, arrumei o cinto de segurança nela e fechei a porta. Virei para a Dai.

— Viu o que aconteceu por deixar ela sozinha?

Ela passa a mão na cabeça.

— Desculpa.

— Fábio. — Ele me olha. — Eu estou achando que a bebida que a Hannah tomou tinha alguma droga.

— Com certeza — ele diz pensativo.

— Eu quero o responsável pela bebida. Vocês dois vão procurar quem foi. Se for preciso, tranque a boate e não deixe ninguém sair até aparecer o culpado — digo sério.

— Tá bom — a Dai diz e puxa o Fábio.

Entro no carro e o faço funcionar. Hannah me olha de cara feia. Começo a dirigir em direção ao prédio.

— Você é um idiota — ela resmunga. — Eu quero voltar, por que me tirou de lá?

— Porque você está bêbada.

— Eu estava me divertindo, igual a você com as lobas safadas. — Sorrio.

— Estava com ciúmes? — ele me olha.

— Não. Na verdade, quem estava com ciúmes aqui era você. — Ela começa a rir. — Você ficou com ciúmes porque eu chamo você de Ogro e o Bernardo de Be. — Fico sério.

— É feio escutar as conversas dos outros. — Ela encosta no vidro do carro e fica em silêncio por um tempo.

— Eu quero pizza. — Ela me olha. — Eu quero pizza.

— Não.

Ela faz cara de choro.

— Então, sorvete.

Entro no estacionamento do prédio.

— Não.

— HAAAA, VOCÊ É UM PUTO, MUITO CHATO! — ela grita. — O que adianta ser gostoso? — ela resmunga baixo e eu começo a rir.

— Então, sou gostoso? — Paro o carro e olho para ela.

— É. Gostoso, lindo, sedução, delícia — ela diz com os olhos fechados.

— Mas não adianta ser nada disso, porque você também é um Ogro idiota,

babaca....

Saio do carro e deixo-a falar sozinha, rodeio e vejo que ela bate no vidro.

— Que foi? — pergunto, sorrindo.

— ME TIRA DAQUI, SEU IDIOTA! — Começo a rir e abro a porta, ela quase cai. Seguro-a e ela aperta meu braço. — Meu Santo Lobo, que braço forte.

Eu podia gravar ela falando essas coisas?

— Vem, vamos subir. — Carrego-a até o elevador, porque não conseguia andar.

Chegamos no meu apartamento e a levo para o meu quarto. Coloco-a sentada na cama e ela bate com a mão no travesseiro.

— Eu quero sorvete e pizza. — Franze a testa. — É muito gostoso misturar os dois. — Ela fecha os olhos. — Pizza e sorvete.

— Isso é nojento — digo e ela me olha de cara feia. — Já comeu isso, por acaso?

— Não, mais deve ser gostoso — ela diz pensativa.

— Depois você come e me fala o que achou. — Sorrio. — Mas agora você vai dormir.

Ela tira o salto e deita direito na cama. Deito ao lado dela, ela vira e me encara.

— Sabe, você não é tão Ogro como eu pensava. — Ela sorri.

— Então, não sou Ogro?

Ela nega.

— Só às vezes insuportável. — Ela ri. — Não gostei do que você fez.

— O quê?

— Você parou de falar comigo... isso foi muito chato. — Sorrio e coloco seu cabelo para trás. — David... — olho assustado para ela. Eu não acredito que ela me chamou pelo nome. Ela está bêbada, mas, mesmo assim ela disse o meu nome. — Eu quero pizza e sorvete.

Sorrio.

— Vá dormir, sua doida.

CAPÍTULO 19

Hannah

A minha cabeça doía muito, parecia que eu tinha batido ela em algum lugar. Não era só a cabeça como o corpo inteiro. Tento me mover, mas era impossível. Tinha alguma coisa me prendendo?

Abro os olhos devagar. Epa! Esse quarto não é meu, meu quarto não é tão escuro assim. Olho para a minha cintura e vejo braços musculosos me envolvendo. Meu Santo Lobo, no que eu me envolvi ontem? Eu me mexo tentando sair, mas os braços me apertam mais.

— Ainda está cedo, dorme mais um pouco.

Quando ouço aquela voz meu coração só falta sair pela boca. Giro o corpo até eu ver o dono da voz.

— HAAAAAAA! — grito e o Ogro coloca a mão no ouvido.

— Nem meu despertador faz esse barulho todo. — Sento na cama e tento analisar a situação. Eu e ele estávamos de roupa, o que significa que não rolou nada. Dou um suspiro aliviado. Mas, de qualquer jeito, é uma situação assustadora. O que estou fazendo na cama do Ogro? — Passou a vontade?

— Olho assustada para ele.

— Vontade de quê?

Ele ri.

— Não lembra? — Faço que não. — Isso vai ser mais divertido do que eu pensava. — Ai, meu pai, o que eu aprontei?

— Ontem você queria comer pizza e sorvete.

— O quê?

Ele sorri.

— E só piora. — Ele levanta da cama. Meu pai, queria ter essa visão da bunda dele todo dia de manhã. *Hannah sua doida, recomponha-se.*

— Pode ir falando.

Ele ri. Que risada mais gostosa.

— Você me chamou de gostoso, lindo, sedução, delícia e pegou no meu braço apertando, dizendo como era forte. Aí, depois você disse que eu não sou Ogro e..... Eu estava boquiaberta.

— HAAAAA... — Coloco a mão na cabeça. — Isso só pode ser pesadelo, a puta da Norah deve ter jogado uma maldição em mim, só pode. — O Ogro não parava de ri. Jogo um travesseiro nele. — Ai que lindo, ainda bem que te divirto — digo e reviro os olhos.

— Uma vez alguém me disse que tudo que sai da boca de um bêbado é

verdade. Pego meu salto no chão e jogo nele, mas ele se desvia e ri.

— SEU IDIOTA! — Levanto, pego o meu salto e vou até a porta.

— Já vai? — Ele, do nada, estava atrás de mim. Quando me viro, o olhando, ele me empurra e me pressiona contra a porta. — Eu quero saber uma coisa: você me disse ontem que não gostou quando eu parei de falar com você. É verdade?

Droga, acho que falei muita coisa para ele e, o pior de tudo, é que não consigo me lembrar de nada. A única coisa de me que lembro é de beber toda aquela bebida e ir dançar. Depois disso não me lembro de mais nada.

— É claro que não é verdade. Por que acha que eu ia me impor...

Ele pega na minha coxa me fazendo ter arrepios. *Eu devo ser pervertida mesmo, porque se passou cada cena em minha cabeça que... meu pai...*

— Fala a verdade. — Ele diz me encarando.

— Você disse que os bêbados falam só a verdade, não é mesmo? Não é suficiente?

Mas que merda eu estou falando? Ele sorri.

— Só que esse é o problema, você estava bêbada. Eu quero ouvir isso agora, que você está sóbria.

Engulo em seco.

— Você está me sufocando. — ele levanta uma sobrancelha. — Tá muito perto. — Ele ri e chega mais perto, o canalha.

— Se você não quiser dizer nada, não vou te obrigar. — Ai que bom. — Só que... — lá vem bomba. — Você ouviu conversas que não devia, eu tenho que te dar uma punição por isso.

— Do que você está falando?

Ele sorri e chega perto do meu ouvido.

— Você me ouviu falar com o Fábio, lá na empresa. — *Droga, eu falei isso também pra ele ontem? Mas que droga, eu tenho que me lembrar.* — Devo te punir — ele sussurra em meu ouvido roubando o meu ar. — O que devo fazer?

— Você... Você deve me deixar ir — digo com dificuldade. Ele roça os lábios no meu pescoço e começa a me beijar. — Porra... Caralho... David... para. — Coloco a mão na boca na hora. Ele me olha e sorri.

— Você devia dizer o meu nome mais vezes, é melhor do que Ogro. — Ele ri e passa a mão na cabeça.

— O seu nome pra mim é Ogro — digo e ele levanta uma sobrancelha.

— E por que me chamou de David? — Engulo em seco e ele chega mais perto. — Será que foi porque estava sob pressão? — Não digo nada. — Ou foi porque ficou tão desorientada que me chamou pelo nome? — Ele chega perto do meu ouvido e morde o lóbulo da minha orelha.

Meu estômago dá várias voltas, meu coração dispara, minha mão começa a suar, meu corpo se arrepia e minhas pernas falham. Ele aperta a minha cintura com uma mão, com a outra puxa minha perna para cima e encaixa nossos corpos um colado no outro. Minha respiração estava descontrolada e eu não conseguia pensar em nada coerente. Eu coloco a minha mão em seu pescoço. *Merda, alguém me para, por favor.* Puxo seu cabelo. *Droga, alguém abre essa porta... qualquer um... Dai, Fábio, Be... até a quenga 2.* Ele me levanta e eu cruzo as pernas em sua cintura, nossos rostos estavam muito perto, tipo muito perto mesmo. Sentia sua respiração rápida batendo em meu rosto. Ele começa a beijar meu pescoço até chegar no queixo. Então, ele roça os lábios nos meus e eu sinto uma pontada no coração. Foi quando eu pensei que ele ia parar, de tão rápido que batia. Do nada minha loba se agitou, senti

que ela queria me falar alguma coisa, só que algo impedia. Olhei nos olhos do Ogro e o vi assustado.

CAPÍTULO 20

Hannah

Olhei nos olhos do Ogro e o vi assustado. Ele me solta e eu fecho os olhos bem forte. Respiro fundo tentando voltar a mim.

— Desculpa por isso — digo sem olhar para ele. Ele não diz absolutamente nada, eu me viro e saio do quarto.

Ainda bem que não tinha ninguém na sala. Saí rápido e fui para o meu apartamento. Passo a mão na cabeça tentando entender o que tinha acontecido.

— Hannah, onde você estava? — O Be aparece me olhando, preocupado.

— O que aconteceu?

— Nada — digo e vou correndo para o meu quarto.

Jogo meu salto em qualquer lugar, me deito na cama e fico olhando para o teto. Meu coração ainda estava acelerado e minha loba estava triste por algum motivo. *Eu preciso saber o que ela queria me dizer, isso nunca aconteceu comigo.*

O que há de errado? Pelo que eu sei, quando o lobo se comunica com você é quando encontra seu companheiro, mas... Não... não pode ser. Senti uma

lágrima rolar no meu rosto. *Ele não pode ser o meu companheiro... Não... Não mesmo. Mas... por que ele estava assustado? Tem que ter algum motivo. Droga... qual é? Por que isso está acontecendo comigo?* Se ele realmente fosse o meu companheiro, eu iria saber no instante em que o conheci.

Sacudo a cabeça, me levanto, vou ao banheiro, lavo meu rosto e me olho no espelho. Eu não posso deixar uma dúvida me afetar, não mesmo. Sorrio e arrumo meu cabelo em um coque. Tomo um banho demorado e vou para o quarto, visto um short curto e uma blusa larga.

Vou até a sala, onde estão a Dai e o Be. Eu me jogo no colo deles.

— Está tudo bem? — o Be pergunta e dou um sorriso.

— Eu quero ficar bêbada — digo e a Dai ri.

— Tem certeza, querida? — Ela me olha estranho. — Da última vez que ficou bêbada, você foi parar na cama do meu irmão. — Levo um susto, o Be pula do sofá me fazendo cair no chão.

— O QUÊ? COMO ASSIM, HANNAH? — Ele me olha curioso, eu passo a mão na cabeça e olho para Dai.

— Não sabia que você sabia disso. — Ela sorri. — Você tem que aprender que isso não se fala perto do Be, principalmente perto dele. — Respiro fundo e deito no chão mesmo. — E outra, não aconteceu absolutamente nada.

— Foi por isso que chegou toda estranha aqui, né safadinha? — Be diz maliciosamente.

— Como sabe que não aconteceu nada? Você estava bêbada — a Dai diz com um sorriso malicioso também.

— Vocês são muito maliciosos — digo, me virando de barriga para baixo. Sinto o Be se sentar em cima da minha bunda e começar a bater de leve na

minha cabeça.

— Fala logo, eu sei que rolou alguma coisa. — Fico quieta. — HANNAH, FALAAAA. — A Dai não parava de rir. — Se você não falar vou começar a fazer cosquinha em você, sua chata. — Fico quieta. A campainha toca e a Dai vai lá. — HANNAH SUA IDIOTA, ME FALA LOGO.

— Cala a boca Be, e sai de cima de mim que você está gordo.

Ele se abaixa e diz no meu ouvido:

— Não tô gordo, tô gostoso gata, quem está gorda aqui é você.

Viro o rosto para olhar para ele e vejo o Ogro nos olhando, e em sua volta tudo pegava fogo.

O Be sai de cima de mim e o Ogro continua me olhando, muito, mas muito bravo.

— O que quer? — pergunto olhando-o, a Dai e o Be já tinham sumido da sala. Sento-me no chão. — Se não vai falar nada, pode sair. — Aponto para a porta.

— Você acha que pode brincar comigo, Hannah? — ele diz sério e eu dou uma gargalhada alta. Levanto e tento parar de rir.

— Você... é muito... hilário. — Paro de rir e o encaro. — Então, quer dizer que eu estou brincando com você, né? — Fecho a cara. — PARA DE SER IDIOTA. QUEM GOSTA DE BRINCAR AQUI É VOCÊ, SEU IMBECIL — digo brava e senti que uma lágrima escorreu do meu rosto. Viro de costas imediatamente.

— Hannah...

— SAI DAQUI.

O ouvi dando um murro no sofá e a porta batendo. Sentei e abracei minhas

pernas, limpei as lágrimas. A Dai e o Be entram na sala.

— Hannah... — A Dai senta do meu lado. — Você está bem? O que aconteceu? Sorrio e respiro fundo.

— Não foi nada. — O Be parecia avoado, ele olhava para as paredes como se fosse um fantasma. Olho para a Dai com a testa franzida. — Be, Está tudo bem? — pergunto e ele não diz nada.

— Be? — A Dai grita e ele olha para a gente.

— Eu vou morrer — ele diz e a Dai me olha, assustada. — Ai meu Deus, EU VOU MORRER. — Ele coloca a mão na cabeça em prantos, senta no sofá, abraça as pernas e abaixa a cabeça. — Vocês têm que planejar o meu funeral, ligar para os meus pais e mandar o Richard vi. Fala pro boy da cafeteria também... Ai meu pai, o boy da cafeteria. Logo agora que pensei que estaria entrando em um relacionamento sério... eu vou MORRER.

A Dai rolava de rir e eu olhava para o Be sem reação.

— Do que... você está falando? — a Dai pergunta rindo. O Be olha para a Dai com uma cara triste.

— Você não viu como seu irmão me olhou? No olhar dele dizia "*eu vou te matar*" Ele fala com uma voz mais grossa e eu não aguento. Começo a rir e a Dai me acompanha. — Eu estou com a sentença de morte marcada e vocês só sabem rir?

— Dai, me ajuda aqui.

Entrego uma almofada para ela e ela me olha sem entender. Levanto e começo a bater no Be, a Dai me ajuda.

— VOCÊS FICARAM DOIDAS? QUEREM ME MATAR MAIS CEDO? JÁ BASTA O GOSTOSÃO.

Nós rolávamos de rir dele.

— Para de ser idiota Be. — Paro e sento ao seu lado. — Você não vai morrer.

A Dai senta do outro lado.

— A gente te protege — a Dai diz e o abraça, abraço os dois.

— Mantenham suas promessas — ele diz e nós duas nos olhamos.

— E quem disse que isso é uma promessa? — digo e ele nos olha assustado. Eu e a Dai continuamos a rir.

CAPÍTULO 21

Hannah

A tarde toda a Dai ficou comigo e o Be. Ficamos assistindo séries e nos entupindo de comida. Já era mais o menos 19 horas da noite, a Dai me disse que era para eu estar 19:30 lá na portaria, que íamos encontrar com o Fábio para começar a caçar a besta. Ela me disse que era isso que o Ogro ia me falar quando veio aqui em casa mais cedo.

Vou para o banheiro, tomo um banho e vou para o meu quarto. Ainda bem que o Be resolveu sair, porque, caso ao contrário, eu não saberia dar uma desculpa convincente para ele. Visto uma calça preta de couro e uma blusa cinza de manga longa.

Pego meu celular e desço. Vejo a Dai conversando com o Ogro. Ele estava com uma calça jeans uma camiseta cinza e uma jaqueta. *Meu Santo Lobo, esse cretino sabe ser lindo.* Chego perto e ele me olha, mas não diz nada. Seu olhar ainda estava frio. É, ele estava bravo.

— Vamos — a Dai diz e me puxa para dentro do carro.

Eu e a Dai fomos atrás e o Ogro dirigindo. O caminho inteiro ninguém falava nada e de vez em quando eu via o Ogro me olhar pelo retrovisor. Passou um

tempo e chegamos em uma cabana que era rodeada por uma floresta. O Ogro para e descemos. Em frente à cabana estavam o Fábio, a quenga 2 e três caras que não sei quem é. Fomos até eles.

— Pensei que iam demorar mais — diz o Fábio, ele me olha. — Hannah, esses três aqui são da matilha da Carol. Bruno, Breno e Billy. — Eles sorriem para mim e eu fico sem reação.

— Por acaso são parentes? — pergunto tentando não rir. Meu pai, os nomes dos três começam com B.

— Somos irmãos — um diz.

— Tá explicado — digo e eles riem.

— Vamos começar, né? — o Ogro diz bravo. Ciúmes?

— Estraga-prazer — digo baixinho e saio de perto pra não acertar a cara dele.

— Por sorte, uma das bestas me atacou esses dias e eu consegui pegar um pouco do sangue dela — o Fábio diz e tira uma seringa do bolso com o sangue. — Espero que isso seja suficiente. — Ele me entrega.

— Já é mais do que suficiente — digo.

— Não fica se achando — a quenga 2 resmunga e eu finjo que não ouvi.

— Eu vou precisar de um pano, flanela, qualquer coisa que dê pra molhar com o sangue. — Um dos três irmão me entrega um pano branco. — Obrigada. — O sangue estava mais para preto do que para vermelho. Coloco um pouco no pano, só para molhar mesmo. Pego o pano e cheiro. No que eu senti o cheiro do sangue, consegui ver o Fábio lutando com a besta. É, eu tenho esse "DOM" vamos dizer assim. Todo mundo me olhava estranho. Olho para o Fábio. — A besta te deu um trabalhão, hein?

Ele franze a testa.

— Hein? Como sabe? — a Dai pergunta. Sorrio.

— Tem uma besta aqui perto — digo e a Dai me mostra a língua por não responder-lhe.

— Querida, a gente veio aqui pra encontrar onde o laboratório está, não para caçar uma por uma dessas bestas — a quenga 2 diz.

— Querida, se a gente quer saber onde se encontra o laboratório precisamos encontrar uma besta e segui-la. Quem sabe ela não nos leve até lá? — digo encarando-a.

— Isso é um tiro no escuro. A besta pode muito bem não voltar pro laboratório. Não sei se você sabe, mas elas não pensam.

Essa mulher está me enchendo a paciência.

— Voltar pro lugar onde foi criado ou onde foi renascido é instinto, não questão de pensar. Quem não está pensando aqui é você. — Ela fica brava e o Fábio e a Dai tentam não rir.

— Como vamos fazer pra ir atrás dela? — o Ogro pergunta para o Fábio.

— No momento ela está se movimentando, mas está muito lento — digo e eles me olham. — Se formos todos juntos, é bem provável dela sentir e fugir ou até atacar a gente.

— O que sugere, então? — a Dai pergunta.

— Eu vou a trás dela e se eu achar alguma coisa volto e aviso vocês — digo.

— Não — o Ogro diz. — Eu vou com a Hannah e vocês ficam.

— Você não precisa ir. — Ele não diz nada. — Eu não quero que você vá.

— Não tô nem aí, eu vou sem você querer — ele diz sem me olhar. Eu ainda vou arrancar a cabeça dele, ah se vou.

Eu me viro e entro dentro na floresta. Sinto mais uma vez o cheiro do sangue e me preparo para ir de encontro à besta, mas levo um susto quando o Ogro segura meu braço. Olho pra ele.

— O que quer?

Ele olha nos fundos dos meus olhos.

— Toma cuidado. Não fica muito perto da besta.

Puxo meu braço de volta.

— Eu sei disso, não sou idiota igual a você.

Sem deixar ele me responder saio correndo.

— HANNAAAH!

Começo a rir e continuo seguindo o cheiro.

— HANNAAH!

Paro na hora e quando o Ogro chega perto de mim puxo ele para trás de uma pedra enorme. Ele me olha.

— Não grita, a besta tá bem ali. — Mostro pra ele, ele olha. — Eu acho que ela está machucada, por isso que está andando devagar.

Na verdade, era pior do que isso. Ela estava muito, mas muito lenta, assim iria levar uma eternidade e nem sabemos se ela voltaria mesmo para o laboratório. Droga.

— A Besta está parada — o Ogro diz e eu começo a rir.

— Na verdade, ela está em movimento. Para você ver como os passos dela estão minúsculos — digo e pego o Ogro me encarando.

— Sua risada é linda.

Mais o quê? Qual é a dele? Ele é tão confuso que dá vontade de quebrar a

cara dele.

— Precisamos manter o foco, sem distrações por favor — digo, séria.

— A besta não vai sair do lugar... literalmente. — Ele dá um meio sorriso.

— Por acaso você é bipolar? — pergunto, encarando-o.

— É pior do que isso — ele diz sério.

— Preciso me manter longe de caras assim, eu — digo.

— É também preciso me manter longe de mulheres como você. — Nós dois rimos.

— Porque será que não conseguimos? — Ele passa mão em meu rosto e meu coração acelera.

Escuto barulho de flecha sendo lançada. O Ogro também ouviu e bem na hora olhamos para a besta. A flecha acertou ela e na hora ela pegou fogo. Olhamos de onde veio a flecha e era um lugar bem alto, nas montanhas, para ser bem exata, mas não tinha ninguém lá em cima.

CAPÍTULO 22

Hannah

Estávamos todos na sala do apartamento do Ogro. Voltamos imediatamente depois do acontecido na floresta.

— Obviamente, quem atirou a flecha na besta não queria que soubéssemos para onde ela iria — digo e todos me olham.

— Se esse for o caso, quer dizer que o laboratório estava por perto — o Ogro diz, pensativo.

— Talvez — digo. O Ogro me olha e meu coração dispara. Desvio rápido o olhar. *Ogro infeliz.*

— Vocês não viram quem atirou a flecha? — o Fábio pergunta.

— Quando olhamos, não tinha mais ninguém — o Ogro fala olhando para o Fábio.

— Será que não estavam distraídos demais para não verem? — a quenga 2 diz me encarando. Eu me levanto. Já estou no meu limite com essa aí.

— Está insinuando o quê? — A Dai me puxa para o sofá.

— Não dê ouvidos a ela. — A Dai me segura como se eu fosse fugir. A quenga 2 levanta.

— Eu estou indo embora, a coisinha aí não resolveu porcaria nenhuma — ela diz saindo e os três irmãos saem com ela. Eu estou avisando: ainda acabo com ela.

— Já foi cedo — a Dai resmunga e eu sorrio.

— Acho que devíamos continuar a busca amanhã — o Fábio diz.

— Sem a quenga 2 — digo e o Fábio ri.

— Ok, sem a Carol. — Ele levanta. — Eu vou me retirar, boa-noite pra vocês.

O Fábio sai da sala e a Dai se levanta.

— Eu vou ver se o... — Ela me olha e olha pro Ogro. Acho que ela ia falar "Be". — Esquece, eu vou dormir. — Ela me dá um beijo e mostra a língua pro Ogro. Eu rio.

— Parece que perdi minha irmã pra você — ele diz me encarando. Sem olhar para ele sorrio.

— Parece que sim. — Levanto e ele se levanta também. — Eu já vou.

— Eu queria falar com você — ele diz sério. E eu engulo em seco.

— Sobre o quê? — olho para ele e a porcaria do coração acelera. Isso já está me irritando.

— Sobre o que aconteceu hoje de manhã.

— Não quero falar sobre isso — digo e vou até a porta. Quando pego na maçaneta ele segura meu braço me fazendo sentir uma eletricidade percorrer pelo meu corpo.

— Por que gosta de complicar a minha vida?

Olho para ele.

— Você complica a sua vida sozinho, até parece que precisa da minha ajuda

— digo e ele não diz nada. — Me solta vai, eu quero ir embora.

— Desculpa. — Eu me assusto. — Desculpa por ter agido daquela forma hoje cedo e por... por ter ido na sua casa e... feito... você chorar.

Puxo o braço.

— Eu já disse que não quero falar sobre isso.

Ele me coloca contra a porta.

— Mas eu quero. — Ele tinha uma expressão séria. — Você é muito complicada, Hannah.

Ele chega mais perto e eu pude sentir sua respiração batendo em minha pele. Meu coração dispara sem ritmo e meu corpo se arrepia. Minhas mãos e pernas começam a tremer. Minha loba se agita mais uma vez. *Droga, isso não pode estar acontecendo de novo.*

— Me solta... eu... eu... preciso ir... o Be está me esperando.

Sem querer escapar, ele me olha com fúria nos olhos.

— Ele está te esperando aonde? — Mil vezes droga. Eu e minha boca

grande. Como faço para a fera se acalmar agora? — Falando no tal "Be", qual é a sua relação com ele? O que ele estava fazendo na sua casa? Melhor: o que ele estava fazendo em cima de você? — ele pergunta, nervoso.

Sorriso. Se eu não tivesse tão preocupada em sair daqui eu até o acharia lindo com ciúmes.

— Não é da sua conta — digo e ele fica mais furioso.

— Se não quer me falar, que tal eu falar com o Bernardo?

Droga. Ele gosta de me ver brava, por acaso?

— Juro que se você chegar perto dele, eu quebro todos os ossos existentes em você — digo com raiva e ele me metralha com o olhar. Empurro-o e saio do seu apartamento.

Entro às pressas no meu apartamento e vou direto para o banho. Depois, vou para o meu quarto, visto qualquer roupa e me deito na cama.

Fecho os olhos e aquela cena de hoje cedo vem à minha mente. Eu começo a suar. *Droga, por que ele tem que mexer tanto comigo? Ele é um imbecil, idiota, babaca, lindo, canalha, gostoso... É, ele é muito gostoso. Merda Hannah, cai na real. Ele é um Ogro... um Ogro... Um Ogro bem gostoso. Meu Santo Lobo, eu estou impossível.*

Droga, então ele me viu chorar. Isso é pior do que pesadelo.

Virei na cama e tentei dormir.

///

— HAANAAH.

Ouçó meu nome e logo sou jogada da cama. Levanto assustada e vejo o Be

em cima da minha cama rindo descontroladamente.

— SUA BICH DOS INFERNOS! — Pulo em cima dele. — Perdeu a noção do perigo? Ele não parava de rir.

— Você que perdeu a noção das horas, linda. — Ele senta na cama. — Já são quase três horas da tarde.

— O QUÊ?

Ele se levanta da cama.

— Eu vou sair. — Ele me dá um beijo e vaza. Bicha ingrata, podia pelo menos me alimentar.

Vou para o banheiro, tomo um banho, visto um short curto jeans e uma blusa branca. Vou até a cozinha e começo a comer o que eu acho pela frente. Pego meu celular, checo minhas mensagens e vou até a porta do apartamento para ir na Dai. No que abro a porta sai um cara da casa do Ogro. No que ele se vira eu quase tenho um infarto.

— RICHARD?

CAPÍTULO 23

Hannah

— RICHARD?

Ele me olha assustado.

— O que está fazendo aqui?

Puxo ele para dentro do meu apartamento.

— Não. O que VOCÊ está fazendo aqui? — pergunto, cruzando os braços.

— Vim tratar um assunto com o alfa. — Ele franze a testa. — Não era pra você estar viajando?

— Do que você está falando? — Sento no sofá.

— O alfa me disse que você não estava na cidade, disse que você tinha viajado a mando dele.

Ele se senta do meu lado e eu fico boquiaberta.

— Mas que filho da puta aquele Ogro!

O Richard ri.

— Como você não foi expulsa ainda? — Olho brava pra ele. — Anda, me fala logo. Nenhum alfa deixaria você falar assim dele. Como não foi expulsa ainda?

— Simples: porque, se eu for embora, a Dai vai comigo. Então, o Ogro é obrigado a me manter aqui — digo sorrindo.

— Daí? — Ele franze a testa.

— Minha amiga, a irmã do Ogro.

Ele sorri e do nada me puxa para um abraço.

— Senti sua falta, doida.

Aperto ele.

— Eu também. — Ele dá um beijo na minha cabeça, olho pra ele. — Vai ficar aqui até quando?

— Até eu resolver um problema com o David, coisa da alcateia.

Sorrio.

— Por que não fica aqui em casa?

Ele franze a testa.

— Você mora aqui? — ele diz, assustado. — Do lado do alfa?

— Fui obrigada a morar aqui, e adivinha quem mora comigo. — Dou um sorriso de orelha a orelha. — O BEEEE!

— Por que será que não estou surpreso? — ele diz, sem ânimo.

— Qual é o seu problema?

Bato em seu ombro.

— O Bernardo me assusta — ele diz e eu começo a rir. — Ele me olha como se quisesse me comer.

— Bom... ele quer — digo rindo e ele me bate. — Tá, parei.

A porta é aberta e o Be entra. Ele parece não me ver ali na sala, seu olhar foi direto no Richard.

— A.I M.E.U P.A.I. — Ele coloca a mão no coração e eu tento não rir. — Eu estou sonhando?

O Richard me olha, apavorado.

— Você não ia sair, Be?

Ele me olha.

— Eu ia... voltei pra buscar a carteira... mas acho que vou ficar.

Começo a rir.

— Então, pode fazer companhia pro Richard?

Levanto e o Be dá um sorriso malicioso para mim, o Richard agarra a minha mão.

— Não ouse me deixar sozinho com ele — ele diz, apavorado.

— Pode sair, meu amor. Eu fico com ele — diz o Be.

Vou até a porta e escuto o Richard.

— HANNAAH!

— Hahaha!

Toco a campainha do apartamento ao lado. A Dai logo abre a porta. Ela estava com um balde de pipoca na mão e quando me vê dá um sorriso.

— Veio me ver? — ela faz cara de maliciosa.

— Na verdade, vim falar com o Ogro.

Ela revira o olho e eu rio.

— Traíra — ela diz com um bico.

Entro e logo o Ogro aparece tomando água. Ele me olha como se eu não fosse nada. A Dai senta no sofá e fica olhando para nós dois.

— Então, eu fui viajar a seu mando, é? — digo. O Ogro engasga e a Dai ri comendo a pipoca.

— Do que você está falando? — Ele coloca o copo na estante e me encara.

— Eu vou quebrar a sua cara, seu Ogro infeliz — digo, brava. — Qual o direito que você tinha de mentir pro Richard? Por que fez isso?

— Não é da sua conta.

A Dai olha para mim.

— Há, é sim. — A Dai olha pro Ogro. — Eu estou cheia disso, você não é nada meu. Não tenta controlar quem eu posso ou não ver, porque você não tem direito disso.

— Isso aqui está melhor do que filme de comédia romântica, suspense,

drama e... — Eu e o Ogro olhamos para a Dai. — Desculpa, podem continuar. — Ela come mais pipoca. O Ogro me olha.

— Já parou para pensar que eu possa estar te protegendo?

Dou uma risada sem humor.

— Me protegendo de quê? — encaro ele.

— Se você tivesse dito qual é a sua relação com o Bernardo isso não teria acontecido.

A Dai engasga. Olhamos para ela.

— Jura que o David Lewis está com ciúmes? Pior, com ciúmes do Bernardo?

— Ela come mais pipoca. — Não parem, está na melhor parte.

Ela não bate muito bem da cabeça.

— Não muda de assunto seu Ogro, o assunto aqui é o Richard. — Ele me olha e levanta uma sobrancelha.

— Ok, então me diz qual a é a sua relação com o Richard? — Ele franze a testa e a Dai dá uma tosse falsa.

— Só pra eu ficar por dentro: quem é Richard mesmo? — Não olhamos para ela. — Ok, vou ficar quieta.

— Você é um babaca — digo.

— E você é ridícula.

— Seu infeliz.

— Os dois são ridículos — a Dai diz.

— Idiota — digo e ele não tira seus olhos dos meus, e então ele mexe os lábios e diz "linda", sem sair a voz. A Dai dá um pulo no sofá e grita e eu fico tentando digerir o que aconteceu. Vou até ele e começo a bater em seu peito.

— SEU INFELIZ, OGRO DOS INFERNOS, TE ODEIO!

Ele segura o meu braço, chega no meu ouvido e diz baixinho só para eu ouvir:

— Se esse sentimento de ódio for igual ao meu — ele segura a minha cintura e aperta — , você está ferrada, porque te odeio mais.

Meu coração só falta sair pela boca, ele roça seus dedos na minha perna me fazendo arrepiar.

A Dai aparece do nada e separa nós dois.

— Nem pensar! Eu posso assistir o Filme *Hannah and David*, em vários gêneros, menos pornografia.

CAPÍTULO 24

Hannah

Eu e a Dai estávamos limpando a bagunça que ela tinha feito. Na hora em que ela pulou do sofá, derrubou toda a pipoca. Enquanto eu ajudava a limpar, o infeliz estava no sofá nos olhando, precisamente me olhando, com um sorriso cínico ou malicioso. Talvez os dois.

A Dai levanta com o balde de pipoca e bem na hora alguém entra que nem doido na sala.

— Hannah a gente precisa de vo...

O Richard para de falar na hora que vê a Dai. Quando os olhos da Dai se encontram com os do Richard ela deixa o balde cair novamente.

O Ogro fica do meu lado e me olha assustado, sem entender nada.

— Está tudo bem? — pergunto. A Dai me olha com os olhos confusos e corre para o quarto. — Richard?

— Quem é ela? — ele pergunta, meio avoado.

— A minha irmã, Daiana — o Ogro diz e me olha com a testa franzida.

Puxo o Richard para o sofá, ele me olha e não consegue falar nada. Do nada, o Ogro começa a rir. É, pois é, ele está rindo. Qual é? Por mais que essa risada seja a risada mais gostosa que já ouvi, ela veio em hora errada. Pego uma almofada e soco nele.

— Ficou drogado do nada, é? — Ele para de rir e me encara. — Por que está rindo?

— É que eu pensei que... — ele olha para mim e depois para o Richard — que vocês tinham alguma coisa.

O Richard encara ele.

— Por que não acha mais? — pergunto e o Richard me olha.

— Porque ele é o companheiro da Dai. — O Richard olha pro Ogro.

— Então, ficou alegre porque eu e o Richard não temos nada? — o Richard me olha e eu olho pra ele. — EPAAAAA, COMO ASSIM? — Levanto do sofá e encaro o Richard. — AI, MEU PAI. — Coloco a mão na cabeça e corro para o quarto da Dai. Entro sem bater e a vejo sentada na cama olhando para o nada. Ela me olha com os olhos assustados. — Por que você está assim, Dai? — Sento ao lado dela e ela me abraça. — Ei, pelo que eu lembro, uma vez você me disse que queria encontrar o seu companheiro logo. E agora que o achou, fugiu? — Respiro fundo. — O Richard é a melhor pessoa que eu já conheci. — Ela me olha.

— Ele é o Richard? — Sorrio.

— É sim, ele é meu primo. — Ela leva um susto e ri.

— Acho que meu irmão é um idiota. — Ela dá outra risada. — Primeiro, tem ciúmes do Be, que por sinal, é gay. Depois tem ciúmes do Richard, que é teu primo.

— E seu companheiro.

Ela dá um sorriso envergonhado.

— Já parou pra pensar que você pode ser minha cunhada? — Levanto rápido da cama.

— Claro, o Richard é como um irmão pra mim. — Ela revira os olhos.

— Eu estou falando do meu irmão, Hannah. Vocês podiam ser companheiros, sabia?

Meu coração acelera feito louco.

— Impossível. Se ele fosse, eu saberia no momento em que o conheci.

Ela me olha com um olhar de pena.

— O Be já tinha me dito que você era lerda, mas eu não estava acreditando.

— Ela respira fundo e levanta. — Eu te disse uma vez... meu irmão usa um feitiço.

Ela termina de falar e sai, e eu fico olhando para as paredes sentindo o meu coração pulsar cada vez mais forte. Será possível? Ele, ser o meu companheiro? Sacudi a cabeça espantando esses pensamentos.

Respirei fundo e fui para a sala. Estava um clima meio tenso, pois o Ogro estava sentado no meio do Richard e da Dai. Ele parecia um pai ciumento. Fui até lá e puxei ele para o outro sofá.

— Para de ser idiota — digo, apertando seu braço. Quando ele senta do meu lado, chega perto do meu ouvido e diz:

— Deixa eu agir como um irmão protetor. Ou, pelo menos, manter as

aparências. Não aguento e começo a rir. O Richard e a Dai me olham sem entender nada.

— Desculpa — digo, respiro fundo e olho para o Richard. — Diz aí o que você queria. — Ele franze a testa. — A emoção de encontrar sua companheira afetou sua memória? — digo e os dois ficam vermelhos.

— Você não está ajudando — o Ogro diz.

— Sabe Richard, mesmo eu te conhecendo há décadas, eu preciso te falar isso. — Respiro fundo e todo mundo me olha com atenção. — Se você machucar a Dai, eu juro que te capto, seu verme.

A Dai se assusta e Richard dá um sorriso.

— Para de ser idiota — o Ogro diz tentando imitar minha voz, o que foi hilário.

— Deixa eu agir como amiga protetora. Ou pelo menos manter as aparências — digo no ouvido dele. Ele balança a cabeça e ri. Olho para o Richard. — Você entrou aqui dizendo: "Hannah a gente precisa de você".

Ele parece ter lembrado.

— Eu recebi uma ligação do alfa da Flórida. — Franzi a testa e senti o Ogro ficar tenso. — Ele está pedindo a sua ajuda. Ele quer que você volte para a alcateia.

CAPÍTULO 25

Hannah

— Ele está pedindo a sua ajuda. Ele quer que você volte para alcateia.

Fiquei boquiaberta.

— O QUÊ? — a Dai e o Ogro dizem juntos.

— Ele a expulsou, e agora a quer de volta? — o Ogro diz, visivelmente muito bravo.

— O alfa imaginou que você não iria deixar ela ir — o Richard diz.

— É obvio que não — o Ogro diz, como se aquilo fosse um absurdo. Eu não conseguia dizer nada, só estava prestando atenção neles.

— Você não pode deixar ela ir — a Dai diz para o Ogro. Ele segura a minha mão e meu corpo se arrepia.

— Ela não vai — ele diz, sério e firme.

O Richard me olha e sorri.

— Ela não precisa voltar para a alcateia, David. — O Ogro franze a testa.

— Bem que o alfa queria, mas, se não for possível, ele só quer que ela vá à Flórida para ajudar a gente a resolver um caso e voltar.

— Por que ele acha que eu iria? — me manifestei.

— Porque ele disse que a Norah vai te pedir desculpas.

Eu não sabia se ficava assustada ou feliz.

— Hannah — o Ogro me chama e eu olho para ele. — Por que você está com esse sorriso diabólico? Você não está pensando em ir, não é mesmo?

— Eu daria tudo para ver aquela vaca me pedindo desculpas — digo e o Ogro coloca a mão no rosto. O Richard ri.

— Você é impulsiva — ele diz e eu sorrio. Ele olha para o Richard. — O que o seu alfa quer com a ajuda da Hannah?

— Apareceram umas criaturas estranhas na Flórida. — Eu, a Dai e o Ogro nos olhamos. — Precisamos encontrar o ninho daquela coisa e acabar com

elas, pois estão matando muitos humanos. E a melhor rastreadora que conhecemos é a Hannah.

— Consegue descrever a criatura? — pergunto.

— Não sabemos sua aparência, todos que já a viram não sobreviveram para contar a história.

A Dai leva um susto.

— Ninguém da sua alcateia foi atrás da criatura? — o Ogro pergunta.

— Três lobos. E todos os três morreram.

O Ogro tranca a mandíbula e aperta com força a minha mão. Só aí percebi que ele ainda a segurava e sorri por dentro.

— O seu alfa quer que a Hannah vá a trás disso. — O Ogro respira fundo e diz: — Não vou permitir que ela vá. É perigoso.

Eu olhava sua expressão enquanto falava. Ele estava preocupado comigo? É, ele estava. Acho que o Ogro não é tão Ogro assim. Sinto que já falei isso...

— David — saio do meu transe quando o Fábio aparece na sala. — Eu preciso falar com você e a Hannah.

— Eu queria que vocês pensassem bem sobre o assunto da Hannah ir e me respondam amanhã — o Richard diz.

O Ogro concorda e levanta para acompanhar o Fábio. Levanto, olho para a Dai e para o Richard.

— Comportem-se, crianças — digo e saio de lá o mais rápido possível.

Vou para o escritório onde o Ogro e o Fábio estavam.

— O que foi? — o Ogro pergunta ao Fábio.

— Eu tomei a liberdade de investigar o caso das bestas. — Ele dá uma pausa. — Eu fui a um bar perto daquela floresta e ouvi boatos de que essas

bestas não são daqui.

— Como assim? — pergunto.

— Investiguei mais e descobri que as bestas estão vindo da Flórida. — O Ogro me olha. — Essas bestas que estão vindo para cá, supostamente são como filhotes, comparado com o que tem na Flórida. — Passo a mão na cabeça. — Isso quer dizer que não é mais da nossa conta.

Eu me viro para o Ogro.

— Eu vou.

Ele franze a testa.

— Não vai não, ouviu o que ele disse? O que tem lá na Flórida não é brincadeira, Hannah — ele diz, sério.

— Mas se não acabar com isso lá, as bestas não vão parar de vir para cá — digo, já ficando nervosa.

— Você não vai desistir, né? — Ele suspira fundo e olha para o Fábio. — Fala para Carol apagar qualquer besta existente aqui e compre duas passagens para a Flórida. — O Fábio sai e eu olho assustada pro Ogro. — O quê? Você acha mesmo que eu ia deixar você ir sozinha?

— Na verdade... Sim, pensei.

Ele levanta uma sobrancelha.

— Pensou errado — ele diz. Reviro os olhos e me viro, mas ele segura o meu braço, olha para ele. — Desculpa por dizer para o Richard que você estava viajando... é que ele era da sua antiga alcateia... e... eu fiquei com medo... dele querer te levar de volta... e você aceitar.

— O quê? Por acaso você tem um irmão gêmeo, que é o cara chato pra caralho? — Ele solta uma risada. — Eu nunca iria aceitar voltar para ficar

lá, eu fiquei brava pois o Richard é importante pra mim, ele é a única família que me sobrou.

Ele franze a testa.

— O único que te sobrou?

— Meus pais morreram e o Richard é meu primo, só tenho ele. Ele é como meu pai, irmão e primo, tudo junto. — Dou um sorriso. Pela primeira vez desde que conheci o Ogro fui capaz de dizer a ele sobre a minha família.

— Não acredito que estava com ciúmes do primo dela — ouço ele resmungar. Eu não aguento e começo a rir.

— Eu não acredito... Você realmente... sente... ciúmes de mim... — digo entre risos e ele me puxa pela cintura.

— Sinto muito mais que ciúmes — ele diz apertando a minha cintura e o meu coração dispara.

— Então, ficou com medo de eu ir embora? Ou foi medo da Dai vir comigo?

— tento mudar de assunto, mas sinto que saí de um buraco para cair em outro.

— Sinceramente, eu temi que fosse embora. Seria horrível não ter ninguém com quem discutir. — Ele passa a mão em meu rosto e eu suspiro.

Pensa Hannah, pensa em uma desculpa para sair dessa sala, antes que você ou ele façam merda...

— Eu vou... vou arrumar minha mala. — Ele me solta e sorri.

Saio de lá quase correndo. A Dai e o Richard conversavam bem empolgados na sala que nem me viram passar. Vou para o meu apartamento, em direção ao meu quarto e pego uma mala. Do nada, o Be aparece.

— Vai para onde?

— Viagem de negócios com o Ogro.

Ele coloca a mão no peito e cai na cama.

— Ai, que tudo.

CAPÍTULO 26

Hannah

O Ogro disse para o Fábio comprar as passagens para hoje ainda. O voo estava marcado para sair 20 horas, e já são 19:15. Vamos chegar na Flórida por volta das 23 horas da noite. Sinceramente, eu queria sair amanhã cedo, mas o Richard concordou de sair hoje também. Então, é dois contra um. O que posso fazer?

Eu tinha acabado de tomar banho, vestido uma calça jeans e uma blusa cinza de manga longa. Estava arrumando o meu cabelo quando o Be entra no quarto.

— Minha filha, eu me dou bem com o Richard, mas com o gostosão, não.

— Olho para ele. — Então, vai embora logo para eles saírem da sala.

— O Ogro te viu? — pergunto. Ele junta as mãos e diz:

— Graças a Deus, não. Mas se ele me vir, me mata. Então, vaza daqui.

Começo a rir.

— Está me mandando ir embora?

Ele sorri.

— Tô, sim. — Reviro os olhos e ele vem me abraçar. — Posso te pedir uma coisa? — Olho para ele. — Da uns pega no gostosão por mim. —

Começo a rir. — Meu pai, aquele homem tá de tirar o fôlego querida, não sei por que fica aí boiando.

— E você está pegando fogo, vai tomar um banho gelado, vai.

Ele me mostra língua e se abana. Pego a minha mala.

— Eu até ajudaria a levar sua mala para a sala, mas gosto da vida que levo.

Sorrio dou outro abraço nele.

Vou para a sala e vejo o Richard, a Dai e o gostosão. Quer dizer, o Ogro. Ele realmente é um pedaço de mal caminho, meu pai. *Hannah não dê ouvidos ao Be, se concentra.*

— Vamos? — o Richard chama.

Descemos e entramos no carro, o motorista da Dai vai nos levar. A Dai só vai até o aeroporto com a gente. Ela até queria ir também, mas o Ogro não deixou.

—

Já tínhamos desembarcado na Flórida. O Ogro fez questão de alugar um carro, não sei como ele conseguiu àquela hora da noite. Estávamos dentro do carro, o Ogro dirigindo, eu na frente e o Richard atrás.

— Hannah. — Olho pro Ogro. — Eu sei que aqui já foi a sua alcateia, mas você está sob minha responsabilidade agora. Então, não causa nenhum problema.

Sorrio.

— Vou tentar.

Ele me encara me repreendendo e eu dou outro sorriso.

— Estamos chegando — diz o Richard. — Vira ali.

O Ogro vira em uma estrada de chão e, bem no final tinha a mansão, que não era muito grande, mas bem bonita. Eu era da alcateia da Flórida, mas era raro eu vir aqui, por causa da vaca da Norah. O carro para e logo vemos dois homens saírem da casa. Um era o alfa e outro o seu beta.

Nunca falei, mas o nome do meu antigo alfa é Álvaro e o seu beta é Júlio. Saí do carro na mesma hora que o Richard e, quando o Álvaro me viu, abriu um sorriso enorme. O Álvaro tem mais ou menos uns 40 anos, mas ainda assim aparenta ser bem jovem e bonito.

— Você veio, Anna — ele diz todo alegre, me olhando. É, ele não me chama de Hannah, só de Anna, era meu apelido desde pequena, mas eu não gosto dele. O Ogro sai do carro e fica do meu lado e a alegria do rosto do Álvaro vai embora. — Não me informaram que o alfa da alcateia da Califórnia viria.

— Mas você deveria imaginar. Não deixaria a Hannah vir sozinha — o Ogro diz sério e dava para ver visivelmente a tensão no ar.

— Já está bem tarde, acho melhor entrarem para descansar e amanhã conversamos — diz o Júlio. Entramos na casa e o Júlio se vira para mim.

— Eu pensei que só você ia vir, então só tem um quarto. Não tem problema se você e o Alfa ficarem no mesmo quarto?

— Tudo bem — o Ogro diz por mim.

Mais o quê? Meu coração acelera só de pensar em ficar no mesmo espaço que ele.

— Álvaro. — Ele me olha. — Não precisa falar para a Norah se desculpar comigo. — Ele fica surpreso.

— Por quê? Pensei que ia gostar de ouvir ela te pedir desculpas.

— Eu ia adorar, mas eu vim aqui para ajudar a matar a tal criatura. Não pela sua alcateia e nem para ouvir uma desculpa falsa da Norah, mas sim porque isso iria prejudicar a minha atual alcateia se eu não fizer nada. — não sei se foi minha impressão, mas o Ogro sorriu.

— Prejudicar a sua atual alcateia? Tem criaturas lá também? — o Júlio pergunta.

— Conversamos amanhã — o Ogro diz.

O Júlio nos levou para o quarto. Antes do Ogro entrar no banheiro passei na frente dele. Tomei um banho e vesti uma calça cinza e uma blusa branca de alcinha. Saio do banheiro e o Ogro estava sentado na cama. Ele fica me olhando, com os olhos viajado em mim.

— Que foi?

Ele chacoalha a cabeça e se levanta.

— Nada. — E entra no banheiro.

Eu me jogo na cama e fecho os olhos. Do nada, vem uma palavra na minha cabeça: "feitiço".

Desde que a Dai me lembrou que o irmão dela usa o tal feitiço, eu não consigo parar de pensar nisso. Por que ele usa isso? Qual a necessidade?

Passo a mão no rosto e levanto, vou até a sacada do quarto e sento no chão olhando para as estrelas. O céu está tão lindo, as estrelas se destacam e a lua ilumina a escuridão. Passa um vento frio e meu corpo se arrepia, fecho os olhos e tento me libertar de qualquer preocupação — como o Álvaro querer que eu fique e o Ogro discutir com ele, de como vai ser a relação da Dai com o Richard, ela vem pra cá ou ele vai pra lá? E a preocupação que me atormenta mais é o Ogro estar com um feitiço e a minha loba inquieta quando ele está por perto.

Sinto um vento quente no meu ouvido. Abro o olho e viro para o lado de onde veio o vento.

— HAAAA... — Ele ri e senta ao meu lado. — Seu infeliz, não me assusta.

— Parecia que estava meditando. — Ele olha para o céu e sorri, um sorriso meigo, lindo demais. Não só o sorriso, mas ele inteiro. Ele estava com uma bermuda e uma camiseta regata. Esse homem é tão lindo, mas tão idiota, tão gostoso, mas tão, tão... tão o quê? Ele me olha.

— Admirando a minha beleza?

CAPÍTULO 27

Hannah

— Admirando a minha beleza? Sei que sou lindo.

Reviro os olhos.

— Sabe que também é convencido?

Ele solta uma risada, eu olho para o céu mais uma vez.

— Qual é a posição do Richard aqui na alcateia? — ele me pergunta sem me olhar.

— Ele é o líder da matilha de caça. Eu fazia parte dela — digo e sorrio.

Olho para o Ogro. Ele olhava as estrelas e seus olhos brilhavam. Ele me olha e solta uma risada.

— Isso já está ficando constrangedor, Hannah.

Levanto uma sobrancelha.

— Por que sente ciúmes de mim? — Ele franze a testa. — Olha, eu posso ser um pouco lerda, mas não sou idiota. Desde que cheguei na empresa você veio com um papo estranho de querer me controlar, chamava minha atenção por causa das roupas que eu vestia, e depois fica com ciúmes de homens próximos a mim. Vai, abre o jogo.

— Por que está perguntando isso agora? — ele diz, me encarando.

— Tomei coragem agora.

Ele respira fundo.

— Porque... sinto uma coisa estranha... por você.

Meu coração dispara e a vontade de falar que eu sentia o mesmo me consome. Ele me olhava e eu não conseguia desviar o olhar, era como dois ímãs se encontrando. Sem perceber, meu coração já não tinha ritmo certo para bater e mais uma vez minha loba fica inquieta. Isso acontece sempre que estou perto do Ogro, desde que o conheci, sinto minha loba presa. "Feitiço. Feitiço. Feitiço. Feitiço" — isso não sai da minha cabeça.

— Poço te perguntar uma coisa? — Ele franze a testa e confirma. — Por que usa um feitiço?

Ele se assusta e fica sério do nada.

— O que deu em você hoje? — Ele me encara.

— Hoje é o dia da verdade, quero saber.

Ele dá um sorriso de lado e fica sério de novo.

— É complicado.

Encaro ele.

— Acho que sou capaz de entender.

Ele respira fundo.

— Uso o feitiço para proteger a minha companheira.

— Está protegendo ela de quê?

Ele passa a mão na cabeça.

— De mim.

Dou uma risada e ele me encara.

— Você é idiota. — Respiro fundo. — Está protegendo ela de você, porque você é possessivo, arrogante, convencido, babaca, imbecil, pavio curto, idio...

— Acho que já está bom.

Sorrio.

— Já parou para pensar que a sua companheira pode lidar com tudo isso em você? Na minha opinião, você está fazendo muito errado. Por mais que você seja tudo isso que eu falei, já vi que você tem um lado que não gosta de mostrar. Todos temos esse lado. Acho que você é capaz de mudar por ela, sabia? — Ele respira fundo e não diz nada. — Você se complica sozinho.

Levanto e vou para a cama. Eu pensei que sabendo o motivo dele usar um feitiço ficaria mais tranquila, só que só piorou. *Droga, Hannah.* Sinto ele sentar na cama e olho para ele.

— Você disse que hoje era o dia da verdade. Tenho o direito de perguntar também. — *Olha a merda que eu fiz.*

— Esse dia só vale para mim. — Ele sorri. — Aquele dia que você cheirou o sangue da besta e depois falou que a besta tinha dado trabalho pro Fábio: como sabia?

Sento na cama.

— Eu tenho um tipo de visão do passado, é um dom — digo e ele fica surpreso.

— É muito raro algum lobo ter esse tipo de dom. — Sorrio. — Agora entendo o motivo do Álvaro quer você de volta, Anna. — Ele diz o Anna ironizando.

— Pode ir parando por aí. Odeio que me chamem assim — digo, séria.

— O seu ex-alfa pode e eu não? — ciúmes detectado.

— Ele me conhece desde criança, esse era um apelido que me deram na infância. Mas eu não gosto. Meu nome é Hannah e não Anna.

Ele ri.

— Os nomes das quengas são Mônica e Carol e ainda assim você não a chama pelo nome.

— É diferente.

Ele se joga na cama e eu o encaro.

— Que foi? — Olho para o chão e ele ri.

— Vai achando que eu vou dormir no chão e deixar essa cama enorme para você...

— Por que não? — pergunto séria e ele me encara por um bom tempo. Então me puxa e eu caio na cama ao seu lado.

— Para de frescura, que você já dormiu comigo uma vez — ele diz com a cara mais lavada do mundo.

— Eu estava bêbada.

Ele ergue uma sobrancelha e sorri de lado.

— Então, quer ficar bêbada para dormir?

Eu vou matar ele.

— Sabe, eu tenho uns desejos estranhos de vez em quando. E eu estou sentindo um agora.

Ele franze a testa.

— Que desejo é esse? Comer sorvete e pizza?

Eu o encaro.

— Não... É de arrancar a sua cabeça.

CAPÍTULO 28

Hannah

Se foi difícil dormir? É claro que foi. Aquelas coisas que o Ogro me disse ontem à noite me deixaram desestabilizada, sem contar que o infeliz não parava de se mexer na cama. Não sei se fez de propósito ou não, mas me irritou.

Vocês devem pensar que eu já levantei, certo? Se enganaram redondamente. Eu estou na cama ainda, é que está tão quentinho aqui que nem dá vontade de sair. Quando me convenci de que tinha que me levantar, quem disse que consegui? Quando me viro dou de cara com o Ogro, que estava segurando a minha cintura. Ele parece até um anjinho quando está dormindo. Mas por que ele está agarrado em mim? Sabe, a sensação de sentir o calor do corpo dele é tão boa que me permito ficar ali mais um pouco. Meu Santo Lobo, me ajuda a entender o que esse cara faz comigo, me ajuda a entender porque ele mexe tanto comigo, me ajuda a entender o que sinto por esse cretino.

O que eu sinto por ele? Eu gosto dele? Eu não posso gostar dele, não mesmo. Ele usa um feitiço, ele pode ser o meu companheiro, mas pode ser que não. Então, eu não posso gostar dele e depois me decepcionar.

Sem perceber eu já estava cariciando o rosto dele. Sua pele tão macia, tão quente. Sabe de uma coisa? FODA-SE. Eu vou me arriscar, não vou me importar se eu me machucar. Machucados cicatrizam, certo? Só que não vou facilitar para o Ogro.

Sorrio, chego perto do ouvido dele.

— ACORDAAAA...

Ele literalmente pulou da cama e eu não aguentava de tanto rir.

— Porra, Hannah... — Ele coloca a mão no ouvido. — Acho que fiquei surdo. — eu não parava de rir. Ele me olha, sério. — Por que você tem que ser tão barulhenta quando acorda?

— É um dom. — Pisco para ele e vou para o banheiro.

Escovo os dentes e arrumo meu cabelo em um coque alto. Tomo um banho e depois que termino me enrolo na toalha. Então, eu lembro que me ferrei. Cadê a roupa? Droga. Coloco a mão no rosto e fico andando de um lado para o outro no banheiro. Por que que eu tinha que ser tão esquecida? *Mas que droga.*

— Hannah, você dormiu aí dentro, foi? — *Ferrou.* — Se você não sair, eu arrombo a porta.

Respiro fundo, abro a porta e o Ogro fica que nem idiota me olhando. Só dele me olhar daquele jeito meu corpo se arrepia todo. Puxo ele para dentro do banheiro e fecho a porta.

— Se você sair daí sem me avisar, eu juro que arranco sua cabeça.

Ouçõ ele rir.

Visto uma lingerie branca, uma calça jeans e uma regata branca. Termino de me arrumar e alguém bate na porta. Vou até lá. Era uma mulher, acho que é uma empregada.

— O Sr. Álvaro pediu que desça para ir tomar café.

— Ok.

Ela sorri e vai embora. Eu me jogo na cama.

— HANNAH...

Começo a rir.

— Pode sair. — Ele sai e me encara, sério. Reviro os olhos e puxo ele para fora do quarto. — Vamos, estou com fome.

Chegamos na cozinha e só tinha os empregados. Acho que acordamos tarde. Sentamos e começamos a comer. Logo o Richard entra na cozinha.

— O Álvaro vai estar esperando vocês no escritório.

Encaro ele.

— Bom-dia para você, seu sem educação.

Ele ri, vem até mim e dá um beijo na minha cabeça.

— Bom-dia, doida.

O Ogro fica me encarando, mas que saco. Como você consegue comer com alguém te fitando assim? Ele dá um sorriso de lado.

— Por que deu esse sorriso? — Ele dá outro, só que esse é pervertido. — Fala logo.

— É que senti uma mão de anjo me cariciando hoje.

Levo um susto e me engasgo.

— Que anjo idiota, cariciar um Ogro como você.

Ele ri e não diz nada.

Terminamos de tomar o café e vamos para o escritório. Estavam o Álvaro e o Júlio.

— Bom-dia — digo, sentando no sofá.

— Bom-dia — eles dizem juntos.

— Então, você mencionou ontem à noite que estava aqui para ajudar a pegar a criatura só porque ia afetar vocês lá na Califórnia. Do que estava falando?

— o Álvaro pergunta.

— Vocês estão chamando eles de "filhote", nós os chamamos de bestas. Estão aparecendo lá, não são muitas, mas o suficiente para causar desordem

— digo, encarando-o.

— Por que chamam essas coisas de "filhotes"? — o Ogro pergunta.

— Pelo que parece, eles são realmente filhotes de alguma coisa maior — o Júlio diz e eu me assusto. — Andei investigando e esses filhotes não são tão perigosos como a "mãe". Três de nossos lobos foram atacados pela "mãe" e não sobreviveram, o problema é que não sabemos onde essa aberração se encontra.

— Se achar a tal "mãe" vão matar o resto dos "filhotes" — digo.

— É isso que pensamos — o Júlio diz.

— Tem a amostra de sangue da "mãe"? — pergunto.

— Tenho. Acho que é melhor agirmos à noite.

— Também acho — digo.

Eram mais ou menos umas 5 horas da tarde. O Ogro saiu já faz umas duas horas, disse que ia ir na empresa dele que tem aqui. Eu estava no jardim olhando para o nada.

— Oi — alguém fala a trás de mim. Eu me viro e vejo um loiro dos olhos verdes. Apesar de ter uma cicatriz no nariz ele era bem bonito.

— Oi. — Sorrio.

— Lembra de mim?

Franzi a testa.

— Desculpa, mas não. Qual o seu nome?

Ele sorri.

— Vitor.

Juro que tentei lembrar, mas nada vinha na cabeça.

— Desculpa, eu realmente não me lembro de você.

CAPÍTULO 29

Hannah

— Desculpa, eu realmente não me lembro de você — digo e ele dá um sorriso.

— Se você não quiser outra cicatriz no nariz, acho melhor sair de perto dela.

— Ouço a voz do Ogro atrás de mim e o loiro olha com uma expressão

assustada.

— Você... — o loiro diz apavorado e sai do meu campo de visão.

Eu me viro e olho para o Ogro.

— Pode me explicar quem era ele, e o que quis dizer com outra cicatriz? — Ele passa a mão na cabeça. — Foi você quem fez aquilo no nariz dele?

— Conversamos depois — ele diz se virando.

— Não mesmo. — Pego ele pelo braço e o puxo até o quarto. Quando chegamos, eu o encaro. — Anda, me fala logo.

— Vamos dizer que eu bati nele uma vez — ele diz sem olhar para mim.

— Explica isso direito. Por que bateu nele? — pergunto, impaciente.

— Porque ele estava se aproveitando de você.

Eu me assusto.

— O QUÊ?

Ele me olha.

— Você realmente não se lembra? — Ele bufa. — Na balada, você ficou bêbada e ele estava dançando com você. Perdi a paciência e bati nele. Pronto, satisfeita?

Eu me sentei na cama com cara de paisagem.

— Simples assim? Perdeu a paciência, foi lá e deformou o nariz do cara?

Ele me encara.

— Não é tão simples.

Olho para ele.

— Perco a cabeça quando algum cara chega perto de você.

Hein? Como se raciocina mesmo? Ele vem chegando mais perto da cama,

mais e mais.

Quando eu percebo ele já está em cima de mim. Mas o quê? Como eu o deixei chegar até aqui?

Ele segurava as minhas duas mãos e me encarava. Ele chega mais perto do meu pescoço e o cheira, sua respiração bate na minha pele e o corpo todo se arrepia. Meu coração dispara e mais uma vez minha loba fica inquieta.

— O... o o o que... você... está fazendo? — pergunto com dificuldade.

Ele me olha.

— Eu já cansei disso. — Eu quero saber o que esse infeliz está pensando.

— Eu já cansei de me segurar, Hannah.

— Do... do que... você está falando?

Ele roça os lábios na minha orelha e sussurra:

— Eu gosto de você. — Acho que meu coração parou. Sério, o que é isso? Ele me olha. — Eu não quero mais esconder isso de você, não quero esconder isso de mim. — Eu não conseguia falar uma letra sequer. Eu nem sentia meu coração bater de tanto que estava acelerado e minha loba mais que nunca estava agitada. — Você não precisa falar nada. Só fique você sabendo que não importa o que pense de mim, eu não vou sair da sua vida tão cedo e nem te deixar ir da minha.

Então, ele se levanta, sai do quarto e eu fico olhando para o teto tentando me recompor.

Estava na hora de ir rastrear a tal criatura. Eu, o alfa, o Júlio, o Richard e o Ogro estávamos no fundo da casa.

— Toma, Hannah. — O Júlio me entrega um lenço com o sangue.

O sangue era preto como as das bestas. Respirei fundo e aproximei o pano do nariz.

Então, eu vi uma criatura horrível. Ela era o dobro do tamanho das bestas e o corpo era coberto de gosma, muito nojento por sinal.

— Hannah — o Ogro me chama e eu o olho. — Você está bem? Ficou muito tempo com os olhos fechados.

— Está tudo bem. — Respiro fundo e sinto um rastro da criatura. — Por aqui.

Vou na frente entrando na floresta e o resto me acompanha.

— Hannah, se acontecer de acharmos essa tal criatura, quero que volte imediatamente para a mansão — o Ogro diz do meu lado.

— O quê? Não, eu quero ajudar — digo.

— Também concordo, você deve voltar — diz o Richard.

— Mas...

— Sem mas Hannah, por favor — o Ogro diz sério e eu resolvo ficar quieta.

Depois de algum tempo o cheiro nos leva a uma caverna. Ela era enorme e muito escura. Estávamos parados de frente para ela.

— O cheiro acaba aqui — digo. — Mas eu sinto que a criatura não está aí dentro.

— Como assim? — o alfa pergunta.

— O cheiro que sai daí de dentro não tem nada a ver com o que acaba aqui.

— Todos me olham.

Ouvimos um barulho de galhos se quebrando e logo um rosnado. O Ogro fica na minha frente e o resto em alerta.

Então, a criatura aparece e aquilo era mais assustador ao vivo do que em visão.

— Eu vou te dar cobertura e você sai daqui o mais rápido possível — o Ogro diz e eu continuo a olhar a criatura. — Hannah, você me ouviu?

Faço que sim com a cabeça.

A criatura vem em nossa direção e vai para dar um murro no Ogro. Ele se esquivava, mas a garra acerta o rosto dele. Na mesma hora ele me empurra e eu vou para trás da criatura.

Vi o Júlio do lado esquerdo da criatura, o Richard do lado direito e o Álvaro na minha frente e atrás da criatura. Ao mesmo tempo eles atacam em uma sincronia perfeita. Só que aquilo não foi suficiente. A criatura cambaleia, e o Ogro estava na frente dela ainda. Ele me olha furioso e faz sinal para eu sair dali. Então, nessa distração acontece uma coisa inesperada. A criatura enfia suas garras na barriga do Ogro, perfurando-o como se fosse nada. Quando vi aquela cena, meu mundo desmoronou totalmente.

— David...

CAPÍTULO 30

Hannah

— David...

Por um breve momento senti como se eu fosse um peso morto, como se eu estivesse ali só para atrapalhar. Não estava ali para ajudar? Então, por quê? Por que estava acontecendo aquilo? Por que o Ogro estava sendo perfurado

por aquele monstro? Por minha culpa! Se eu tivesse feito o que ele tinha dito, nada disso estaria acontecendo. Meu coração doía, doía muito e então a raiva foi tomando conta da dor.

As minhas garras começaram a crescer e meu olho mudou de cor, de azul foi para amarelo. Rosnei tão alto que até me arrepiei, a criatura vira e me olha. Solta o Ogro e ele cai no chão com a mão na ferida.

A criatura fica em posição de ataque e rosna para mim como se me desafiasse. Antes mesmo dela mexer um músculo para vir atrás de mim eu já tinha acertado um murro em sua barriga. Para se ter uma ideia de quanto a criatura era grande eu chegava só até a altura da sua barriga. Eu não tinha percebido que o soco que dei foi tão forte, fui perceber isso quando senti sangue nas minhas mãos; pensei que era o meu, mas, quando abaixei a cabeça para ver, minha mão estava dentro da criatura. Aproveitei e mexi a minha mão dentro da barriga dela, fazendo-a sentir uma dor horrível. Puxei meu braço com tudo.

— HANAAH PARA, SAI DAQUI! — O Ogro grita. Não acredito que ele ainda tem forças para chamar minha atenção.

— HANNAH, VOCÊ NÃO CONSEGUE DERROTAR A CRIATURA SOZINHA — ouço o Álvaro falar. — ELA SE REGENERA. VOCÊ NÃO VAI CONSEGUIR. — Aquilo me deu mais raiva. Ele estava duvidando da minha capacidade?

Realmente a criatura começou a se regenerar, então ela me olha e rosna me desafiando mais uma vez. Sinto alguém me puxando, olho e vejo o Richard. Eu entendi o que ele queria dizer me puxando para mais longe da criatura. Respirei fundo e corri meio que subindo em uma rocha que tinha do lado da criatura. Então, quando vi que já estava alto suficiente, dei um chute no ar acertando a cara dela. A criatura caiu no chão de imediato.

Pensei que ela estaria inconsciente, mas então ela se levanta e dá um rugido bem alto, como se estivesse chamando alguém. E, para a nossa infelicidade, aquilo era um chamado, logo fomos cercados por filhotes ou bestas.

— VAMOS RECUAR! — o Júlio grita.

— Nem pensar... não mesmo — digo baixinho. — NÃO!

Corro mais uma vez e faço a mesma coisa que antes, mas antes do chute chegar na cara da criatura, ela pega minha perna e me joga para trás dela. Eu me arranhei toda. Essa criatura é muito confiante, pois nem olhar para trás ela olhou. Levanto e calculo a distância e a altura de que eu vou precisar. Estalo o pescoço e corro, subindo na pedra. Em vez de dar um chute eu consigo sentar no ombro da criatura. A criatura começa a se debater e eu quase caí. Cruzo as pernas em volta de seu pescoço. Com pernas e mãos começo a apertar o pescoço da criatura e ela não para de se debater. Começo a colocar mais força, sai sangue, mas a desgraça não morre. Sem parar de fazer força, olho para o Ogro, que estava encostado em uma pedra com a mão na barriga. Ele me olha e eu vi que ele estava sentindo dores, dava para ver em seu rosto, mas eu também via preocupação. Então, eu me concentro mais uma vez na criatura.

— Já chega — digo baixo. Olho e vejo o Richard lutando com uma besta. O Júlio estava caído com outra besta em cima dele e o Álvaro estava encurralado. — Já me cansei de você. Está na hora de morrer. — Com isso, aplico mais força e puxo para cima. Na mesma hora consigo arrancar a cabeça dela. O corpo começa a querer cair, então eu pulo segurando a cabeça da criatura. O corpo cai atrás de mim, olho e vejo todas as bestas virarem pó. É, literalmente viraram pó. Eu estava coberta de sangue da criatura. Vou até o Álvaro. — Então, eu não ia conseguir, não é? — Jogo a cabeça da criatura nele. — Não duvide de mim. — Viro-me e vou até o Ogro. Ele me olha

com o rosto cansado. — Consegue levantar? — Ele faz que sim.

Pego em seu braço e o ajudo a levantar. O Richard fica do outro lado dele dando apoio.

— Vou ajudar vocês.

///

Ontem à noite, logo que chegamos na mansão, o Ogro desmaiou. Eu entrei em desespero, mas o Richard disse que era porque ele tinha perdido muito sangue e que não era nada sério. Então, fiquei mais tranquila.

Ontem mesmo eu limpei o machucado. Por incrível que pareça, já cicatrizou a maioria do ferimento. Isso me deixa bem aliviada.

Eu estava na sacada do quarto olhando para a floresta, quando escuto uma tosse. Entro no quarto e vejo o Ogro com os olhos abertos. Ele me olha.

— O que aconteceu com você? Você está péssima — ele diz e eu vou até ele.

— Muito obrigada pelo elogio — digo com ironia. Pelo visto, ele já está bem melhor.

— Você andou chorando? — ele pergunta, me encarando. Levanto uma sobrancelha.

— Por que estaria chorando? — Ele não diz nada. É eu andei chorando sim, mas até parece que eu iria falar. Sento ao lado dele. — Você está bem?

— Está preocupada comigo, Srta. Backer? — Reviro os olhos. — Eu estou bem. — Olho para baixo, ele pega a minha mão e eu o encaro.

— Desculpa — digo baixinho e ele franze a testa. — Se eu tivesse te

ouvido e vindo pra cá, você não ia se distrair e não estaria nessa condição.

— Não foi sua culpa. — Eu abro a boca, mas ele aperta a minha mão. — Não importa o que diga, não foi sua culpa. — Abaixo a cabeça e sinto a mão do Ogro em minha bochecha. Olho para ele. — Não se culpe.

Ele fica me encarando. Meu coração dispara e minha loba se agita.

Sabe aquelas cenas de filmes românticos, em que a moça e o moço ficam se encarando? Estava acontecendo isso agora. Nós só nos olhávamos como se quiséssemos falar algo, mas nenhum dos dois tinha coragem. Eu queria dizer tanta coisa a ele, queria me abrir...

CAPÍTULO 31

Hannah

Queria me abrir e dizer tudo o que eu estava sentindo por ele. Ele foi chegando mais perto do meu rosto, sem tirar a mão da minha bochecha. Estávamos a uma distância de milímetros... Minha respiração estava descontrolada e meu coração acelerado. Eu podia sentir o calor que transmitia a mão dele... Era tão bom! Quando estávamos para acabar com a distância entre nós dois a porta do quarto é aberta e eu dou um pulo para trás, assustada.

— Atrapalho alguma coisa? — o Richard pergunta ao olhar para nós.

— Está obvio que sim, né? — o Ogro diz estressado e o Richard ri.

— Vim avisar vocês que encontramos o responsável pelo que estava acontecendo. — ele diz, sério.

— Quem era? — pergunto, curiosa.

— O irmão do Júlio — ele diz e eu me assusto. — Você não deve conhecer ele. Ele entrou na matilha de caça logo que você foi embora, ele é bem habilidoso com arco e flecha. — Eu e o Ogro nos olhamos. — O Álvaro vai decidir o que irá fazer com ele como forma de punição. Se quiser voltar, você pode. O Álvaro que mandou lhe dizer.

— Tudo bem — digo e o Richard sai. O Ogro me olha com a testa franzida.
— Que foi?

— Você sabe que esse tal irmão do Júlio pode ser que seja o que matou aquela besta na floresta aquele dia, né? — ele diz.

— É, eu sei. Pode ser que ele estivesse arrependido e queria se livrar das bestas.... ou não — digo, pensativa.

— E você não vai falar nada pro Álvaro?

Olho para ele.

— Não. Isso não é da minha conta, não sou mais dessa alcateia para interferir em algo. Eles têm que descobrir sozinhos — digo e o Ogro sorri.

— Então, isso significa que não quer voltar para ficar aqui? — ele pergunta me encarando.

— Você é trouxa? É óbvio que não, não quero abandonar a Dai, o Fábio...

— não consegui terminar.

— Eu — ele diz com a cara lavada. — Eu sei, você também não vai querer me abandonar.

— Não se ache, seu idiota. — Reviro os olhos e me levanto. Fico perto da porta da sacada olhando para fora. — Não quero te abandonar também — digo baixinho.

— Eu ouvi.

Eu me viro e ele estava com um sorriso convencido.

— Então, finja que não ouviu.

Ele começa a rir.

— Tudo bem, vou tentar fingir que não ouvi, que você disse que não quer me abandonar. — Pego a primeira coisa que vi e jogo nele. Era uma almofada. — Ei, eu tô machucado, pega leve. Hannah, eu estava pensando em ir embora ainda hoje.

Olho para ele com uma sobrancelha erguida.

— Você está doido? — Ele franze a testa. — Eu pensei que íamos quando você tivesse melhor.

— Eu vou melhorar quando estiver no meu território, onde eu posso mandar e desmandar.

Começo a rir.

— Você é muito idiota...

— Eu vou ligar para o Fábio pra ele providenciar a nossas passagens — ele diz, sério.

—

O Ogro ligou para o Fábio e ele conseguiu marcar o voo para, hoje daqui a duas horas. Eu estava terminando de arrumar as coisas e o Ogro já estava lá embaixo. Sinceramente, o Ogro não tem condições de viajar, mas ele é teimoso demais para me escutar.

Pego as malas e desço, chego na sala onde estava o Richard, o Ogro e o Álvaro.

— Prontinho — digo.

— Então, vamos — o Ogro diz se levantando e o Richard o ajuda.

— Acho melhor eu levar vocês no aeroporto — o Richard diz. — Você não está em condições de dirigir.

— A Hannah não pode dirigir? — o Ogro pergunta e eu sorrio.

— De jeito nenhum — diz o Richard, assustado.

— Ei! — digo.

— É bem provável que vocês nem cheguem no aeroporto. Com a Hannah no volante, vocês vão parar no hospital — o Richard diz e eu o encaro. — Ela é um desastre dirigindo.

— Não exagera, seu idiota — digo brava e o Ogro dá uma risada que arranca um sorriso meu sem eu perceber.

— Então, você está decidida? — o Álvaro diz me olhando. — Você realmente não quer ficar? — ele me pergunta e o Ogro fica sério.

— Sinto muito, mas já tenho uma alcateia com que eu realmente quero ficar e lutar por ela — digo e o Ogro fica surpreso com o que ouve. — De início pensei que não ia durar muito tempo lá, pensei que seria expulsa de novo, mas... eu gosto de lá, gosto das pessoas que têm na alcateia. Eu vou ficar na Califórnia.

— Tudo bem. Não vou mais insistir, se é isso que você quer — o Álvaro diz e eu sorrio. Estendo a mão para ele. — Obrigado por tudo.

— Não foi nada — digo e o Ogro revira os olhos.

— Não foi nada? Claro que foi. — Eu o encaro ele dá de ombros.

Fomos para o carro, o Richard ajudou o Ogro a entrar e eu guardei as malas. Entrei na parte de trás do carro e logo o Richard entrou também e deu partida. O carro começou a se locomover.

— Hannah — o Ogro me chama.

— Hum?

— Você disse que gosta das pessoas que têm na alcateia. Isso me inclui também? Isso quer dizer que gosta de mim?

Eu não estava vendo o rosto dele, mas juro que ele estava com um sorriso diabólico no rosto.

— Eu acho melhor você calar a boca antes que eu faça você parar em uma cadeira de rodas, seu imbecil.

O Richard e ele começam a rir.

CAPÍTULO 32

Hannah

Chegamos na Califórnia mais ou menos às 2 horas da manhã. Chamei um táxi e fomos para o prédio. Chegando na portaria, o porteiro ajudou a levar as malas e eu ajudei o Ogro a andar. Entramos no apartamento do Ogro.

— Você tem que trocar os curativos — digo.

— Preciso tomar um banho antes — ele diz e o ajudo a ir até o quarto. Ele senta na cama e me viro para sair. — Hannah. — Olho para ele. — Vou

precisar de ajuda pra tomar banho.

Sem brincadeira nenhuma eu abri a boca em um perfeito "O". Juro que tentei não me imaginar ajudando o Ogro a tomar banho. *Meu Santo Lobo, já pensou eu lavando o corpo dele? Maldição, Hannah se concentra.*

— Isso já é demais — falo e ele ri. — Vai tomar banho que eu ajudo a trocar o curativo, mas apenas isso — digo e saio do quarto.

Respiro fundo tentando parar de imaginar coisas. Pela lua, é muita tentação, meu pai. Logo me recomponho, pego minhas malas e vou para o meu apartamento. Antes de entrar no meu quarto vou até o quarto do Be. Ele estava dormindo junto com a Dai, e o quarto estava todo bagunçado, parecia que tinha acontecido uma guerra mundial ali.

Coloco minha mala no quarto e vou tomar banho.

Termino meu banho, volto para o quarto, visto uma blusa branca e um short curto de malha preta. Arrumo meu cabelo em um coque frouxo, pego a caixinha de primeiros socorros e vou para o apartamento do Ogro. Vou até a porta do quarto dele e bato.

— Entra — ele diz e eu entro.

Ele estava sentado na cama com uma calça moletom cinza e sem camisa. Não dava para ver seu abdômen por causa dos curativos que estavam enrolados em sua barriga. Ele me encarava olhando cada curva do meu corpo, me deixou bem sem graça.

— Va... vamos trocar o... o curativo — digo nervosa e vejo ele sorrir de lado.

Vou até ele e me ajoelho para ficar na sua altura. Devagar começo a tirar o curativo e ele faz caras e bocas, porque o sangue estava grudado e com certeza doía um pouco, mesmo eu tendo o maior cuidado do mundo.

Ao tirar todo o curativo vi que a ferida tinha se fechado mais um pouco. O ferimento era grande, pegava o abdômen dele todo. Mesmo com aquela ferida deu para perceber que o abdômen dele é bem trincado. *Santo Lobo me segura, não me deixa pensar besteira.*

— Que foi? — ele pergunta e eu o olho.

— Que foi, o quê? — ele franze a testa e solta uma risada.

— Você ficou encarando o machucado e parecia que estava imaginando algo. O que estava imaginando? — ele pergunta com um sorriso malicioso e eu fecho a cara.

Pego água oxigenada e coloco sem dó em seu machucado. Ele tranca o maxilar.

— Não é da sua conta o que eu imagino — digo e dou um sorriso.

— Você é muito má — ele diz com cara de dor e eu sorrio mais ainda.

Começo a arrumar outro curativo em seu abdômen. Termino, arrumo as coisas na caixinha e joga fora o outro curativo.

— Eu até ia te dar alguma coisa para dor, mas provavelmente não ia resolver nada — digo e ele se deita na cama.

— Então doutora, vou ficar bem logo? — ele diz me encarando e eu reviro os olhos.

— Eu acho que daqui a uns dois dias a ferida se fecha por completo, isso se você ficar de repouso.

Ele franze a testa.

— Mas eu tenho que trabalhar ainda hoje.

— Nem pensar. — Respiro fundo. — Arruma alguém para tomar conta da empresa... o Fábio.

— Eu vou ver — ele diz desinteressado. Pego a caixinha e ia saindo do quarto. — Onde vai?

— Pro meu apartamento, dormir — digo.

— Mas se eu sentir alguma dor mais tarde? E aí, como vai ser?

Eu não acredito nisso.

— Você não vai sentir nada — digo encarando-o, ele franze a testa.

— Certeza? — Bufo e passo a mão na cabeça. — Por que não fica? — Olho para ele por um bom tempo.

— Tudo bem. — Sento em um sofá que tinha do lado da cama dele. Ele me olha. — Não vai dormir?

— Não consigo dormir vendo você aí. Não pretende dormir aí, né?

— Pretendo sim — digo.

— Deita aqui. — Franzi a testa. — Qual é, Hannah? Você não vai conseguir dormir aí, e eu não vou conseguir dormir vendo você tentando dormir nesse sofá minúsculo. — Respiro fundo criando coragem, levanto e me deito ao lado dele. Estávamos virados, um olhando para o outro, e eu estava bem tensa. — Relaxa, eu não vou te morder — ele diz e logo esboça um sorriso malicioso. — Só se você quiser, aí eu te mordo com... — ele chega perto do meu rosto e fala com uma voz rouca: — ...com todo prazer.

Fecho os olhos bem firmes para me acalmar e, ainda com os olhos fechados, digo:

— Eu só não te bato porque já está machucado suficien...

Não consegui terminar porque fui interrompida. Meu coração acelerou mais que nunca, meu corpo todo estremeceu.

Ele tinha me dado um selinho. Foi muito rápido, mas consegui sentir seus

lábios macios nos meus e só com isso senti que as correntes que prendiam a minha loba foram destruídas. Ainda assim não conseguia ouvir o que ela queria me dizer. Abro os olhos assustada e o Ogro estava bem perto me olhando.

— Desculpa... eu... eu não consegui me segurar... e... — Ele tinha um olhar preocupado. — Acho que não consigo mais me segurar.

CAPÍTULO 33

Hannah

— Desculpa... eu... eu não consegui me segurar... e... — Ele tinha um olhar preocupado. — Acho que não consigo mais me segurar.

Ele acaricia o meu rosto e eu congelo no tempo. A mão dele é tão quente, tão aconchegante! Ele me olha nos olhos, a expressão dele era de desejo e preocupação. Ele chega mais perto e eu começo a sentir sua respiração quente batendo em minha pele.

Ele ia me beijar pra valer agora? É, ele ia. E se quando ele me beijar não for nada do que eu pensava? E se ele não for o meu companheiro, ele iria se afastar? Eu prefiro estar ao lado dele brigando e xingando, mas não suportaria se ele se afastasse, não mesmo.

Quando faltava só um pouquinho para ele me beijar coloco a minha mão em sua boca.

— Lindinho, se você não ficar quieto e dormir eu vou ser obrigada a ir

embora.

Ele faz uma cara de idiota tapado. Eu me viro para o outro lado e agarro o travesseiro, mas sinto o braço do David se enrolar na minha cintura. Se eu vou falar alguma coisa? Não, não vou. Estou muito mole para protestar alguma coisa nesse momento.

Ele encaixa seu rosto no meu pescoço entre os fios de cabelo, sua respiração bate contra a minha pele me fazendo sentir arrepios um atrás do outro. Sua boca roça na minha orelha, fecho os olhos com a sensação que ele me proporcionou.

— Então, sou lindinho? — ele sussurra em meu ouvido.

— Cala a boca... eu não estou... em condições para te responder... alguma coisa. Sinto um sorriso se formar em seus lábios.

— Não se esqueça que... — ele passa seus lábios no meu pescoço — ...eu não consigo mais me segurar. Não serei responsável pelos meus atos de agora em diante.

— Não será responsável?... por quais atos? — pergunto, ainda com os olhos fechados. Ele morde o lóbulo da minha orelha.

— Por esse. — Ele enfia a mão por baixo da minha blusa e acaricia a minha cintura me fazendo literalmente delirar. — Por esse — ele diz no meu ouvido e começa a distribuir beijos no meu pescoço. — Por esse...

— Eu... já... entendi — digo, arfando. — Vai... dormir, seu idiota.

Ele dá uma risada e fala no meu ouvido:

— Boa-noite. — Ele aperta a minha cintura e me puxa para mais perto dele.

Acordei com a cabeça doendo horrores. Dou mil manobras na cama para conseguir sair dos braços do David, e com muito custo consegui. Por incrível que pareça, ele não acordou e dormia que nem pedra.

Saio de fininho do apartamento para ninguém me ver e vou para o meu. Pego uma toalha e vou para o banheiro.

Minha cabeça doía tanto. Por quê? Bom, eu não dormi direito. Por quê? Pensa comigo, você iria conseguir dormir depois de um homem daqueles falar e fazer aquelas coisas? Sem falar que meu corpo estava colado no corpo dele. Podem me chamar de tarada, mas eu passei a noite inteira criando cenas obscenas daquele momento. Agora diz aí: você iria conseguir dormir? Duvido muito.

Saio do banheiro com a toalha enrolada em meu corpo e tomo um susto ao ver a Dai sentada na minha cama.

— Oi, gatinha — ela diz, sorridente.

— Oi — digo, desconfiada.

— A noite foi boa?

— Quê?

Ela faz uma cara de malícia, coloca a mão no pescoço e eu fico boiando.

— Já se olhou no espelho? — Levanto uma sobrancelha. — Como você é lerda. — Ela passa a mão no rosto. — Olha seu pescoço, Hannah.

Corro para a frente do espelho e olho meu pescoço. Quando vejo, quase tenho um infarto.

— AI, MEU PAI! — digo e a Dai cai na gargalhada.

— Eu sabia que você tinha chegado, vim aqui no quarto hoje mais cedo e vi

só a sua mala. Mas agora, esse chupão aí explica tudo.

Olho para ela com a mão no pescoço.

— Eu vou matar...

— Meu irmão? — Olho para ela assustada e ela ri mais ainda. — Sinto muito, mas você vai deixar isso para a próxima, pois você vai ter que cuidar dele hoje. — Ela se levanta. — Eu vou ter que sair. O Fábio está no lugar do David na empresa e pediu para você tomar conta do meu irmão.

— Mas eu tenho que trabalhar também — digo.

— Hoje não. — Ela me dá um beijo e sai.

Sento na cama ainda com a mão no pescoço. Droga, então não era um sonho? É, eu sonhei que o David estava beijando o meu pescoço e tal... Bom, eu sabia que alguma coisa estava errada... estava muito real aquele sonho. Eu vou matar aquele idiota.

Pego um vestido cinza de ficar em casa mesmo, curto e de manga cumprida. Pego meu celular e vou para o apartamento do David. *Epaaaaaa, David? O que está acontecendo comigo? Desde quando comecei a chamar ele pelo nome?* Respiro fundo.

— Ogro. É Ogro, Hannah Backer — falo para mim mesma e entro no apartamento. — **ALGUÉM CHAMOU UMA ENFERMEIRA PARA CUIDAR DE UMA CRIANÇA?**

— **CHAMEI UMA INFERMEIRA COMPETENTE, NÃO INCOMPETENTE** — escuto o Ogro gritar da cozinha. Vou até lá e fico estática com o que vejo. O Ogro estava apenas de bermuda com o seu tanquinho à mostra. Ele segurava uma xícara. *Porra, caralho, eu sabia que ele era gostoso, mas não tão gostoso. Meu Santo Lobo, me segura, que tanquinho perfeito é esse? Quero passar a minha mão lá. Eu estou sendo*

muito tarada? — Gosta do que vê, né?

— Muito... Epa... — Olho para ele assustada e ele ri muito. *Mas que boca grande, dona Hannah. Droga.* — Idiota. Espera aí, como não tem mais marca na sua barriga? — pergunto, tentando não olhar para o seu tanquinho. — Cadê a ferida?

— Como eu disse, eu precisava de uma enfermeira competente, já que uma enfermeira me disse que ia levar uns dois dias para eu ficar bem. — Revirei os olhos. — Mas vou dar um desconto para essa enfermeira, porque ela é muito linda.

Se eu fiquei com vergonha? É, um pouquinho.

— Diz logo: como cicatrizou tão rápido?

Ele dá um sorriso pervertido. Acho que não vou gostar muito do que ele vai dizer.

CAPÍTULO 34

Hannah

— Diz logo: como cicatrizou tão rápido?

Ele dá um sorriso pervertido. Acho que não vou gostar muito do que ele vai dizer.

— Quer mesmo saber? — ele pergunta com um sorriso malicioso. Levanto uma sobrancelha. — Ok. — Ele coloca a xícara no balcão e me encara. — Já ouviu falar que os lobos se curam mais rápido quando estão excitados? —

Minha boca foi lá no chão. — Você estava muito colada em meu corpo, foi inevitável. — Eu literalmente estava besta. Eu não sabia o que falar ou fazer. — Sabe, você me ajudou ainda mais quando deu aquele gemido — ele diz mordendo o lábio inferior com os olhos fechados.

— Gemido? — digo pasma. Ele me olha e dá outro sorriso.

— Foi logo depois que deixei esse chupão no seu pescoço, que, por sinal, ficou uma obra de arte.

Fechei a cara e fui até ele.

— Seu idiota! — Bato em seu ombro e o encaro. — Você pensa que é quem para deixar essa merda de chupão no meu pescoço?

— Eu disse que não ia me responsabilizar pelos meus atos — ele diz com a cara mais lavada possível.

— Você é um puto de um Ogro idiota. — Ele dá um sorriso de lado. — Como eu vou esconder isso aqui?

— A intenção foi de deixar bem à mostra.

Encaro ele.

— Quê? — *Eu vou matar ele.*

— Isso mesmo. É para todo mundo ver que você não está disponível. — *Mas o quê?*

— Você bebeu?

Ele dá outro sorriso.

— Não, não bebi. Só estou dizendo que você tem um dono.

Levanto uma sobrancelha e começo a rir freneticamente.

— Para... de... contar piadas Ogro... isso não combina com você.

Ele segura meu braço e olho para ele parando de rir.

— Não contei nenhuma piada — ele diz, sério.

— Vai me dizer agora que o meu dono é você — digo, encarando-o.

— Algum problema com isso? — Eu me seguro para não rir, ele coloca uma mão no meu rosto, me acariciando. — Você é minha.

— Quê? — Ele olha para a minha boca e chega mais perto. — Ogro... o... o que... você está fazendo?

— Cala a boca.

Então, ele me beija. Um beijo quente e feroz. Meu pai amado, por que não beijei esse puto antes? Ele aperta a minha cintura e me puxa para mais perto. Como não sou boba, coloco minha mão em seu peito. Não quero mais sair desse beijo, meu Santo Lobo. Que homão meu pai, que beijo....

Nós nos separamos por falta de ar. Nesse momento desejei ter ar suficiente para a vida toda, só para continuar o beijo. Eu olhava seu peitoral, perdida em pensamentos, e tentava processar o que tinha acontecido. *Realmente, ele me beijou? Foi isso mesmo?*

Só depois de me recompor que fui perceber que a minha loba estava descontrolada, eu sentia que ela podia tomar conta de mim a qualquer momento. Meu coração batia tão forte que eu podia jurar que ele o ouvia ele bater. Ou era o coração do Ogro? Olho para ele e vejo que ele está com os olhos vermelhos. Na hora a minha loba grita: "**COMPANHEIRO.**"

Fiquei estática, sem mexer um músculo, até que o Ogro me puxa e me beija mais uma vez. Ele me beijava com desejo, como se não houvesse amanhã.

Espera, o Ogro é o meu companheiro? Porra, viado, esse pedaço de mau caminho é meu? Caralhooo. Mas ele estava usando um feitiço, então como? Espera aí, basicamente ele estava se escondendo de mim com o feitiço. Mordi

seu lábio inferior tão forte que senti sangue dele passando para a minha boca. Quando senti o gosto do sangue dele eu vi algum tipo de visão: era eu e o Ogro segurando uma criança, ele segurava uma mão e eu segurava a outra. Estávamos de costas, mas eu tenho certeza que era a gente.

— SEU CANALHA! — grito e empurro ele. Ele limpa o sangue da boca.

— Eu devia te matar — digo brava.

— Mais não vai — ele diz, me encarando.

— Eu te odeio! — digo, brava. Ele chega perto de mim. — Se você chegar mais perto eu juro que faço você sangrar mais uma vez.

— Não me importo. — Ele vem com tudo e me abraça. — Me perdoa. — Ele tinha sinceridade na voz.

— Por que acha que vou te perdoar tão fácil? — pergunto, me controlando para não esfolar ele. — Você não queria me encontrar... — digo baixinho. Ele me empurra e me olha.

— Não é isso. Eu só não estava pronto para te encontrar. Você pode achar que não, mas acredite: desde que te conheci eu comecei a mudar e vi que era loucura eu deixar de encontrar a minha companheira por idiotice minha.

Olho em seus olhos.

— Desde quando sabe que eu sou a sua companheira? — digo, séria.

— Eu não sabia, eu desconfiava e desejava que fosse você. — Ele dá um sorriso de lado. — Não importa se está brava comigo ou não, eu não vou sair de perto de você Hannah.

Dou uma risada sem humor.

— Por quê? Porque sou a sua companheira?

Ele me encara.

— Não Hannah, porque eu te amo.

Ai, meu Santo Lobo, me segura porque acho que vou desmaiar. Mas que Ogro filho da puta, ele destruiu qualquer barreira que existia para eu me fazer de louca e brigar com ele por ter usado a porra do feitiço.

— É... a... .é... se você usava um feitiço, como descobrimos que somos companheiros? — Tento fugir do que ele acabou de me dizer. Ele dá um sorriso e coça a cabeça.

— O feitiço começou a enfraquecer desde que você chegou aqui. Viajei para reforçar, mas a bruxa me disse que não podia fazer isso. O feitiço só ocultava nossos cheiros e aprisionava nossos lobos. Ela disse que se a minha companheira realmente estivesse por perto, o feitiço só iria enfraquecer mais ainda até chegar ao ponto dele ser quebrado. Foi o que aconteceu.

Eu processava cada palavra que ele dizia. O que eu faço agora? Eu tenho que agir de forma dramática e dizer que eu o odeio por ter usado um feitiço, até ele ficar com raiva dele mesmo por ter feito isso. Mas, se eu fazer isso e ele me rejeitar? Meu Santo Lobo, nem pensar, não posso deixar esse pedaço de mau caminho solto por aí, ele é meu. Esse Ogro puto é MEU.

CAPÍTULO 35

Hannah

Eu estava sentada no sofá e o Ogro estava de frente para mim. Eu estava com

uma expressão o mais séria possível e ele tinha um sorriso cínico no rosto.

— Hannah, para com isso, seriedade não combina com você. — Levantei uma sobrancelha e não disse nada. O que eu vou fazer com ele? Como vou castigar ele, por ter usado a porra do feitiço? Alguém me dá uma sugestão, que estou precisando. — Hannah...

— Cala boca, deixa eu pensar — digo, o interrompendo.

— Pensar?

Encaro ele.

— Ok, vou julgar a sua situação. — Ele franze a testa.

— O quê? — dou um sorriso de lado.

— Vou deixar bem claro que, se você me interromper em algum momento, a sua sentença só vai piorar — digo. Ele se senta mais para a frente no sofá e me encara.

— Sentença? Quer dizer que já sou culpado?

Chego mais para a frente também.

— Não é óbvio? — Respiro fundo. — Você não tem ideia de como eu queria achar o meu companheiro, você não tem ideia de como eu queria conhecer ele, você não tem ideia de como eu me torturei pensando que o meu companheiro podia me rejeitar...

— Hannah...

— Eu já falei, se você me interromper a sua sentença vai piorar e vai chegar a ser morte. — Eu o encaro e ele dá um sorriso de lado. — Quando te conheci pensei que era um infeliz riquinho que pegava qualquer uma. Só que aí me peguei pensando em você todos os dias e então percebi que estava apaixonada pelo seu jeito de ogro idiota. — Dou um sorriso. — Você não

sabe como eu fiquei preocupada de me envolver com você e depois me machucar. Fiquei torcendo para você ser o meu companheiro, mas agora que sei que realmente é... a minha vontade é de ARRANCAR A SUA CABEÇA, SEU OGRO INFELIZ! — grito e respiro fundo. — Então, a sua sentença será... — Olho pro Ogro e o infeliz estava com uma sobrancelha erguida, com um sorriso pervertido nos lábios e estirado no sofá. Detalhe: ele ainda estava sem camisa. Meu Santo Lobo me ajuda, que homem lindo. — Achando graça do quê?

— Não tô achando graça. É que você fica ainda mais linda quando está brava.

Eu definitivamente vou matar ele. Fechei os olhos e respirei fundo.

— Você não vai contar para ninguém, absolutamente ninguém que somos companheiros.

Ele se levantou bruscamente do sofá e, com o susto, olhei para ele.

— Por quê?

Levantei uma sobrancelha.

— Porque eu estou falando que não é para contar. Tirando o Fábio, já que ele é seu beta, ele tem que saber.

Ele passa a mão na cabeça.

— Você está agindo feito criança.

Começo a rir.

— Eu? — Olho para ele. — Criança foi você por ter usado a porra do feitiço.

— Se você quer assim... — Ele chega perto de mim e fala no meu ouvido, me causando arrepios pelo corpo todo. — Por mim, tudo bem.

Eu o empurro.

— Acho que você está ótimo, não precisa de uma enfermeira. — Eu me viro e ele puxa meu braço. Vou com tudo para o seu peito. Meu pai, que isso Senhor? Eu vou ter um treco se eu ficar mais um minuto colada nesse abdômen. Tento me soltar, mas ele me prende. — Vai vestir uma camisa, se quer que eu fique.

— Por quê? — Ele se abaixa e sussurra em meu ouvido. — Eu sem camisa te incomoda?

Ele passa a mão no meu pescoço fazendo carinho e me deixando mais mole. Começa a roçar seus lábios no meu pescoço e sinto um sorriso se formar. Empurro ele e o encaro, e ele não tirava o sorriso do rosto.

— Eu vou te denunciar, sabia? — Ele franze a testa. — Está vendo isso aqui? — Mostro o chupão no meu pescoço e o sorriso dele cresce. — Isso é assédio sexual — digo brava e ele cai na gargalhada.

— Assédio sexual? — Ele respira fundo e me olha. — Desde quando eu te dar um chupão e você gostar é assédio sexual?

— E quem disse que gostei? — Eu o encaro. Ele chega perto do meu ouvido e diz:

— Eu disse. — Ele sussurra mais uma vez no meu ouvido: — Já que não gostou, por que gemeu, então?

Ai, meu Santo Lobo, o que eu faço?

Ele começa a beijar meu pescoço e foi subindo, subindo e subindo até chegar na minha boca. Ele roça os lábios nos meus e eu entro em êxtase.

Alguém me diz: como vou ficar brava com um homem desses? Como? Eu não consigo e ele não deixa. Quando eu estou preste a dar um show de loucura, ele vem e me deixa nesse estado. Qual é? Eu tinha que pelo menos

mostrar para ele quem manda, mas como? Sendo que o infeliz tem controle total de mim? Mas ele não pode me vencer, que isso? Só porque ele tem o corpo perfeito que toda mulher quer, o abdômen que dá vontade de tocar e não parar mais e a boca que dá vontade de sentir lá só de olhar? Nem pensar, ele não vai me vencer por sua masculinidade.

Tiro forças de onde não tenho e quando ele vai me beijar eu o afasto. Ele fica com cara de tacho.

— Você... não... vai... me vencer... — digo, tentando recuperar o fôlego.

— Do que você está falando, Hann...

— Olha aqui. — Aponto o dedo em seu rosto. — Você acha que a sua masculinidade pode me vencer? Se prepara, porque agora vou te vencer com a mesma arma que você — digo, me viro, jogo o cabelo pra trás e saio rebolando.

CAPÍTULO 36

Hannah

Depois de sair do apartamento do Ogro fui para o meu e fiquei a tarde toda lá. O Ogro estava muito bem e não precisava da minha ajuda. Então, não me preocupei de ir ver como ele está.

Já era mais ou menos umas 8 e meia da noite e nada da bicha chegar. *Ele deve estar aprontando alguma coisa.*

Eu tenho um dom. O dom de ver o passado só sentindo o cheiro do sangue da

pessoa. Uma vez me disseram que eu podia ver o futuro também, só que para isso eu devia sentir o gosto do sangue da pessoa. Eu nunca tentei, mas hoje sem querer aconteceu. Eu vi o futuro quando senti o gosto do sangue do Ogro. Eu o vi com uma criança e eu. Era o nosso futuro? Ou o futuro dele? Meu subconsciente pode muito bem me ter feito ver a mim mesma naquele futuro. Então, pode ser que não seja eu e sim outra mulher.

Mas que merda eu estou pensando, droga. Balanço a cabeça espantando esses pensamentos.

Eu estava estirada no sofá vendo qualquer coisa na TV e logo alguém entra no apartamento. Era o Be. Ele entrou cantarolando, veio até mim e me deu um beijo.

— O que aconteceu com você, Be?

Ele coloca a mão no coração e deita em cima de mim.

— Estou completamente apaixonado — ele diz cantando. Começo a rir.

— Por mais um cara em quem você esbarrou na rua?

Ele bate na minha perna.

— Não. Pelo boy da cafeteria — ele diz sorridente e eu sorrio.

— Que milagre, o Bernardo finalmente apaixonado!

Ele sorri para mim.

— Então, passou a noite com o gostosão? — ele dá um sorriso malicioso.

— Não aconteceu nada demais. Só fiquei para cuidar dele, ele não estava bem — falo, séria.

— Sei.

Bato nele.

— Você está gordo, sai de cima de mim.

Ele mostra a língua e vai para o quarto.

///

A minha noite foi basicamente tendo sonhos eróticos com o Ogro. Meu Santo Lobo, o que eu faço para parar de pensar nesse idiota?

Tomei um banho e vesti um vestido branco de alcinha, rodado, ele batia na minha coxa. Peguei minhas coisas, procurei o Be no apartamento, mas acho que ele já foi para a empresa, ele vai mais cedo para passar na cafeteria para ver o boy.

Saio do apartamento e dou de cara com o Ogro. Ele estava com um terno preto. Meu pai amado, que homem lindo! Até de terno ele fica gostoso. Ele me olhava sério.

— Eu não vou te levar para a empresa desse jeito. — Ele me olha de cima abaixo.

— Sem problemas, vou com as minhas próprias pernas, querido. — Passo por ele e ele segura meu braço.

— Vamos logo. — Ele aperta o botão do elevador.

— Ué, você disse que não ia me levar.

O elevador abre e entramos, tinha uma senhora nos encarando.

— Bom-dia — o Ogro diz e ela acena com a cabeça. Eu dou um sorriso a ela. O Ogro me olha. — Não ia adiantar nada se eu não te levar, de qualquer forma você não iria trocar a roupa e ia assim mesmo.

— Que lindo, agora percebeu que não pode me controlar? — digo sorrindo. Ele se vira para mim e segura a minha cintura.

— Não me subestime, Hannah. Não é porque eu concordei de você ir para a empresa desse jeito que eu não posso te controlar. Eu não desisti ainda — ele diz muito perto do meu rosto.

A senhora que estava conosco no elevador limpa a garganta e nós dois olhamos para ela. O Ogro me solta, o elevador abre e a senhora sai que nem um foguete de lá. Começo a rir.

— Acho que você assustou ela — digo, indo em direção ao estacionamento.

— Mas eu não fiz nada — o Ogro diz, olho para ele.

— Você praticamente me agarra na frente de uma senhora e depois diz que não desistiu de me controlar. Tem certeza de que não fez nada?

Ele sorri e balança a cabeça.

—

Por incrível que pareça o meu dia de trabalho foi ótimo. Não fui incomodada por ninguém e nem vi a quenga. A paz está tão boa que estou até desconfiando. Eu e o Ogro estávamos voltando para casa.

Chegamos no prédio e o Ogro estacionou o carro. Estávamos indo em direção ao elevador quando escutamos:

— DAVID! — Uma voz super irritante. Olho na direção da voz, era uma mulher pior do que as quengas. Ela tinha uma maquiagem muito pesada no rosto, meus olhos até doíam ao olhar. Seu decote estava horivelmente exagerado, ela tinha um cabelo muito preto, acho que é tinta isso aí, e olhos verdes. Ela vem na direção do Ogro e se joga nele. Olho para os dois. — Estava com tanta saudade de você...

Mas o que está acontecendo aqui? O Ogro a empurra.

— O que você está fazendo aqui, Cleide? — ele diz e dá uma olhada para mim. Quando ele viu que a minha expressão não era das melhores ficou tenso.

— Como assim, o que eu estou fazendo aqui? Eu vim te ver, é claro — ela diz toda sorridente. Ela me olha. — Oi, você é amiga do David?

— Acho que sou — digo e olho para o Ogro, que engole em seco. — E você, o que é dele? Amiga?

— Amiga? — ela ri. — Somos mais que amigos, fofa. — Ela pisca e faz cara de safada. Olho para o Ogro e ele ia abrir a boca, mas a menina começa a falar: — Qual é o seu nome?

— Hannah. — Sorrio.

— O meu é Cleide. — Ela estende a mão. Olho para a mão dela e depois para o seu rosto.

— Posso te dar um apelido? — Ela franze a testa. E abaixa a mão. — É que eu não guardo nomes, então gosto de apelidar as pessoas. Eu apelido a pessoa do jeito que a vejo.

— Pode sim. — Ela sorri mais ainda.

— Ok. — Penso um pouco. — Vou te dar um apelido que pareça com você e você tem cara de... piranha. — Sorrio e o sorriso dela desmancha. O Ogro tenta não rir.

— Quem você pensa que é, garota? — ela diz, estressada. Vejo o Be passando de fininho por nós.

— BERNARDO! — grito e ele faz cara de bravo, me olhando.

— Oi. — Ele dá um sorriso falso e o Ogro o encara como um lobo encara

sua presa.

— Então, foi um prazer te conhecer, piranha. — Ela transbordava ódio. Olho para o Ogro. — Cuida da sua amiguinha.

Vou em direção ao Be, pego em seu braço e o puxo para o elevador. Entramos no e eu não largava o braço dele.

— Você está me apertando, Hannah — ele diz choramingando. Solto ele.

— Desculpa — digo.

— VOCÊ FICOU MALUCA? — ele grita e eu o olho. — Eu estava tentando passar por vocês sem que o gostosão me note. Mas não, você tem que me gritar. Por acaso quer que eu morra, Hannah? Você viu aquele olhar? Agora, eu tenho certeza de que quando estiver sonhando com ele, com o Richard e o meu boy, eu estarei morto.

CAPÍTULO 37

Hannah

Logo que o elevador abriu o Be saiu que nem foguete para dentro do apartamento. Entrei e o vi jogado no sofá com uma almofada em cima do rosto. Sentei do lado dele.

— Be...

— Que foi? Veio me consolar até eu morrer? — Ele tira a almofada do rosto.

— Às vezes dá vontade de dar um murro na tua cara de tanto drama que você faz. — digo, encarando-o.

— E você parece que é tão lerda que não percebe que o gostosão morre de

ciúmes de você....

— Eu sei.

— Só dele ver você comigo parece que vai me matar com os olhos... EPAAA! — Ele dá um pulo sentando no sofá e me olha incrédulo. — Você sabe que ele tem ciúmes de você e ainda assim faz questão que ele me veja com você?

— Não pira, ok? — digo, me levantando. — Me desculpa por ter te chamado, mas fiz por impulso. E fica tranquilo, ninguém vai te matar. Eu prometo.

— Fez por impulso, é? — Ele faz cara de safado. — Quer dizer que não é só o gostosão que tem ciúmes, você também tem ciúmes dele.

Levantei uma sobrancelha.

— O que você disse, querida? — coloco a mão na cintura e ele dá uma risada.

— Então, aquela que está lá embaixo é a quenga 4?... não, acho que é 3, né? Dou um sorriso.

— Aquela ali já passou da fase quenga. Ela é a piranha.

Ele coloca a mão na boca.

— Eita, viado, vai me dizer que você chamou ela assim na cara de pau?

Dei um sorriso de capetinha.

— Chamei sim. — Joguei o cabelo para trás e ele começou a rir. — Eu estou indo pro meu quarto. Se alguém aparecer aí querendo falar com a rainha aqui, fala que eu estou no décimo sono. — Eu me virei indo em direção ao quarto, mas voltei e disse: — Se o Ogro aparecer aqui, diz a ele que eu estarei sonhando um sonho erótico com o Nick Batman.

— Minha querida, se o gostosão aparecer aqui, não vai dar tempo nem de eu falar que sou gay. Sabe por quê? Porque ele vai arrancar minha cabeça.

Começo a rir e vou para o quarto.

Peguei um short de malha preto curto e uma blusa enorme branca que tinha um unicórnio estampado nela e fui para o banheiro. Tomei um banho bem demorado, terminei, me vesti e fui para o quarto. Quando entrei, vi a Dai deitada na minha cama.

— Uma bicha louca me ligou dizendo que tinha uma certa Hannah com ciúmes — ela diz se sentando na cama. — Eu estava na rua, vim correndo para saber o que aconteceu. Nem fui em casa ainda.

— O Be exagera, não estou com ciúmes. — Ela dá uma gargalhada. — O que mais o Be te contou?

— Que tem uma piranha na área. — Sentei do lado dela. — Quem é ela?

— Eu ia te perguntar a mesma coisa. — Ela franze a testa. — Cabelos pretos, olhos verdes, maquiagem pesada e o decote da blusa falta chegar no pé. O nome dela é Cleide... Pela lua, que nome é esse? — digo revirando os olhos e a Dai ri.

— Ela é da alcateia de Carolina do Norte. — Olho assustada para ela. — Ficou morrendo de ciúmes na hora que nem conseguiu sentir o cheiro de loba nela, é? — Ela começa a rir, bato em seu ombro.

— Não fiquei com ciúmes... só... só estressada.

Ela ri mais.

— Sei... — Ela respira fundo e me olha. — Gostei do apelido dela. Piranha, combina mais com ela do que Cleide. — Soltei uma risada. — Desde sempre ela corre atrás do meu irmão, ela é tipo... chiclete. Ela vem aqui uma vez por ano, estava até estranhando a demora dela não ter aparecido

antes. Ela se considera a companheira do David.

— Quê?

Ela me olha e ri.

— Pois é, ela é maluca. Eu não a suporto. — Ficamos em silêncio por um minuto e do nada a Dai dá um pulo na cama. — AI, MEU DEUS. — Franzi a testa. — Acho que sua lerdice me atingiu porque só agora percebi que a Srta. Hannah Backer está com ciúmes do meu irmão. É isso mesmo?

— Não viaja. — Pego um travesseiro e bato nela.

Ela ri, deita na cama e fica olhando para o teto.

— Tem alguma coisa vibrando na sua cama. — Ela levanta, passa a mão na cama e pega meu celular. — PORRA, HANNAH!

— Que foi?

— Tem 20 chamadas e 15 mensagens do meu irmão.

Eu me assustei e peguei o celular.

Quando abri as mensagens, vi que tinha pedidos de socorro repetidamente e uma bem assim:

"Hannah vem me salvar, eu não aguento mais."

— Ele está pedindo socorro — digo sem entender nada.

— Droga, é a piranha — a Dai diz, me puxa para fora do apartamento e entramos no dela.

— David, para com isso. — Escutamos uma voz irritante muito fina. Eu e a Dai nos olhamos. — DAVID... — A Dai corre ao encontro da voz e eu vou atrás quando vemos que a piranha estava na porta do quarto do Ogro batendo na porta. Ela olha para a Dai e dá um sorriso enorme. — Cunhadinha.

A Dai me olha com cara de nojo.

— O que você está fazendo aqui? — a Dai pergunta encarando-a.

— Como assim? Você sabe que venho todo ano aqui — ela diz com a mão na cintura.

— Mas o meu irmão não quer você aqui. — A piranha revira os olhos.

— É moagem dele. — Aquela voz me irrita de uma forma que dá vontade de arrancar a língua dela.

— Cadê o David? — a Dai pergunta. A piranha olha para a porta do quarto.

— Ele se trancou lá dentro e disse que não queria ver ninguém — ela diz, bufando.

— Em outras palavras, ele se trancou para não ver você — a Dai diz e vejo a fúria no olho da piranha.

Passo na frente da Dai e ia bater na porta, mas bem na hora a piranha segura a minha mão.

— Ele disse que não quer ver ninguém, acha que ele vai abrir pra você?

Olho para a mão dela que segurava a minha.

— Eu tenho certeza de que ele vai abrir para mim. — Olho para ela com os olhos amarelos. — Só que se você não largar a minha mão, eu vou abrir a sua cara no meio.

CAPÍTULO 38

Hannah

— Só que se você não largar a minha mão, eu vou abrir sua cara no meio.

Ela arregala o olho e solta a minha mão. Bato na porta.

— JÁ DISSE QUE QUERO FICAR SOZINHO, PORRA! — o Ogro grita.

— Eu disse — a piranha fala atrás de mim.

— Se você não abrir a porra dessa porta eu vou embora — digo e ele destranca a porta. Olho para a piranha. — Eu disse. — Dou um sorriso e entro no quarto. O Ogro se senta na cama. — Por que se trancou?

— Ela não parava de andar atrás de mim. — Ele coloca a mão na cabeça.

— Aquela voz me irrita.

— Qual o problema de mandar ela ir embora? — Cruzo os braços encarando-o.

— O problema é que ela não vai. E se eu ficar discutindo com ela, eu vou me estressar. E se eu me estressar é perigoso acontecer uma tragédia com ela. E se isso acontecer, a alcateia de Carolina do Norte cai matando em cima de mim. — Ele se joga na cama.

— Fala sério. — Reviro os olhos e sento ao seu lado. — David Lewis, o chefe da empresa Lewis e o alfa da Alcateia da Califórnia é obrigado a se trancar no quarto para fugir de uma mulher e ainda manda mensagem para mim pedindo socorro. — Dou uma gargalhada. Olho para ele e ele estava me encarando. — Você é patético.

— E você está uma gracinha com essa blusa de unicórnio.

Levanto uma sobrancelha.

— O que quis dizer com isso? — Olho para ele com os olhos semicerrados.

— Você não está grandinha para usar roupa assim?

— E você? Não tem coragem suficiente para colocar uma piranha para fora

do seu apartamento? — Ele arregala os olhos. — Quer saber? — Se você não colocar ela para fora, eu coloco.

Vou em direção à porta batendo o pé.

— Hannah, o que você vai fazer? — Ele se levanta vindo atrás de mim.

Entro na sala, a piranha estava sentada no sofá e a Dai estava de pé olhando para ela. Quando ela vê o Ogro se levanta.

— David. — Ela sorri e vem de encontro a ele, mas eu entro na frente.

— Olha aqui, presta bem atenção no que eu vou te falar. — Ela me olha com desdém. — Você escolhe, ou vai embora por bem ou por mal. E aí?

— Quem é você para me mandar embora? Que eu saiba, o dono da ca...

— Garota, presta atenção. A saída é ali. — Aponto para a porta. — O elevador está estragado. Se você quiser, eu posso fazer você descer rapidinho pela escada... rolando. O eu posso te ensinar a voar. — Dou um sorriso. — E aí? Quer rolar escada abaixo ou voar?

— Eu quero ver ela voar — diz a Dai, rindo.

— O que ela é sua, David? — ela pergunta olhando por cima do meu ombro.

— Minha com... — Dou um soco na barriga dele.

— Sou a enfermeira dele. — Ele se contorceu de dor. Pego o braço dele e ele se apoia em mim. — Olha só, ele não está bem, tenho que cuidar do meu paciente. — Olho para a Dai, que não sabia se ficava assustada ou se ria. — Dai, se ela insistir em ficar você pode ensinar ela a voar, a sacada está aberta.

Eu me viro puxando o Ogro para o quarto, o coloco na cama e ele fica quieto por um momento. Então, ele me olha com os olhos cheios de raiva.

— VOCÊ FICOU MALUCA?

Sorrio.

— Sempre fui. — Pisco para ele. Ele cerra o punho e força a mandíbula. Acho que ele realmente ficou bravo. — Está bravo?

Ele me olha e quando nossos olhares se encontraram levo um susto. Os olhos dele estavam vermelhos. Ele realmente estava bravo.

— O que você acha? — ele diz, ríspido. Dava até medo de olhar em seus olhos, ele está irritado, muito irritado. Agora entendi porque ele não queria falar com a piranha, porque ele ia ficar assim e não ia dar certo. Respiro fundo e sento em seu colo. Ele franze a testa. — O que você está fazendo? — ele diz com a voz ainda carregada de raiva. eu me aproximo de seu rosto, passo a mão em sua bochecha e sussurro em seu ouvido:

— Vou te deixar mais calmo. — Passo a mão em seu cabelo e beijo sua testa. Vou beijando todo o rosto dele sem parar de mexer em seu cabelo. Começo a beijar seu pescoço e aproveito para sentir seu cheiro. Antes, por conta do maldito feitiço, eu não conseguia identificar o cheiro dele, mas agora posso. Era um cheiro doce e ao mesmo tempo agressivo, perfeito. Tão bom! Subo os beijos indo em direção à sua boca. Ele estava imóvel, mas sua respiração começou a ficar mais suave. Quando cheguei na sua boca olhei para ele e ele estava com os olhos fechados. Dei um selinho e mordi o seu lábio inferior. Ele abre os olhos e vejo que seu olhar já tinha voltado ao normal. Dei um sorriso. — Não vou pedir desculpa por ter te dado um soco na barriga.

— O que você fez já foi o bastante como desculpa — ele diz com um sorriso de lado. Saio de cima dele e ele segura a minha mão. — Não vai terminar o que começou?

— Você não está merecendo — digo, encarando-o e ele fecha a cara. —

Ogro. — Sento na cama de novo. — Eu mexo com você? — pergunto, passando a mão em seu abdômen.

Meu Santo Lobo, o que está acontecendo comigo hoje? Não faço ideia, mas sei de uma coisa: esse abdômen é muito trincado e eu quero passar a minha mão ali sem essa camisa me impedindo. Mordo meu lábio inferior com o pensamento e olho para ele, que me olhava. Então, ele olha para baixo.

— Isso te responde?

Olho para onde ele estava olhando e fiquei besta... Sorrio e me levanto.

— É bom saber — digo me virando, mas me viro de novo. — Se prepare Ogro, eu ainda vou dar o troco por você ter usado a porra do feitiço.

CAPÍTULO 39 – BÔNUS

David

Se não bastasse a irritante da Cleide aparecer tem o tal Bernardo também. O que ele veio fazer aqui no prédio? E para piorar a Hannah sobe com ele. Droga como eu odeio esse cara.

A Cleide me persegue desde sempre, e desde sempre eu tento me livrar dela. Eu tive que me trancar no quarto porque não estava mais aguentando aquela voz irritante. Se eu escutasse ela falar mais um pouco eu seria capaz de arrancar a língua dela e isso não resultaria em uma coisa boa. Por sorte a Hannah conseguiu colocar a doida para correr.

A Hannah as vezes ela passa dos limites, porra ela deu um soco na minha

barriga, que por sinal foi no mesmo lugar onde eu fui machucado. Eu fiquei bravo sim, não porque eu quis, mas só que a dor fez com que eu ficasse daquele jeito.

Para a minha surpresa a Hannah me acalmou de uma forma que meu pai....eu não esperava por isso... Vontade de jogar ela na cama e fazer amor, não me faltou. Mas não vou fazer uma coisa que ela não quer. O problema é que ela parecia querer mais do que eu. Então, eu que fui o arregão.

Ela fez aquilo para me acalmar, mas fez para me provocar também. E conseguiu. Mas isso não se faz, porque ela fez isso? Me deixou excitado e depois foi embora. Foi porque já fiz isso com ela e agora ela está descontando? Ou essa vai ser a forma como ela vai se vingar por eu ter usado o feitiço?

Essa mulher é tão confusa, tão doida, tão gostosa, tão linda. Porra ela é linda pra caralho. O cheiro dela é tão bom, tão suave. Acho que decorei o seu cheiro... Porra, que idiota decora cheiro? Será que eu estou apaixonado? Ainda me pergunto? Fala sério, eu estou mais do que apaixonado. Ela é minha e isso que importa. Minha.

— Droga Hannah. — Passo a mão na cabeça. Queria ela aqui comigo.

Sabe de uma coisa? Eu vou lá. Levanto e vou até a porta do apartamento dela. Quando ia tocar a campainha escuto risadas. RISADAS. Era mais de uma pessoa. A porta estava entreaberta, empurro e entro de fininho.

— Tudo bem, Be... Você pode dormir comigo — a Hannah diz, rindo.

Mas que porra está acontecendo aqui? A Hannah estava sentada no sofá, o Bernardo deitado em seu colo e minha irmã estava me olhando. O que ela está fazendo aqui? Eita, ela está me olhando. Ela levanta rápido e me encara.

— O que você está fazendo aqui? — ela diz assustada.

A Hannah se vira, me olha com a testa franzida, o Bernardo levanta rápido e fica atrás da Dai.

— Sabia que é falta de educação entrar sem bater? — A Hannah se levanta.

— O que ele está fazendo aqui? — aponto para o Bernardo e tento não ficar nervoso.

— Eu vou morrer, Dai — escuto o Bernardo sussurrar.

— Ele mora aqui — a Hannah diz como se aquilo fosse a coisa mais normal do mundo.

— O QUÊ? — Não aguentei e explodi. — ESSA PRAGA MORA AQUI?

— Não chama ele de praga — a Hannah fica brava. — E sim, ele mora aqui.

Olho para o infeliz.

— Eu vou te matar — digo e ele estremece.

— Há, não vai não. — A Hannah vem até mim. — Você vai sair daqui agora.

— Eu saio, mas antes vou levar o cadáver dele comigo — digo, encarando-a.

— David, por acaso está com ciúmes do Be? — a Dai me pergunta.

— E você, mocinha? O que está fazendo aqui? — pergunto.

— Você não me respondeu ainda. Está com ciúmes porque o Be mora aqui e porque ele vai dormir com a Hannah e não você? — a Dai diz. Aperto o punho e o Bernardo puxa ela para trás.

— Você quer que eu morra? — ele pergunta.

— Não.

— Então, cala a sua boquinha Dai, porque você só está piorando as coisas.

— Ele me olha com um olhar de medo. — Olha só... senhor gos... Lewis, acredite, eu não quero dormir com a Hannah, eu prefiro mil vezes dormir com você do que com ela.

Mas o quê? A Hannah e a Dai caem na gargalhada e eu fiquei com cara de tacho.

— Quê? — digo. — É o que eu estou pensando?

— É isso aí, garoto... ele te deseja mais do que você deseja a Hannah... — a Dai diz entre gargalhadas.

— Você tá brincando. — Olho para o Bernardo. Ele dá um meio sorriso envergonhado. — Você... você... é...

— Gay — ele diz, confirmando.

A Hannah não parava de rir. E eu tentava digerir tudo aquilo. Ele é gay. Porra, eu estava com ciúmes de um cara que é gay. Eu não sei se me sinto um idiota ou se me sinto aliviado.

— Você é um idiota — a Hannah diz, parando de rir. — Ele está mais a fim de você do que de mim.

— Hannah... — ele fala, repreendendo-a.

— Bom, já que esclarecemos que o Be é gay e que ele está a fim do meu irmão, podemos assistir o filme? E vai ser de terror, sim — a Dai diz e olha pro Be. — E se o meu irmão não deixar você dormir com a Hannah só porque você não vai conseguir dormir com medo, você pode dormir comigo sem problemas, amorzinho.

CAPÍTULO 40

Hannah

Depois de finalmente o Ogro descobrir que o Be é gay, ele ficou com a gente para assistir o filme. Eu não consigo olhar para o rosto dele sem rir. Por quê? Porque eu me lembro da expressão que ele fez quando descobriu tudo. A reação dele foi a melhor e eu não aguentei de tanto rir.

Eu estava sentada no chão e o Be e a Dai no sofá. O Ogro sentou do meu lado e logo começou o filme.

///

Eu abraço o travesseiro e tento dormir de novo. Eu não quero me levantar, quero dormir mais, não quero trabalhar. Esfrego o meu rosto no travesseiro. Desde quando o meu travesseiro tem o cheiro do Ogro? Epa! E desde quando o meu travesseiro faz carinho na minha cabeça? Levanto a cabeça um pouco e abro os olhos com dificuldade.

— Bom-dia — o Ogro diz com a voz rouca.

— Bom-dia — digo e deito a cabeça no seu peito de novo.

— Estava pensando da gente pegar umas férias, o que acha? — ele pergunta mexendo em meu cabelo.

— Acho que você leu a minha mente — digo me aconchegando. *Espera aí,*

o que ele está fazendo aqui? Dou um pulo da cama e o encaro. — O que você está fazendo na minha cama?

Ele dá um sorriso de lado.

— No meio do filme ontem você dormiu no meu ombro e eu vim trazer você na sua cama.

— E por que ficou?

Ele passa a mão na cabeça.

— Eu até iria embora se você me soltasse.

Pego o travesseiro e jogo nele e ele começa a rir.

Pego o celular para ver a hora.

— Droga, estou atrasada uma hora.

— Esqueceu que seu chefe sou eu?

— Ok chefe, agora pode sair da minha cama e ir para o seu apartamento. — Ele me encara e se vira de barriga para baixo na minha cama sem dizer nada. Eu fico com aquela paisagem perfeita da sua bunda. Balanço a cabeça. — Você é surdo?

— Não. Hoje eu vou ficar na sua cola — ele diz sem me olhar.

— O quê? Como assim vai ficar na minha cola? Você não vai trabalhar?

Ele se senta na cama e me olha.

— Não. Nem eu e nem você vai trabalhar hoje — ele diz, sorridente.

— Por que não? — pergunto, tentando entender.

— Porque estamos de férias de agora em diante.

Eu o encaro.

— Eu quero ficar de férias, mas não quero que você fique na minha cola —

digo séria e ele sorri.

— Sem chance.

Avanço em cima dele e começo a bater.

— Seu idiota, se for para eu ficar de férias e ter você como minha sombra eu prefiro trabalhar. — Mentira.

Ele me tira de cima dele e me prende contra a cama, ficando em cima de mim.

— Eu vou ficar na sua cola, você querendo ou não — ele diz, me encarando.

— E quando você estiver problemas para resolver na empresa ou na alcateia?

— Simples, você vai comigo.

Olho para ele com os olhos semicerrados.

— Você acha que sou o que para ficar pra cima e pra baixo com você?

Ele chega mais e mais perto do meu ouvido e sussurra:

— Minha companheira e a Luna da alcateia da Califórnia.

Filho da puta. Ele olha para mim e depois para a minha boca e vem chegando mais perto. Céus, eu quero tanto beijar essa boca... Quero tanto tocar ele... Eu quero ele, eu desejo ele. Mas antes dele me ter ele vai ter que sofrer um pouquinho. Eu não vou deixar barato, ninguém mandou ele ter usado o feitiço. Mas antes de tudo eu tenho que criar uma força que eu não tenho para não beijar esse pedaço de mau caminho. Fecho os olhos e empurro ele para o outro lado. Então, só escuto o barulho quando ele cai no chão.

— HANNAH. — Sento na cama, olho para ele e começo a rir. — Você tem problemas mentais, por acaso?

— Não... sei — digo, rindo.

—

Eu estava na casa do Ogro sentada no sofá vendo qualquer coisa na tv e ele estava falando com alguém no celular. Já tinha um tempo que ele estava no celular.

Eram mais ou menos umas 3 horas da tarde. O Ogro desliga o celular, se senta no sofá e eu olho para ele.

— Temos uma festa pra irmos — ele diz.

— Eu tenho que ir?

Ele me olha e eu faço cara de cachorro molhado.

— Tem.

— HAAAA... Eu não quero. Não tenho roupa para ir na festa — digo, fechando a cara.

— Se esse for o problema a gente vai comprar um vestido pra você. — Ele levanta e eu levanto junto.

— Não. Eu não quero vestido novo e nem quero ir nessa festa.

Ele me encara.

— É uma festa de negócios, Hannah. Eu também odeio essas festas.

— Nem você gosta e quer que eu vá. — Coloco a mão na cintura.

— A festa é chata pra caramba e você indo vai fazer com que eu fique calmo e não arranque a cabeça de ninguém.

Confesso que fiquei meio envergonhada. Mas por quê?

— Que dia é a festa? — pergunto olhando pro chão.

— Hoje. — Levanto a cabeça assustada e ele ri. — Se arruma, vamos na empresa pegar uns papéis e depois vamos atrás do seu vestido.

Faço que sim e vou para o meu apartamento. Tomo um banho bem demorado, me enrolo na toalha e saio do banheiro. Entro no quarto e me deparo com o Ogro com uma camiseta preta e calça jeans. Ele está de tirar o fôlego.

— O que você está fazendo aqui? — Eu o encaro e ele fica me olhando com os olhos perdidos em meu corpo.

— Você não devia deixar a porta do apartamento aberta — ele diz olhando para o meu corpo. Que filho da mãe, nem disfarça. Vou até a cama e ele me acompanha com o olhar. Chego perto dele, me estico para pegar a minha roupa que estava em cima da cama e nisso a toalha sobe um pouco. — Porra, Hannah... — Ele passa a mão na cabeça, olha para o outro canto e eu começo a rir.

Pego a roupa e volto para o banheiro. Visto uma blusa branca e um short jeans curto. Vou até o quarto novamente. O Ogro estava deitado na cama. Calço sapatilhas e pego a minha bolsa.

— Vamos?

Ele se senta na minha cama e me analisa.

— Vai desse jeito?

Levanto uma sobrancelha.

— Jura que vai querer discutir sobre a minha roupa?

Ele se levanta.

— Não, vou deixar passar essa porque eu vou estar com você hoje. — Ele

vem até mim e cochicha no meu ouvido: — A propósito, você está muito gostosa.

CAPÍTULO 41

Hannah

Já estávamos na empresa. Eu não queria descer do carro, mas o Ogro fez questão que eu subisse com ele até sua sala. Todos nos olhavam, o Ogro nem ligava ou fingia não ligar, mas eu... eu estava incomodada com todos da empresa me encarando.

Chegamos no andar da sala do Ogro. Disse a ele que esperaria ali mesmo, ele concordou e entrou em sua sala. Enquanto ele estava lá dentro, me sentei na cadeira de frente para a mesa da quenga. Fiquei girando e girando a cadeira dela, aproveitei que ela não estava ali.

— O que você está fazendo?

Falei tarde demais. Ela para com a mão na cintura, me encarando.

— Oi para você também — digo.

— Você vai levar uma bronca do chefe quando ele souber que você chegou agora para trabalhar, e com essa roupa. — Ela me olha dos pés à cabeça. Na hora, o Ogro sai da sala.

— Vamos, Hannah. — Ele me chama e olha para aa quenga. — Mônica, o Fábio vai estar no controle de tudo por um tempo. Eu e a Hannah estamos de

férias. — Ela me olha com indignação e eu sorrio. — Vamos. — Ele pega na minha cintura e me guia até o elevador.

—

— O Fábio encontrou a companheira dele — o Ogro diz. Eu paro de andar e olho assustada para ele. Estávamos no shopping à procura de uma loja.

— Quando isso aconteceu?

Ele me olha.

— Já faz um tempo, mas ele veio me falar hoje. — Ele respira fundo. — Ele vai apresentar ela pra nós hoje na festa.

— Eles vão, então?

Voltamos a andar.

— Sim — ele diz e me puxa para uma loja.

— Da onde é a menina?

Ele me olha.

— Ele não disse. — Paramos em frente a um manequim que estava com um vestido curto, preto aveludado e aberto nas costas. — O que acha?

— Gostei. — Dou um sorriso de lado.

— Não, muito curto — ele diz, me puxando para ver outros vestidos.

— O vestido é para você ou pra mim?

Ele para e me encara.

— É pra você, mas vamos comprar um vestido do meu gosto.

— Não é você quem vai usar — digo e do nada chega uma mulher atrás de mim. Ela tinha cabelos castanhos escuro e olhos castanhos claro. Ela estava quase comendo o Ogro com os olhos.

— Oi, gostaria de ajuda? — ela pergunta olhando para o Ogro. Por acaso ela me viu aqui? Não, com certeza não.

— Sim. — Ele sorri. Safado. — Podia pegar vestidos de festa, por favor?

— Claro. Para quem? — eu estou na frente dessa coisinha e ela não me vê?

— Você quer que eu pule na sua garganta para você me ver?

A mulher me olha.

— Hannah! — O Ogro chama a minha atenção.

— É para você? — Ela me olha com desdém.

Viro de costas para ela, fico de frente para o Ogro e digo:

— Eu vou arrancar a cabeça dela.

O Ogro tenta não rir.

— É sim, para ela. — A mulher sai e o Ogro me puxa para a frente do provador onde tem um sofá. — Não precisava ficar com ciúmes.

— O quê? — levanto uma sobrancelha. — Eu? Com ciúmes?

— É, você mesma.

Ficamos esperando alguns minutos e logo a sem sal traz vários vestidos. O Ogro seleciona uns cinco e manda levar o resto. Adivinha: ele tirou todos os vestidos curtos e só deixou os longos. Ele pega um e me entrega. Pego e vou para o provador. Visto e saio para ele ver.

— E aí? — Dou uma volta. Era um vestido preto até bem-comportado, manga três quartos, longo, tinha alguns detalhes na cintura. Era simples, mas bem bonito.

— Colado demais.

Fala sério... Ele pega outro e me entrega. Volto para o provador visto o vestido e saio.

— Como estou? — Coloco a mão na cintura. Esse é muito lindo, é um vestido azul bem forte de alcinha e tem umas pedras que rodeiam o vestido. Mas acho que o Ogro vai descartar, ele é aberto atrás.

— Dá uma volta. — *Mas que droga!*

Dou a volta e vejo na cara dele que ele não gostou. Jogo a mão para o alto, ele me entrega outro vestido e lá vou eu outra vez. Visto o vestido, ele é salmão e revestido de pedras cinza. Saio para o Ogro ver.

— Não gostei da cor.

— Você é muito chato, sabia? — Bufo e ele sorri. Ele pega outro vestido e me entrega. Volto para o provador, visto o vestido. Saio, dou uma volta e olho para ele. — E aí? — Ele estava me olhando fixamente e não dizia nada. — Ei, fala alguma coisa.

— Tá perfeita — ele diz, babando. Eu não acredito... Ele realmente gostou do vestido?

— Gostou? — Eu me viro e olho por cima do ombro. O vestido é vermelho, longo e com tela. Ele realmente é lindo, ainda bem que o Ogro gostou, porque eu amei.

CAPÍTULO 42

Hannah

Eu estava em casa, o Ogro me disse que iríamos para a festa lá pelas 21 horas. Agora eram mais o menos 19 horas.

O Be não chegou ainda, já era para ele estar aqui faz tempo. Estava deitada no sofá olhando para o teto. A porta é aberta, dou um pulo do sofá e vejo o Be entrando.

— Menina do céu, como assim? Você está namorando com o gostosão e não me fala nada? — Ele vem até mim e fica de braços cruzados.

— Do que o senhor está falando?

— Porque eu tenho que ficar sabendo as coisas pela boca de outra pessoa?

— Ele coloca a mão na cintura.

— Seja mais específico, Be.

Ele bufa.

— Hoje, lá na empresa, só se fala no novo casal. — Ele me olha. — Você e o gostosão. O povo falou que vocês estão de férias e apareceram lá na empresa parecendo namorados, outros falam que vocês até se casaram.

— O QUÊ?

Ele levanta uma sobrancelha.

— Por que não assume que tem alguma coisa com ele?

Eu não sabia o que falar.

— Ma... mas... eu não tenho — digo e ele ri.

— Hannah, se você não assumir que tem algo com ele eu vou assumir que eu e o gostosão estamos em um relacionamento sério no meu sonho. — Ele dá um sorriso.

— E o boy da cafeteria, como fica?

Ele dá um sorriso malicioso.

— Estou em um relacionamento sério com ele também, só que na realidade.
— Ele joga um beijo para mim e sai da sala, mas logo volta e diz: — Se eu pudesse, estaria em um relacionamento sério com o Richard também.

— Você não presta — digo rindo e ele vai para o quarto.

Mal me deito no sofá e a porta é aberta outra vez.

— Oi, coisinha linda.

Era a Dai. Ela vem até mim e dá um beijo na minha bochecha. Ela estava toda sorridente. Alguma coisa aconteceu.

— Que bicho te mordeu?

Ela se senta ao meu lado.

— Nenhum. — Ela franze a testa. — Fiquei sabendo que você vai na festa com o meu irmão.

— Pois é, mesmo eu não querendo ele quer que eu vá. — Ela ri. — Tá sabendo que o Fábio encontrou a companheira dele?

— Sim. — Encaro-a.

— Queria conhecer ela.

— Por que não vai na festa com a gente?

Ela dá um sorriso sem graça.

— Não posso. — Ela olha para o chão. — O Richard está vindo pra cá e ele chega essa noite, vou ficar para receber ele. — Agora tá explicado o porquê dela estar assim, tão alegre.

— Por que sou sempre a última a saber? — Dou um sorriso. — Tudo bem, então. — Levanto do sofá. — Vem, vou te mostrar o meu vestido novo.

— Puxo-a até o meu quarto.

—

— Hannah, para de ser chata e deixa a gente fazer a nossa mágica — o Be diz. Ele e a Dai querem fazer a minha maquiagem e arrumar meu cabelo. — Nem precisa de muita coisa, você já é linda.

— Eu não quero passar nada — digo, encarando-o.

— Então, deixa a gente arrumar seu cabelo para você ficar mais bonita pro meu irmão — diz a Dai com um sorriso pervertido.

— É só pentear o cabelo. E por que eu iria querer ficar bonita pro teu irmão?

— Encaro-a e ela e o Be se olham.

— Pode ir parando com o teatro — o Be fala.

— A gente já sabe que vocês têm alguma coisa — a Dai fala.

O Be se vira para sair do quarto, mas volta.

— Eu já falei, se não assumir ele eu assumo. Até o Richard e, se der mole, o Fábio também. — Ele diz e sai.

— Essa bicha tem fogo no rabo, hein? — a Dai diz e nós rimos. Ela me olha. — Vocês são companheiros, né? — Eu me assusto. — Como eu sei? Bom, antes eu não conseguia sentir o cheiro do meu irmão, mas agora consigo, o que significa que alguém quebrou o feitiço e agora tenho certeza de que foi você pela sua reação. — Ela ri e se vira saindo do quarto.

Droga. De qualquer jeito alguma hora ela iria descobrir, fazer o que, né?

Eu já tinha tomado banho, então só dou uma arrumada no cabelo, visto o vestido, passo rímel e um hidratante labial. Calço meu salto preto não muito alto, pego minha bolsa PRETA de mão e estou prontinha.

Vou até a sala e o Ogro está sentado no sofá com a Dai. Quando ele me vê, se levanta.

Meu Santo Lobo, que homem lindo! Dá até vontade de colocar ele em um potinho só para eu admirar a beleza dele, só eu e mais ninguém.

Ele estava com um terno preto e uma camisa branca sem gravata. Ele podia ser mais gostoso do que isso? Se ele conseguir ser mais gostoso sem esse terno, eu juro que não vou conseguir me controlar.

— Eita, porra. — Olho pra trás e o Be estava de boca aberta. — Você está uma gostosona. — Ele coloca a mão na boca assustado, olha pro Ogro e diz: — Com todo o respeito tá, mas ela tá linda ou não?

A Dai rola de rir. Olho para eles e, para minha surpresa o Ogro estava com um sorriso no rosto.

— Sim, ela está muito linda — ele diz me encarando.

— Vem cá. — Be me puxa, me coloca do lado do Ogro e nos olha. — Um gostosão com outra gostosona.

— Casal perfeito — a Dai diz. O Be olha para ela e os dois dão um sorriso malicioso.

— Vamos sair daqui antes que eles falem algo sem aproveitamento nenhum — digo, puxando o Ogro, mas quando fechamos a porta escuto os dois gritando:

— USEM PRESERVATIVOS!

O Ogro ri e eu fecho o olho para não voltar e socar a cara deles. O Ogro me conduz até o elevador. Entramos e ele não para de me olhar. Olho para ele.

— Você realmente está muito linda. — Sorrio sem graça. — Estou quase desistindo de ir nessa festa.

— Por quê?

— Porque vai ter muitos caras babando por você.

Solto uma risada e reviro os olhos.

— Agora que quero ir mesmo.

CAPÍTULO 43

Hannah

— Agora que quero ir mesmo — digo sorrindo e o Ogro não gosta nadinha. Saímos do elevador e fomos em direção ao carro. Quando entramos, o Ogro me olha sério e diz:

— Não saia de perto de mim em nenhum momento. Eu estou falando sério.

— Olho pra ele. — Entendeu?

— Entendi, papai. — Mostro a língua para ele.

—

Tínhamos acabado de chegar na festa e tem muita gente bonita aqui, meu povo. Meu pai, tem cada homem lindo... Mas o Ogro não saía de perto de mim. Isso estava dando raiva. Como eu ia fazer ciúmes para ele com outro cara sendo que ele nem sai de perto de mim? Ô vida amargurada.

Estávamos sentados em uma mesa com um casal de senhores. O velho é meio que sócio do Ogro. Tanto homem lindo para ser sócio do Ogro e tinha que ser

um velho.

Eu estava entediada, a música de fundo que tocava só me fazia sentir mais sono.

Sinto dois cheiros que não me eram estranhos. Era de lobos, mas quem? Um dos cheiros, acho que é do Fábio, agora do outro cheiro eu não consigo me lembrar. Eu sei que conheço esse cheiro de algum lugar, mas não consigo me lembrar mesmo.

O casal de senhores se despede da gente e sai. Sinto alguém atrás de nós, o Ogro também sentiu pois ele se virou para ver. Era o Fábio e...

— Ivy?

Ela dá um sorriso sapeca pra mim. Ela estava com um vestido longo preto e um batom vermelho, linda como sempre. Levanto rápido e ela me dá um abraço apertado.

— Sentiu minha falta, doidinha? — ela fala, me abraçando.

— É claro que sim — digo sorrindo que nem boba. Nós nos separamos e vemos o Fábio e o Ogro nos encarando sem entender nada.

— Vocês se conhecem? — o Fábio pergunta.

— Quem é ela? — o Ogro diz.

— Ela é minha amiga — digo sorrindo.

— E minha companheira — o Fábio diz. Eu encaro a Ivy e ela dá um sorriso sem graça. — Como vocês se conhecem?

— Eu era da alcateia da Flórida, na verdade eu nasci lá — a Ivy diz.

— Mas depois me abandonou — digo e ela me empurra com o ombro. — Que foi? É verdade.

Ela revira os olhos e sorri. Sentamos e eu explico melhor. Eu e Ivy somos que

nem irmãs, só que teve uma época em que ela perdeu os pais e não quis mais ficar na alcateia. Ela é tipo uma viajante, nunca parava em alcateia nenhuma. Por isso é que falo que ela me abandonou.

— Enfim, como encontrei o meu companheiro decidi parar em uma alcateia — ela diz sorrindo. Ela olha para mim e fala no meu ouvido: — Fiquei sabendo que encontrou o seu companheiro também.

Olho para o Fábio com um olhar mortal e ele se assusta.

— O que eu fiz? — ele pergunta assustado e o Ogro ri.

— Você falou o que não devia — digo e o Ogro ri mais e eu reviro os olhos.

Depois de algum tempo a festa começou a melhorar, até porque eu estava na companhia da Ivy. Então, a gente ficou conversando sobre várias e várias coisas, até me esqueci do que tinha planejado: "fazer ciúmes no Ogro."

O Fábio tira o celular do bolso e, enquanto ele lê alguma coisa, sua testa fica enrugada. Ele mostra o celular para o Ogro e ele arregala os olhos. Levanta-se rápido, a cadeira quase cai. Eu o encaro sem entender. Ele me olha.

— Temos que ir. — Ele olha para o Fábio e diz: — Depois te ligo.

Ele vem até mim e me puxa.

— O que está acontecendo? — pergunto curiosa e ele não fala nada.

Chegamos no carro, entramos e ele sai que nem um louco. Ele estava visivelmente nervoso, então esperei um pouco até ele se acalmar para eu poder fazer perguntas. Foi aí que percebi que estávamos saindo da cidade.

— Porra, David, dá pra falar o que está acontecendo? — Ele dá uma olhada de lado e esboça um sorriso. Desgraçado. — Pra onde a gente está indo?

— Pra minha casa — ele diz olhando para a estrada.

— O quê? Mas o apartamento não fica pra esse lado — digo.

— Pra minha casa, não pro meu apartamento. Eu tenho uma casa distante da cidade, mas onde ela fica ainda faz parte do meu território.

Dessa eu não sabia.

— E por que estamos indo pra lá?

Ele respira fundo e diz:

— O Supremo Alfa está vindo pra cá.

Dou um pulo no banco do carro.

— Co... co... como assim? O que você fez?

Ele solta uma risada.

— Esse é o problema. Até onde eu sei, não aprontei nada, nem a minha alcateia. — Ele me olha com a testa franzida. — Hannah, você fez alguma coisa?

— Eu tenho cara de anjinha, querido — digo e ele ri.

— Você tem cara de capetinha, isso sim — ele diz.

— Eu só não te bato porque você está dirigindo. — Ele sorri. — Eu não fiz nada. A não ser eu ficar chamando a Carol de quenga 2 e a Cleide de piranha. — Ele me olha. — Pensando bem, eu ameacei a piranha. Mas isso é um crime?

— Não, Hannah. — Ele balança a cabeça sorrindo.

— Então, por que o Supremo Alfa está vindo pra alcateia da Califórnia?

Ele aperta o volante.

— Não faço ideia.

CAPÍTULO 44

Hannah

— Hannah chegamos — ouço o Ogro dizer. Então, abro os olhos e me deparo com uma mansão.

O carro estava estacionado diante dela. A casa era simplesmente linda, na cor branca e bege. Saio do carro e o Ogro já me esperava na porta. Vou até ele. Ele abre a porta e estava tudo escuro. O Ogro vai até um canto, então tudo se ilumina. Os móveis eram um mais lindo do que o outro. A casa era linda por fora e perfeita por dentro.

— É lindo aqui — digo olhando à minha volta.

O Ogro sorri e pega a minha mão me puxando lá para cima.

Aqui em cima tem um corredor com várias portas. Entramos na porta do meio. O quarto é enorme e bem bonito também.

— Vamos ter que dormir aqui. — Olho para ele. — É o único quarto que está arrumado, porque eu vim aqui faz pouco tempo e vão arrumar os outros quartos só amanhã.

— Tudo bem — digo. — Quando o Supremo chega?

— Amanhã de tarde — ele diz e eu fico olhando o quarto tentando achar o banheiro. — Ali, Hannah. — Ele mostra uma porta.

Sorrio e vou até lá. Eu me encaro no espelho e fico imaginando o que o Supremo Alfa quer por aqui. Eu não conheço ele, nunca cheguei a conhecê-

lo. O Ogro, com toda certeza do mundo o conhece e ainda assim está preocupado. Só espero que não seja nada grave.

Tiro o meu vestido e vou para o chuveiro. A água estava gelada, mas só fez com que eu relaxasse mais. Terminei o meu banho e arrumei meu cabelo para o alto.

Agora, o que eu vou vestir? Eu não vou dormir com o vestido de festa. Dou uma vasculhada no banheiro e acho uma camiseta branca do Ogro, que eu pego e visto.

Saio do banheiro e não encontro o Ogro. Vasculho o quarto inteiro e nada dele. Resolvo abrir a porta para procurá-lo em outro cômodo. Quando abro a porta, bato meu rosto no peitoral do Ogro. Detalhe: o infeliz está sem camiseta.

— Onde você estava? — pergunto, encarando-o. E ele me olha dos pés à cabeça.

— Fui apagar a luz da casa. Como você estava demorando no banheiro, tomei banho em outro quarto — ele diz tentando se concentrar no que diz.

— Por que vestiu a minha camiseta?

— Porque eu não tenho outra roupa para dormir, foi a minha única opção — digo, encarando-o.

Ele dá um sorriso de lado, vem até o meu ouvido e diz:

— Se quiser, você tem a opção de dormir sem roupa. Está calor mesmo.

— Não estava calor, mas agora ficou. Porra, ele tinha que falar daquele jeito com a voz grossa no meu ouvido? Tento ignorar o que ele diz, me viro e vou até a cama. — Não precisa rebolar. — Automaticamente, pego um travesseiro e jogo nele.

— Para de olhar para minha bunda — digo e ele ri.

— Impossível.

Reviro os olhos e me deito na cama. Eu até ia me cobrir, mas estava calor. É, pois é, eu não estava com calor, mas agora meu corpo está pegando fogo. Então, é melhor nem cobrir, senão é perigoso a coberta queimar. O Ogro deita do meu lado e sussurra no meu ouvido:

— Boa-noite.

///

Ouçó o barulho da porta sendo aberta, então me sento na cama. Tinha um lençol em cima de mim, eu não me lembro de ter me coberto, deve ser o Ogro que fez isso.

— Desculpa Luna, não foi minha intenção acordá-la. — Olho para a mulher, era uma senhora de meia-idade.

— Tudo bem. — Passo a mão no rosto e dou um pulo da cama. — Como sabe que eu sou a Luna?

— O alfa disse a todos que tinha encontrado a sua companheira e que era a senhora. — Encaro-a, digerindo as suas palavras.

— Eu vou matar aquele infeliz. — Olho para ela que tinha um olhar assustado. — Cadê ele?

— Foi resolver algumas coisas na aldeia. — Sento na cama mais uma vez. — Hoje mais cedo o senhor Fábio trouxe essa mala para a senhora. Ele disse que era das suas roupas. — Ela aponta para um canto onde estão as minhas malas.

— Obrigada. Por favor, não fique me chamando de senhora — digo.

— Desculpa, Luna.

Sorrio.

— Hannah, pode me chamar de Hannah. — Ela sorri e confirma com a cabeça. — Qual é o seu nome?

— Ana — ela diz e eu sorrio. — O senhor David mandou avisá-la que ele não vai voltar a tempo para almoçar com a senho... você... e pediu que almoce sozinha.

— Até parece que eu ia esperar ele.

Ela ri.

— Daqui... — ela olha no relógio de pulso e diz: — Daqui a dois minutos o almoço estará pronto.

Eu me assusto.

— Que horas são?

— 12:30.

— Caramba. Eu dormi demais. — Eu me levanto, pego uma roupa na mala e vou para o banheiro.

Tomo um banho e visto um short jeans e uma blusa vermelha. Arrumo meu cabelo para cima e vou até a cozinha. A Ana me serviu e comi até não querer mais. Pensa, em uma comida gostosa.

— Hannah, você quer que eu arrume suas roupas no closet? — a Ana pergunta e eu olho para ela.

— Os outros quartos também tem closet?

Ela franze a testa.

— Não. O único que tem é o quarto do Alfa. O alfa me disse para arrumar só um quarto para o Supremo Alfa, ele não me disse nada de arrumar outro para você.

— Não, tudo bem. Pode arrumar as minhas roupas no Closet, Ana.

Ela confirma e sai.

É claro que o Ogro não ia deixar eu dormir em um quarto separado, ele não é idiota, afinal.

Levanto e vou dar uma volta pela casa. Pelo jeito, só tem eu e a Ana aqui. Saio lá fora e o carro estava no mesmo lugar, o que significa que o Ogro não foi de carro. Dou a volta na casa e vou parar nos fundos, onde tem uma floresta. Fico olhando para lá, deu até vontade de me transformar e sair correndo floresta adentro.

CAPÍTULO 45

Hannah

Eu encarava a floresta com uma vontade imensa de me transformar e correr até não aguentar mais. Do nada, sai um lobo enorme, com os pelos acinzentados e de olhos vermelhos como sangue. Era o Ogro, tanto na sua forma humana como na forma lupina, ele é lindo.

Ele vem ao meu encontro. Passo a mão entre seus pelos. Ele roça a cabeça na minha barriga e eu sorrio. Ele passa por mim e entra dentro da casa. Depois de alguns minutos ele volta em sua forma gostosa... humana. Ele está com uma calça preta e uma blusa de frio que fez questão de deixar aberta para eu ter

aquela visão perfeita do seu abdômen.

— Boa tarde, dona Hannah — ele diz com um sorriso de lado.

— Boa tarde — digo tentando me concentrar para não olhar para o seu abdômen. — Por que não pediu pra Ana arrumar um quarto pra mim?

— Porque você é a minha companheira e... — Ele vem até mim, dando um só um passo para chegar mais perto e eu dou um para trás, mas ele me puxa e eu fico grudada com aquele pedaço de mau caminho. Ele coloca um pouco do meu cabelo para trás e sussurra em meu ouvido: — Quero você por perto. — Ele me olha. — Então, não vai achando que vai dormir separada de mim.

Ele chega mais perto do meu rosto e eu consigo sentir a sua respiração batendo contra a minha pele. Eu já estava ficando sem ar de tão perto que ele estava. Ele estava com o corpo quente e eu conseguia sentir aquele calor passando para o meu. Se isso me deixava invulnerável? Não, imagina.

Ele roça os lábios nos meus e meu corpo todo amolece. Parecia que ele roubava todas as minhas forças, me deixando indefesa. Então, eu me rendi e me aproximei mais, quebrando aquele mínimo espaço que existia entre nossos lábios. O beijo dele era quente e calmo ao mesmo tempo.

Então, escutamos barulho de pneus se aproximando. Paramos de nos beijar e ele foi em direção à frente da casa, mas eu o puxei e fechei a sua blusa de frio. Ele riu e me puxou para irmos ver quem estava chegando.

Estávamos na frente da casa esperando o carro chegar, e logo apareceu uma Mercedes preta. A Mercedes parou e de lá saiu outro deus grego. Não bastava o que estava do meu lado? Tinha que aparecer outro?

Meu Santo Lobo, aquele era o supremo alfa? Será que todos os alfas eram lindos desse jeito? O cara era lindo, ele estava com uma calça jeans e uma

camiseta branca, e tinha uma expressão séria no rosto que me fazia arrepiar de medo. Ele vem em nossa direção e aperta a mão do Ogro, puxando-o para um abraço. Eles eram tão íntimos assim?

— Você não mudou nada, David — ele diz e me olha. — Então, os boatos eram verdadeiros. Você encontrou a sua companheira.

Meu paizinho... Boatos?

— Hannah. — O Ogro me puxa. — Esse é o Diogo, o Supremo Alfa.

o Diogo pega na minha mão e eu sorrio.

— Vamos entrar.

O Ogro chama e entramos, sentamos no sofá da sala.

— O que traz o Supremo Alfa à alcateia da Califórnia? — pergunto, curiosa.

— É complicado. — Ele ficou visivelmente desconfortável.

— Tem alguma coisa a ver com a minha alcateia? — o Ogro pergunta.

— Não, não tem nada a ver com vocês, David. O assunto é pessoal — ele diz e o Ogro franze a testa.

— Qual é, Diogo? Somos amigos desde sempre. Me diz, o que está acontecendo?

Amigos desde sempre? Interessante.

— Se quiserem, eu posso sair — digo me levantando.

— Não, pode ficar — diz o Diogo. Eu me sento mais uma vez. — Eu vim pra cá, pra... como posso dizer... Eu vim pra cá para esfriar a cabeça.

Eu e o Ogro nos olhamos.

— Desembucha, Diogo — o Ogro diz e o Diogo passa a mão na cabeça.

— Se você não quer que eu fique aqui, tudo bem. Eu vou para outro lugar — o Diogo diz.

— Eu não disse nada. Eu só quero entender o que está acontecendo e, se for possível, te ajudar.

O Diogo respira fundo.

— Há algum tempo eu comecei a sonhar com uma certa mulher, e ontem ela apareceu lá em Nova York.

Vi o Ogro dando um sorriso de lado, mas logo voltou sua expressão séria.

— Há quanto tempo você começou a sonhar com ela? — o Ogro pergunta.

— Há uns sete anos.

Quando ele disse aquilo eu me assustei.

— Então, foi logo depois que se tornou o Supremo Alfa — o Ogro diz, pensativo.

— Exato.

— Então, a mulher com quem você sonha todos os dias há sete anos aparece, você fica assustado e vem visitar o seu amigo aqui? — o Ogro diz.

O Diogo olha para ele e solta uma risada.

— Eu não fiquei assustado.

Qual é? Esse cara nem sabe mentir.

— Claro que não. Fugir da sua companheira foi um ato de coragem — digo e o Ogro me olha. — Fala sério. Você tem problemas, por acaso? Você sonha com essa mulher há sete anos, ela aparece e em vez de tentar conhecê-la direito, você foge. Por que fez isso?

— Hannah — Ogro chama a minha atenção, e foi aí que vi a merda que fiz.

Eu encarei um Supremo, porra. Droga, ele vai me esquartejar. Eu não podia ver a expressão no rosto do Diogo porque ele estava com a cabeça abaixada.

— Eu não devo explicações para você. — Ele levanta a cabeça e meu corpo todo estremece de medo. Ele tinha uma expressão tão séria que era de dar medo em qualquer um. — Eu estou fazendo um favor àquela mulher, ela não vai me querer por perto. Você me perguntou por que fiz isso? Foi porque sou um monstro. — Ele olha pro Ogro. — Eu posso subir pro quarto?

— Claro — o Ogro diz e o Diogo some da nossa frente. — Você não devia ter falado desse jeito com ele. Sorte que ele estava calmo hoje, senão iríamos ter sérios problemas.

CAPÍTULO 46

Hannah

— Você não devia ter falado desse jeito com ele. Sorte que ele estava calmo hoje, senão iríamos ter sérios problemas — o Ogro diz.

— Qual é a dele? Está na cara que ele veio pra cá pra fugir da companheira. Por que ele fez isso? — pergunto e o Ogro passa a mão na cabeça. — Ele se parece com uma pessoa que conheço — digo, encarando-o e ele me olha rapidamente.

— Nem vem, eu e o Diogo não temos nada a ver.

Arqueio uma sobrancelha.

— Vocês têm tudo a ver — digo.

— Eu usei um feitiço porque...

— Você é idiota. — Ele respira fundo. — E o Diogo está sendo um idiota também. Ele não devia fugir da companhia, assim como você não podia usar um feitiço. — Ele fica quieto. — Vocês dois são próximos?

— Sim. Acredita que ele era dessa alcateia? — ele diz sorrindo, parecendo que estava relembrando algo. — Ele fazia parte da alcateia da Califórnia na época em que meu avô era alfa. Fomos criados juntos, aprontávamos à beça quando éramos pirralhos e agora olha só... — Ele dá uma pausa para outro sorriso. — Virei alfa e ele um supremo. Ele não pertence só à sua alcateia, agora ele pertence a todas as alcateias que existem. — Ver o Ogro falar do Diogo com admiração me fez sorrir.

— Por que ele está fugindo da companhia dele?

Ele me olha e suspira fundo.

— Porque ele é um monstro, Hannah. Você pode me xingar, mas... eu concordo com ele, ele realmente tem que fugir da companhia dele.

— Você está brincando, né? — digo, sem acreditar.

— Não. O Diogo vai estar se protegendo e protegendo a companhia.

Franzi a testa sem entender nada.

— Proteger do quê?

— Dos monstros que tem dentro dele — ele diz sério, com voz trêmula.

Isso é sério? O David fala do Diogo como se ele fosse muito perigoso. Ele realmente é um monstro a ponto de ter que fugir da companhia para protegê-la?

— Eu ainda assim não concordo com isso — digo. — Ele devia pelo menos conhecê-la.

— Isso é ele quem decide, Hannah. Nós não podemos interferir — o Ogro

diz e eu suspiro.

— Eu sei.

—

Passei a tarde toda no quarto ou na biblioteca da casa, para não ter perigo de encontrar com o Supremo. Se ele me encontrar é bem capaz de me fuzilar por eu ter falado daquele jeito com ele. Graças ao meu santo lobinho gostoso, eu não o encontrei. Na verdade, nem com o Ogro. Acho que os dois saíram.

Estava no banho já fazia algum tempo, a água está tão boa que dá vontade de ficar a noite toda aqui. Crio coragem e saio do banheiro, me seco e visto um short curto de malha azul e uma blusa de alcinha branca. Seco o meu cabelo e me jogo na cama. Na mesma hora em que deito alguém abre a porta e eu levanto a cabeça para ver.

— Onde você estava?

Ele dá um sorriso de lado.

— Preocupada?

Reviro os olhos e me deito de novo.

— Fui correr com o Diogo.

Eu me viro e olho para ele de novo. Ele estava de costas para mim. Do nada ele tira a camisa. Meu Santo Lobo, misericórdia. Qual é? Ele é muito gostoso, meu pai. *Droga, acalenta esse facho dona Hannah.* Fecho os olhos e respiro fundo.

Abro os olhos e o vejo pegar uma toalha e jogar no ombro. Depois, ele se vira

para mim. Esse cara só sabe ser sexy? Ele não podia ser um Ogro de verdade?

— Assim eu não aguento — digo, quase babando e sem me dar conta do que falei. Depois que vi ele rir é que caiu a ficha. Virei e enfiei meu rosto no travesseiro.

Escuto a porta do banheiro se fechar.

Da cama mesmo olho em direção à sacada e vejo o céu, que está cheio de estrelas, está muito lindo. Dou um sorriso.

Depois de um tempo eu estava esparramada na cama. Eu queria dormir, mas estava sem sono. A porta do banheiro se abre e de lá sai um Ogro muito lindo, ele está com uma calça moletom cinza, sem camisa e com o cabelo molhado. Tenho muita raiva dele por ser tão bonito. Viro o rosto para a varanda de novo, sem dar moral para o gostosão ali.

Do nada sinto um peso em cima de mim. Olho rápido e vejo o Ogro em cima do meu corpo com um sorriso cínico.

— Ficou maluco? — Ele continua sorrindo. — Você vai me matar desse jeito. Você pesa uma tonelada — digo e ele ri.

— Você aguenta — ele diz entre risos.

— Sai de cima de mim. Aliás, por que está em cima de mim?

Ele arqueia uma sobrancelha.

— Você tomou conta da cama inteira — ele diz e eu viro, fazendo com que ele caia na cama.

Fico de costa para ele, então sinto algo molhado no meu rosto. O infeliz estava esfregando o cabelo molhado em mim.

— Qual é, você gosta de me atormentar, é? — digo, me virando para ele.

— Vai dor...

Seu rosto estava muito perto do meu. Ele tinha um sorriso divertido no rosto e me olhava com admiração. Céus, por que ele tem que ser tão lindo? Ele passa a mão no meu rosto secando onde estava molhado.

— Você acertou — ele diz, acariciando a minha bochecha. — Gosto muito de te atormentar, gosto de ver você brava. Aliás, já falei que você fica linda brava? — ele dá outro sorriso. — Gosto ver você dando uma de doida, gosto de ver você sorrir, gosto da sua risada... gosto de você. — Eu fiquei sem ação. — Aliás, eu amo você. — Ele dá o sorriso mais sincero que eu já vi.

— Qual o fundamento disso tudo?

Ele passa a mão no meu cabelo.

— Só queria que soubesse que... — ele me olha nos olhos — ...eu te amo. Meu coração só faltava sair pela boca e voltar de novo. Ele me ama? É, ele me ama... Porra, ele me ama.

— Por que você tem que ser fofo? — digo, me perdendo no brilho do seu olhar.

— Nem sempre sou fofo. — Ele solta uma risada.

— Você pode não ser fofo sempre, mas é o Ogro mais lindo que conheço.

Ele sorri.

— O que aconteceu com a Hannah Backer? — Reviro os olhos. — Eu ouvi certo? Você admitiu que sou lindo?

— Não se acostuma. — Ele dá um sorriso satisfeito. — Já me arrependi de ter dito, você é muito convencido para ouvir elogios. Eu nunca... Está ouvindo? Eu nunca mais vou te elogi...

Então ele me beija, um beijo calmo e apaixonado. Eu nunca vou me cansar do seu beijo. Ele dá um sorriso entre o beijo e me olha.

— Você é muito chata.

CAPÍTULO 47

Hannah

— Você é muito chata — ele diz, passando a mão no meu rosto.

— Você é pior do que eu — digo e ele sorri.

— O Diogo vai embora amanhã — ele diz se deitando no seu lugar e eu sento na cama.

— Mas já. Por quê? — Olho para ele.

— Ele veio pra cá só para esfriar a cabeça — ele diz colocando um braço atrás do travesseiro.

— Quer dizer que ele vai conhecer a companheira dele? — ele levanta uma sobrancelha.

— Não sei. — Dá de ombros. — É bem provável que amanhã cedo ele não esteja mais aqui. — Não digo nada. — Vai se despedir dele? — Encaro o Ogro.

— Tá brincando? — Ele dá uma risada. — Não sou tão louca. Com toda certeza ele me odeia por eu ter falado daquele jeito com ele.

— Não é bem assim. — Ele senta na cama. — Ele não gosta de receber sermões, mas tirando isso ele é um cara legal. Sabe o que ele me disse hoje na corrida?

— O quê?

Ele dá um sorriso de lado.

— Ele disse que nós dois formamos um casal muito bonito. — Reviro os olhos.

— Quem disse que somos um casal?

Ele dá um sorriso convencido.

— Eu disse. — Ele passa a mão na minha bochecha. — Ou você não é a minha companheira?

— Pensasse nisso antes de usar o feit...

— Até quando vai ficar assim? Até quando vai ficar com raiva de mim por eu ter usado um feitiço? Eu sei que fiz errado Hannah, eu reconheço isso. Eu sei que fui idiota e patético, mas estou tentando concertar as coisas, só que você não deixa. Porra, eu te amo. Me perdoa Hannah, me perdoa por ter usado o feitiço, só me dá uma chance por favor. — Sorrio e olho para baixo.

— Não vai dizer nada?

— Você ainda continua sendo um Ogro idiota. — Levanto o rosto olhando em seus olhos. — O problema é que eu amo esse Ogro idiota.

Ele sorri e me beija, e eu, é claro, retribuo. O beijo mais gostoso que ele já me deu.

— Eu já sabia que você me amava — ele diz entre o beijo e eu não aguento e começo a rir.

— Você é muito convencido, Sr. Lewis. — Ele morde meu lábio inferior e fala com a voz rouca.

— Não me chama de Sr. Lewis. — Aquela voz rouca me faz arrepiar. — Assim me sinto muito velho.

Sorrio e me distancio um pouco dele.

— Ok, Sr. Ogro. — Ele fecha a cara. — Sr. David?

— Tira esse senhor. — Ele revira os olhos. Vou até ele e sussurro em seu ouvido:

— Que tal Sr. Gostosão? — Ele ri. — O Be vai amar esse — falo, ainda em seu ouvido. Então, ele aperta a minha cintura.

— Não fica sussurrando em meu ouvido.

Sorrio e chego mais perto do seu ouvido, roçando meus lábios em sua pele.

— Por quê?

Ele me puxa com tudo, me fazendo ficar embaixo dele.

— Porque não serei responsável pelo meus atos se continuar. — Sorrio. — Seu sorriso é lindo. — Ele passa o polegar na minha boca e eu fecho os olhos. — Eu preciso te perguntar uma coisa.

— Fala — digo, com os olhos fechados.

— Você aceita ser a minha companheira?

Abro os olhos e nossos olhares se cruzam.

— Aceito.

Quando disse isso nossos olhos mudaram de cor rapidamente na mesma hora.

Sem perder tempo ele me beija com volúpia, aperta a minha cintura e, sem querer, sai um gemido da minha boca e ele sorri.

— Você sabe que agora que aceitou ser a minha companheira... — Ele chega perto do meu ouvido e morde o lóbulo e sussurra: — Não tem mais volta.

Sua voz rouca fez meu corpo inteiro arrepiar.

— Eu sei — digo baixinho.

Ele começa a distribuir beijos por todo o meu pescoço. Arqueio um pouco a cabeça e ele agarra meu cabelo, me fazendo delirar.

— Você é minha — ele fala com sua voz rouca e dominante em meu ouvido.

Ele volta a beijar meu pescoço e começa a descer. Quando ele chega no decote da minha blusa, puxa com a boca, me olha e sorri. Ele desce mais um pouco e sobe a minha blusa até os meus seios e começa a distribuir beijos na minha barriga. Ele sobe os beijos mais uma vez e tira a minha blusa. Começa a beijar os meus seios sem tirar o sutiã e eu arqueio mais ainda a cabeça.

Então, ecoa um nome na minha cabeça: Diogo.

— David, para.

Ele me olha sem entender e se senta na cama.

— O que foi? — Ele me encara.

— Eu não posso fazer isso.

Ele franze a testa e eu me sento.

— Porquê? — coloco a mão na nuca.

— Eu não vou me sentir bem fazendo isso com o Supremo aqui.

Ele se levanta rápido da cama.

— Acho que já está na hora do Diogo ir embora, né? Vou mostrar a saída da casa para ele.

Começo a rir e puxo ele para a cama de novo.

— Para de ser idiota. Não pode esperar?

Ele fecha a cara.

— Do tempo que estou esperando e você quer que eu espere mais? —
Começo a rir novamente. — Eu vou falar para ele ir embora — ele diz se
levantando e eu puxo ele novamente.

— Não vai, não. — Ele revira os olhos. — Ele vai embora amanhã, foi
você mesmo quem disse. Então, apaga esse fogo e vamos dormir.

Ele se joga na cama me puxando junto, abraça a minha cintura, chega no meu
ouvido e diz:

— Só quero te avisar que sou sonâmbulo.

Fecho os olhos relaxando para dormir, mas... ai... sinto a mão do David
agarrar a minha bunda. Viro rápido.

— Hei! — digo, o encarando.

— Estou dormindo — ele diz com os olhos fechados e me puxa para perto
dele. Começo a rir.

— Idiota.

CAPÍTULO 48

Hannah

Abro os olhos e os fecho rapidamente por causa da luz do sol. Rolo na cama e
fico de barriga para baixo.

— Não faz isso comigo — ouço a voz grossa do Ogro.

Eu me viro e o vejo encostado no batente da porta com uma calça moletom
preta e uma camiseta cinza, segurando uma bandeja e me encarando com um
olhar faminto.

— Você devia comer, está com cara de fome. — Ele dá um sorriso malicioso.

— Também acho que eu devia comer. Tô com fome desde ontem à noite, e a culpa é sua por não me alimentar. — Dou uma gargalhada.

— Você é idiota. — Ele sorri e coloca a bandeja na cama. Era um pequeno café da manhã, a aparência estava impecável.

Eu estava encarando a bandeja, ele levanta o meu rosto e dá um selinho em minha boca.

— Bom-dia — ele diz baixinho, me encarando, o que me faz sorrir.

— Bom-dia — falo da mesma forma que ele falou comigo.

— Como eu sou um cavalheiro, trouxe o seu café da manhã.

Sorrio e olho para a bandeja.

— Foi você quem fez?

Ele dá um sorriso convencido.

— Claro.

Sei não, acho que eu não devia comer. Não é que eu vá desfazer a sua comida, mas acho que ele não é um bom cozinheiro.

— Tudo bem. Vamos ver como está isso aqui.

Respiro fundo e mando ver. No mesmo instante em que coloco na boca já corro para o banheiro e jogo tudo fora. Eu sabia que não devia comer. Ele não sabe cozinhar. Escovo os dentes e aproveito para lavar o rosto.

— Está horrível, né? — Ele entra no banheiro. Olho para ele e começo a rir.

— Ei, desculpa...

Paro de rir e olho para ele.

— Da próxima vez eu faço o café da manhã, ok?

Ele sorri e levanta as mãos, como sinal de rendição.

— Se arruma, vou te levar em algum lugar para tomarmos café da manhã, a Ana não pode vir trabalhar hoje — ele diz me encarando.

— Tá bom.

Saio do banheiro e vou procurar alguma roupa para vestir. Peguei um short não muito curto e uma blusa preta. Passei pelo Ogro e entrei no banheiro novamente. Ele estava jogado na cama.

Tomo um banho bem relaxante. Visto a roupa e prendo meu cabelo em um rabo de cavalo. Saio do banheiro e o Ogro estava sentado me esperando. Ele tinha só trocado de calça. Pego minhas sapatilhas e calço.

— Você está de brincadeira com a minha cara, né? — ele diz da cama. Olho para ele. — Por que não coloca uma calça ou uma saia longa? Pra que vestir esse pedaço de pano?

— Não começa, isso aqui nem está curto — digo.

— Se isso não está curto para você, acho que vou enfartar quando vestir algo que você considere curto.

— Ei, o Diogo já foi embora? — pergunto.

Ele me encara e se levanta.

— Você diz já? — Ele vem até mim. — Hoje de manhã eu chutei ele daqui de casa. — Olho assustada pra ele. — Que foi? Ele me atrapalhou ontem.

Comecei a rir porque ele falava com uma expressão séria.

— Tá bom. Aonde vai me levar?

Ele pega a minha mão e vai me puxando para fora do quarto.

— Em uma lanchonete aqui perto.

Sáímos da casa e ele abre a porta do carro para mim. Ele conduz o carro em uma estrada de chão, a estrada era pequena e cheia de mato dos lados.

Logo adentramos em um tipo de aldeia. Epa, será que é a aldeia da alcateia? Era bem movimentado, cheio de pessoas e crianças brincando. Enquanto o carro adentrava a aldeia, as pessoas paravam o que estavam fazendo para olhar. Ele estaciona em frente a uma lanchonete e antes dele abrir a porta para descer eu agarro o seu braço.

— Me diz, por favor, que esse lugar não é a aldeia da sua alcateia.

Ele me olha.

— Não.

Um alívio percorre o meu corpo.

— Corrigindo, essa é a aldeia da NOSSA alcateia — ele diz.

Encaro-o apavorada. Sem me dar tempo de falar alguma coisa ele sai do carro e abre a porta para mim. Fico pensando em algum plano para sair daqui, mas não vejo nenhuma escapatória.

O Ogro estende a mão em minha direção. Respiro fundo e seguro a mão dele, que me puxa do carro. Enquanto caminhávamos até a lanchonete um bando de gente ficava nos encarando e isso me fez apertar a mão do Ogro. Ele me olha e me puxa para mais perto dele, passando os braços em minha cintura. *Seu abestado, só está piorando as coisas.*

Quando entramos na lanchonete faz um barulho de sino em cima da porta. A lanchonete estava cheia de gente conversando e quando entramos todos pararam de conversar e nos encaravam. O Ogro me puxa e quando ele passa pelas pessoas sentadas todas abaixam a cabeça como sinal de reverência. O Ogro me conduz até uma mesa no canto e sentamos. Aos poucos as pessoas

voltaram a conversar e eu pude ouvir.

— *Quem é ela?*

— *Por que ela está com o alfa?*

— *O senhor Lewis nunca trouxe uma mulher aqui.*

— *Ela é o que dele?*

— *Ela é linda.*

Isso me deixou desconfortável. O Ogro pega a minha mão e me encara.

— Não liga para o que eles falam. Eles são muitos intrometidos às vezes — ele diz encarando as pessoas ali, o que as fez falarem mais baixo e alguns até abaixaram a cabeça.

Logo vem uma mulher toda vulgar. Ela tinha os cabelos castanho-claros e cacheados, usava uma minissaia vermelha e seu avental era maior do que a saia. Ela usava uma camiseta branca, com dois botões abertos dando destaque às suas tetas de vaca; em baixo a camiseta estava amarrada acima do umbigo.

— O que o alfa deseja hoje? — ela pergunta olhando para o Ogro com uma caneta na boca, o que me fez perceber sua maquiagem apavorantemente forte.

— Que isso, acabei de acordar. Me dá medo ver palhaço logo de manhã — digo, sem perceber. Olho para a garota que me olhava com os olhos pegando fogo e o Ogro se segurava para não rir.

— Traz o de sempre pra mim e o mesmo para Hannah — o Ogro diz.

— Ok. O mesmo de sempre pra você e o mesmo pra vaquinha.

Me segurem, porque hoje mato uma piranha.

CAPÍTULO 49

Hannah

— Ok. O mesmo de sempre para você e o mesmo para vaquinha.

O Ogro abaixa a cabeça porque sabe que vou dar um show.

Olho para ela, e ela tinha um sorriso cínico no rosto.

— Sabe, eu ouvi dizer que os ômegas que vivem na divisa do território amam carne de piranha. — ela desmancha o sorriso. — Tenho certeza DE que eles iriam amar se eu fizesse uma boa ação e cortasse em pedacinhos pequenos a carne da piranha, iria até facilitar para eles engolirem.

— Do que você está falando sua vira-lata?

Fechei os olhos com força, juro que estava tentando me controlar. Levanto bruscamente ficando cara a cara com ela. Todos param de falar mais uma vez e começam a prestar a atenção no que estava acontecendo.

— Acho melhor eu te avisar, caso você não tenha percebido: você está me deixando bem nervosa — digo e ela ri num tom de deboche. — Não me irrita. — Sem perceber a minha mão direita estava com as unhas afiadas e no rosto dela. Eu alisei o seu rosto com a ponta da unha. Eu podia sentir seu coração pulsar forte. — Vou entregar o seu corpo picadinho para os ômegas, e vou me livrar da sua cabeça, porque ninguém merece ver seu rosto, nem os pobres ômegas. — Meus olhos já estavam amarelos, eu realmente estava com muita raiva. Aperto sua bochecha e a encaro. — Entenda uma coisa: não me provoque, eu não tenho mais paciência para mulheres como você.

Eu estava apertando mais forte e então alguém pega no meu braço. Olho e vejo o Ogro.

— Já chega.

Solto-a e ela sai dali sem olhar para trás.

Olho em volta e todos me olhavam com espanto ou surpresa. Eu sei lá, não consigo definir suas expressões. O Ogro me conduz de volta à cadeira e me faz sentar. O povo voltou a conversar novamente, mas eu e o Ogro estávamos em um silêncio mortal. O nosso pedido chegou e nenhum de nós tinha falado nada.

— Desculpa — digo sem olhar em seu rosto.

— Pelo quê? — Olho para ele. — Por ter dando um show na lanchonete ou por ter quase perdido o controle? — ele estava sério. Droga, ele está bravo.

Claro que está, eu fiz um show na lanchonete e quase perdi o controle, é óbvio que ele estaria bravo.

— É... a... — Eu definitivamente não sabia o que falar. Então, ouço ele rir.

— Nunca te vi assim. Por que ficou tão brava?

Ele está achando graça, é isso?

— Ela me irritou, só isso.

Ele me encara.

— Tá, mas você não é de se irritar tão fácil ao ponto de quase perder o controle.

Abaixo a cabeça e falo:

— Eu tinha acabado de acordar e estava com fome. — Então, ouço ele rir freneticamente. — Seu idiota, para de rir.

— Me lembre de nunca deixar você com fome — ele diz me encarando.

— Melhor você comer logo, antes que ataque outra pessoa.

Reviro os olhos como resposta e sem esperar começo a comer meu lanche.

Depois de termos tomado nosso café da manhã, o Ogro me levou para conhecer a aldeia. Mesmo eu não querendo, ele me arrastou.

A aldeia tem de tudo um pouco, aqui tem o básico para todos sobreviverem, é bem organizado e muito bonito o lugar. Cada casinha é decorada com flores, o que deixa o ambiente agradável e lindíssimo.

Eu até que estava gostando do "passeio pela aldeia", a única coisa que me incomodava eram os olhares curiosos. Para evitar mais constrangimento para mim, eu deixei o Ogro andar mais atrás e eu mais à frente. Ele com certeza deve estar bufando.

Eu andava olhando para todos os cantos. A aldeia me fascina, as crianças brincavam alegremente, a alegria delas era tão notável que eu me sentia feliz só de olhar. Então, eu esbarro em alguém.

— Descul...

— Olha por onde anda, sua idiota. — olho para a menina. Ela era do meu tamanho, cabelos negros e olhos castanho-claros, tinha um rosto de anjinho.

— Você é cega, por acaso? — Mas de anjinho não tinha nada.

— Sorte sua que não tô com fome — digo e ela levanta uma sobrancelha.

— Olha aqui sua tapa... — Ela para do nada.

— Algum problema? — O Ogro fala atrás de mim e coloca a mão na minha cintura.

— Alfa. — A garota faz reverência e fica com um sorriso no rosto. — É que essa mulher esbarrou em mim e eu disse a ela para tomar cuidado e olhar por onde anda. Aí ela veio toda agressiva para cima de mim.

— Não foi bem assim, mas se você continuar com esse papel de sonsa pode apostar que eu vou ser bem agressiva com você — digo, encarando-a.

— Tá bom, vamos embora. — O Ogro pega na minha mão e me conduz para o carro.

Depois de algum tempo chegamos na casa dele. Quando entramos, eu me jogo no sofá.

— O povo da alcateia deve me achar uma doida agora — digo e o Ogro senta no chão do lado do sofá, me olhando. — Fala sério, primeiro aquela piranha vem me provocar. Depois, a doida em quem esbarrei na rua vem querer dar uma de vítima e me acusar. Eu tenho algum tipo de sensor para atrair esse tipo de mulher perto de mim?

— Relaxa, ninguém te acha doida, todos têm certeza disso. — Pegó uma almofada e bato em sua cabeça, ele ri. — Não precisa se preocupar.

A campainha toca e em vez do Ogro ir lá abrir ele grita, falando que “pode entrar, preguiçoso”. Logo o Fábio entra na sala.

— A Hannah foi na aldeia hoje? — o Fábio pergunta e eu o encaro.

— Por quê? — pergunto.

— Eu tive que ir na aldeia para resolver umas coisas pessoais. Aí, eu ouvi alguns rumores sobre a mulher que estava acompanhada do alfa, que era a companheira dele e que a mulher discutiu com a garçonete e quase perdeu o controle sobre si.

Eu olho para o Ogro.

— Eles me acham uma selvagem — digo choramingando e o Ogro ri.

— Na verdade, eles admiram você — diz o Fábio. — Eles estão alegres, porque a Luna da alcateia tem um gênio forte. — Eu fiquei olhando para o nada. — Bom, vim aqui para você assinar uns papéis, David.

O Ogro dá um beijo na minha testa e diz:

— Viu? Eu disse para não se preocupar. — Ele levanta. — Vamos no meu escritório, Fábio.

CAPÍTULO 50

Hannah

Eu confesso que fiquei feliz por saber que os aldeões da alcateia não me acham uma doida ou coisa do tipo. O que me incomodou é que eu não me considero uma loba forte como eles pensam. Tenho que tirar da cabeça deles que serei uma Luna forte.

O Fábio e o Ogro estão trancados no escritório já faz um tempo. Acho que eles estão falando sobre como anda o trabalho lá na empresa, já que o Ogro está de "férias" e o Fábio está no lugar dele.

Vou aproveitar que eles estão ocupados e vou tomar um banho. Assim faço. Subo para o quarto e tomo um banho bem demorado. Saio do banheiro e visto uma blusa regata vermelha e um short jeans.

Desço e vou até a cozinha, começo a procurar algo para comer. Pego um pedaço da torta que estava na geladeira, coloco no prato, sento no balcão e começo a comer. Isso está muito bom, acho que foi a Ana quem fez.

— Isso tá bom? — ouço a voz do Ogro.

Olho para ele, que estava encostado no batente da porta me encarando.

— Muito bom. Quer? — ofereço e ele vem até mim. Eu coloco um pedaço

na sua boca. — E aí?

— Maravilhoso. — Sorrio. — Você está cheirosa — ele diz do nada. Ele chega mais perto e cheira o meu pescoço. — Seu cheiro me faz ter pensamentos súbitos de nós dois.

Meu corpo todo se arrepia.

— O Fábio já foi? — Tento mudar de assunto e ele coloca a mão na minha coxa, aperta e diz no meu ouvido:

— Já. — Ele começa a respirar na curva do meu pescoço me fazendo arrepiar mais ainda.

— Como... como anda a empresa? — Ele se afasta e me olha, suspira e sorri.

— Pelo visto, está indo bem. O Fábio é prestativo. — Sorrio e volto a comer a torta. — Eu tô com fome. — Olho para ele, pego um pedaço da torta e levo até sua boca, mas ele segura a minha mão e a beija. Ele começa a distribuir beijos no meu braço fazendo uma trilha até meu pescoço. — A minha fome é diferente, uma simples torta não vai me satisfazer.

Só dele falar assim já comecei a arfar. Coloco o prato no balcão e saio de lá. O Ogro não veio atrás de mim.

Mas que droga, por que estou fugindo dele? Ontem à noite estava decidida a me entregar a ele. Por que agora estou agindo dessa forma? *Mas que droga.*

Saio da casa e começo a correr entre as árvores. Chego em uma parte da floresta que tem umas pedras gigantes. Tiro a roupa, coloco em um canto e me transformo.

Essa sensação... faz muito tempo que não me sinto assim, fazia tempo que não me transformava por completo. Começo a correr sentindo aquele vento maravilhoso. Vou para o topo da montanha e fico em um lugar que é bem

alto, de onde tenho uma ótima visão.

Fico imaginando, quem está com medo de se entregar, sou eu ou é minha loba? Acho que é um pouquinho de cada. Se eu me entregar, não terei mais volta. Eu não poderei sair nunca mais do lado do Ogro, eu não teria mais minha liberdade, eu estaria presa a ele, estaria "casada" com ele para sempre...Qual é, o que tem de errado comigo? Eu sempre fui medrosa desse jeito? Desde quando me tornei uma mulher medrosa? Eu sou Hannah Backer, a doida que foi expulsa da alcateia da Flórida, a doida compulsiva que não leva desaforo para casa, a doida que enfrentou a Luna, a doida que jogou a verdade na cara do Supremo Alfa, então porque estou com medo do amor? O que eu faço?

Droga, eu amo aquele Ogro idiota. Eu não me importo se eu não ter mais minha liberdade, eu não me importo de ficar presa a ele para sempre, eu quero isso. Eu quero me tornar a mulher do David, a Luna da alcateia da Califórnia. Eu quero ficar para sempre do lado do Ogro idiota.

Sem perceber já estou correndo de volta para pedra onde está minha roupa. Volto a minha forma humana e visto minha roupa e volto correndo para casa novamente.

Começo a procurar o Ogro, jardim, sala, cozinha, escritório, varanda e nada dele. Subo para procurar ele nos quartos. Estava andando no corredor indo ao nosso quarto quando sinto alguém agarrando minha cintura e puxa para si. Então fala uma voz grossa e rouca no meu ouvido me fazendo arrepiar.

— Eu não aguento mais Hannah, não consigo mais me segurar. Sinto muito mais não posso mais esperar, não vou deixar você fugir dessa vez.

CAPÍTULO 51

Hannah

Ele me segurava por trás e eu podia sentir sua respiração batendo na minha nuca.

— O que te faz pensar que eu iria fugir?

Eu não estava vendo o seu rosto, mas sei que ele estava com um sorriso malicioso nos lábios.

— É bom não fugir mesmo. Mas, caso resolva fugir, vou deixar uma coisa bem clara... — Ele me puxa mais para trás, fazendo meu corpo se chocar com o dele, ele roça seus lábios na curva do meu pescoço e sobe até meu ouvido me deixando tensa. — Se você fugir... — ele diz com aquela voz rouca que me fez fechar os olhos. — Eu irei te pegar.

Ele aperta minha cintura bem forte, como um sinal de dominação e isso me fez soltar um pequeno gemido.

— Se eu fugir... você vai me pegar? É isso mesmo... que eu entendi? — pergunto, com a voz embargada.

— Exatamente — ele diz no meu ouvido e dá uma mordida no lóbulo da minha orelha.

— Então, vem me pegar... — digo e me solto dele com um movimento rápido.

Desço as escadas correndo e logo atrás vem o Ogro.

— Hannah, não dificulta!

Ouçõ ele dizer e começo a rir. Corro até a sala, paro de frente para o sofá e o

Ogro atrás dele. Eu ameaço de ir para a direita, mas não vou. Ele me encara e eu não tiro o sorriso do rosto.

— Vem me pegar D.a.v.i.d. — Digo o seu nome pausadamente e ele morde o lábio inferior. Então, ele tira a camisa, joga do outro lado da sala e, como se fosse em câmera lenta, ele levanta a cabeça me olhando. — O... o... que está fazendo? —

Ele dá um sorriso pervertido.

— Indo te pegar. — Ele pula em cima do sofá e eu me afasto para trás. — Você não queria que eu te pegasse? Então, se prepare, porque eu vou te pegar — ele diz e eu sinto meu corpo todo se arrepiar.

Ele vem chegando mais e mais perto com aquele abdômen à mostra. Eu ficava sem ar só de olhar para ele.

— Como um homem pode ser absurdamente tão gostoso desse jeito? — digo sem pensar e ele dá um sorriso convencido.

— Você realmente me deixa louco com esse seu jeito — ele diz, acabando com o espaço que existia entre nossos corpos.

Como ele estava tão perto, me fez cair para trás. Ainda bem que tinha outro sofá atrás de mim. Ele fica em cima de mim e começa a beijar meu pescoço, me deixando mais mole. Junto forças, o empurro, corro até a escada e grito.

— VAI ACHANDO QUE VAI SER FÁCIL ME PEGAR! — digo, subindo as escadas.

— HANNAH, VOCÊ ESTÁ ME DEIXANDO LOUCO! — Começo a rir. Paro no último degrau da escada, olho para baixo e vejo o Ogro me olhando. Sorrio. Tiro a blusa e jogo para ele. E ele fica que nem uma estátua, vidrado em mim. — Você literalmente está me deixando louco... — Sorrio e ele começa a subir as escadas. Eu corro para o nosso quarto, fecho a porta e

encosto nela. Espero um pouco e logo ele começa a tentar abrir a porta. Eu começo a rir. — Hannah, abre essa porta. — Saio da porta e ele entra com tudo no quarto. Ele me olha com o olhar carregado de desejo. — Por que tirou a blusa?

Porra, por que será senhor David? Idiota.

— Para ficar igual — digo. — É injusto somente você ficar sem camisa.

Ele sorri maliciosamente.

— Quer dizer que se eu tirar mais roupas minhas, você também vai tirar a sua para ficar igual?

Sorrio.

— Não. — Encaro ele. — Você mesmo pode tirar a minha.

Ele morde os lábios e seus olhos ficam mais escuros.

— Não me provoque tanto assim, Srta. Backer.

Sorrio, ele dá um passo em minha direção, mas eu faço sinal para ele parar, e ele me olha sem entender.

— Por mais que eu queira que você tire a minha roupa, eu quero ver até onde você pode se controlar.

Ele revira os olhos.

— Fala sério. Isso aqui virou o quê? Um teste de resistência?

Solto uma gargalhada.

— Senta aí. — Aponto para a cama. Ele me olha e olha para a cama, como se estivesse lutando para não fazer nada. Por fim, ele acaba se sentando. Vou até a porta e a fecho.

— Pra que fechar? Só tem nós dois aqui.

Olho pra ele.

— Cala a boca, David — digo séria e ele sorri.

— Isso me enlouquece muito, sabia? O jeito que meu nome sai da sua boca... Ainda mais em um tom desses... — ele diz com os olhos fechados.

— David... — digo em um sussurro, mas, com sua audição nada normal, ele consegue ouvir, e então no mesmo instante ele me olha. — Me diz o que não te enlouquece... — digo, ainda em um sussurro.

— Tudo o que você faz me deixa louco — ele diz, vidrado em mim.

— Sério? — Sorrio. — Tudo o que eu faço, certo? Então, não preciso fazer muito esforço. — Mordo meu lábio inferior.

— Não mesmo.... Hannah, eu já estou no meu limite — ele diz, esfregando a mão no rosto.

— Não está, não. — Digo. — David... — sussurro, ele me olha e eu coloco a mão no botão do meu short. — Tenta se segurar o máximo que puder — digo e abro o primeiro botão. Ele já fica impaciente na cama, e quando chega no terceiro ele já está me puxando para a cama. Começo a rir. — Ei...

— Acabou o teste de resistência. — Eu não parava de rir. — Se você continuar com isso, juro que eu vou te prender e faço todo o trabalho sozinho — ele diz no meu ouvido. Ele estava em cima de mim, beijando meu pescoço. Ele desce os beijos até a minha clavícula. Meu corpo todo leva um choque. Ele sussurra com a voz grossa em meu ouvido: — Viu como você me deixa?

Viro com tudo, ficando em cima dele. Começamos a nos beijar, o beijo começou devagar, mas foi ficando a cada segundo mais intenso e veloz. Começo a roçar meus lábios em seu pescoço, desço até seu abdômen, não

resisto e deixo uma marca ali. Logo ouço sua voz, sorrio com o ato. Ele me puxa, me beijando com volúpia novamente. Volto a ficar debaixo dele. Ele vai beijando meu pescoço sem parar e descendo cada vez mais. Ele me olha por breves minutos, me deixando envergonhada. Com uma rapidez sobrenatural ele tira o meu short. Quer dizer... ele rasga o meu short.

— Você vai comprar outro short desse pra mim. Eu gostava dele. — Ele me olha e sorri. Ele volta a beijar meu corpo, dessa vez ele começou da minha barriga e foi descendo. Eu não aguentava mais. — David... por favor — digo em um tom de súplica e ele entende.

— Linda... — Ele me olha com desejo, muito desejo. Ele beija meu pescoço e sussurra: — Eu te amo, Hannah.

— Eu também te amo, David. — Meu corpo todo estremece com seus toques.

— Hannah, você aceita ser minha? Você aceita ser a minha companheira pra vida toda? — ele pergunta, me encarando.

— Você está brincando? Você é idiota ou o que, pra me fazer uma pergunta dessas logo agora?

Ele ri.

— Você sabe que isso faz parte do nosso laço de companheiros. Só me responde logo, não aguento mais também.

Sorrio.

— Eu aceito — digo e ele me beija com desejo.

A mistura de vários sentimentos me consome. Logo ele se transforma pela metade e me morde com força no ombro. Sinto o sangue escorrer e também sinto arder a minha perna, mas não ligo muito, a dor do ombro estava mais forte, e o prazer era maior do que a dor do ombro.

Agora não tem mais volta, não posso mais voltar atrás, ele definitivamente é meu, agora não podemos mais nos separar.

Nessa noite me tornei a companheira oficial do David, nessa noite o David me marcou como sua, nessa noite construímos um laço entre nós que não será possível destruir facilmente. Nessa noite me tornei a Luna da alcateia da Califórnia.

CAPÍTULO 52

Hannah

Abro os olhos com dificuldade, meu ombro ainda dói. Olho nele e não vejo nenhum sinal de mordida, já cicatrizou.

Começo a lembrar da noite passada e me pego sorrindo que nem uma idiota. Balanço a cabeça e olho do meu lado, mas o David não está.

Vejo a porta se abrir e rapidamente pego o lençol, me cobrindo. O David entra com uma bandeja na mão com várias coisas em cima dela. Ele está com uma calça jeans preta e uma camiseta azul. Ele me encara sorridente e vem até mim.

— Bom-dia. — Ele coloca a bandeja na cama e dá um beijo na minha testa.

— Bom-dia — digo, olho na bandeja e olho para ele novamente.

— Foi a Ana que fez — Ele diz e sorri.

Começo a comer. É, realmente foi a Ana que fez, está muito bom. O David não para de me olhar, isso incomoda.

— Quer? — pergunto, colocando um morango na boca. Sem ao menos me responder, pega o morango da minha boca. — Ei!

— Você ofereceu, ué...

— Idiota.

Ele senta mais perto de mim, com o rosto quase colado no meu.

— Idiota, é? — ele diz com a voz grossa.

— Muito... muito idiota. — É impressão minha ou ficou mais difícil respirar? — Você está muito perto... Preciso respirar.

Ele morde o meu lábio inferior e eu arfo. Sem querer o lençol escapa da minha mão e cai no meu colo. Pego ele de volta e me cubro rapidamente.

— Está escondendo o quê? Já vi tudo. — Bato em seu ombro, mas apoio minha cabeça nele. — Ei, que foi?

— Você é muito idiota. Não me deixa com vergonha desse jeito.

Ele ri. Eu realmente estava com vergonha.

— Você fica mais linda ainda com vergonha. — Ele passa a mão no meu cabelo. — Você é linda, não precisa ficar com vergonha.

Ele me puxa, me fazendo olhar para ele. Ele passa a mão em meu rosto e me beija, um beijo suave e apaixonado. Nós nos separamos por falta de ar.

— Você é fofo — digo e ele sorri. — Mas isso não significa que você não é mais Ogro. Você ainda continua sendo Ogro.

Ele ri.

— Seu Ogro — ele diz sorridente e eu sorrio também.

— Gostei... meu Ogro — digo e o abraço.

— Hannah.

— O quê? — digo, ainda abraçada a ele.

— Se você não me soltar agora eu irei fazer besteira.

Sorrio.

— Besteira? — Eu me faço de desentendida.

— Tirando esse lençol que cobre o seu corpo, você está completamente nua. Você não faz ideia de como estou me segurando...

Eu me separo dele e o encaro.

— Você é insaciável, por acaso?

Ele ri e faz cara de pervertido.

— Se eu dizer que não, vai ter algum problema? — Sorrio e mordo meu lábio inferior, ele fica vidrado na minha boca. — Não faz isso. — Ele vem para me beijar, mas eu o impeço.

— Nem pensar.

Ele faz cara de cachorro sem dono. Dou um selinho nele.

— Isso é maldade — ele diz, parecendo uma criança magoada e eu começo a rir. — Preciso te mostrar uma coisa. Levanta.

— Agora?

Ele me puxa da cama, eu puxo o lençol e me enrolo.

— Olha isso. — Ele levanta a calça do lado direito até o joelho, me mostra e eu fico de boca aberta.

— Nossa! — digo, impressionada. Ele puxa o meu lençol para cima e me faz ficar do lado dele. Na minha perna esquerda tinha a mesma marca, só que a minha era menor.

— *Eu serei o sangue se você for os ossos.* — Nós dois dizemos sem perceber. Não fazia ideia de onde tirei essa frase, mas senti necessidade de falar como o Ogro falou também. Nós dois nos olhamos.

— Essa é nossa marca. — Ele me encara. Pensei que ele ia falar da frase, mas não disse nada. — O que achou?

— Perfeita — digo com um sorriso enorme no rosto. Achei por bem não comentar nada sobre a frase.

— Eu também achei. — Ele segura a minha cintura e me vira de frente para ele. — Finalmente você é minha — ele diz concentrado em meu rosto e eu sorrio.

— Não é bem assim, você não é meu proprietário — digo e ele ri.

— Sou, sim. Essa marca na sua perna confirma isso — ele diz e me aperta mais em seus braços. — Minha, e ponto final.

— Se eu aceitar que sou sua, o que ganho? — pergunto com uma sobrelanceira erguida. Ele chega o rosto perto do meu e diz com sua boca roçando na minha.

— O que você ganha? — Ele sorri. Ele me dá um selinho. — Isso.

— Muito fraco — digo e ele começa a beijar meu pescoço me deixando totalmente fora de órbita.

Se não fossem seus braços me segurando, eu certamente já teria desabado no chão. Ele começa a passar a mão pelas minhas costas, me causando arrepios. Ele para na minha cintura e a aperta. Com um movimento rápido ele me ergue e eu sou obrigada a enrolar minha perna em sua cintura. Ele me leva até a cama e me deita lá, ficando em cima de mim. Seus beijos fazem uma trilha até a minha boca, e quando seus lábios encontram os meus, ele me beija como se não houvesse amanhã. Sua mão percorre o meu corpo, me proporcionando várias sensações.

— Sim... eu... sou... sua... — digo com dificuldade.

— Tarde demais, não vou conseguir parar — ele diz com a voz baixa e rouca em meu ouvido, isso foi a minha perdição. Coloquei minha mão em suas costas e o arranhei por cima da camiseta, que ficou rasgada. Eu o encaro.

— Quem disse que quero que pare?

Ele dá um sorriso malicioso e volta a me beijar novamente.

Essa foi a melhor manhã que já tive em toda a minha vida. Se todos os dias eu acordar e tiver uma manhã como essa, não vou ter preguiça de acordar nunca mais.

CAPÍTULO 53

Hannah

— David.

Ele aperta a minha cintura.

— Oi? — ele puxa meu corpo para mais perto do seu.

— Vamos passar a tarde toda na cama?

Ele me vira e sorri.

— Algum problema? — ele diz, colocando uma mecha do meu cabelo para trás.

— Na verdade, não. Mas você não é um alfa? Você não tem que resolver problemas da alcateia?

Ele franze a testa.

— Não tem nenhum problema à vista, por enquanto. — Sorrio. — Hannah... — olho em seus olhos. — Você vai vir morar comigo, certo?

— Quê? Você quer que eu more com você? Isso seria como um casamento?

— Tecnicamente, já somos marido e mulher, mas se você quer legalizar isso em um pedaço de papel, a gente pode fazer isso — ele diz com a voz firme e sério.

Sorrio e dou um selinho nele.

— Acho que não preciso de um pedaço de papel para provar que você é meu.

— Ele sorri. — Eu vou morar com você.

— Bem, o Richard vai ficar feliz em saber disso.

— O Richard?

Ele sorri.

— É que, quando estávamos lá na Flórida, eu disse a ele que se você aceitasse morar comigo, ele poderia ficar com meu apartamento, para morar com a Dai — ele diz, mexendo em meu cabelo.

— Então, já estava tudo combinado é?

Ele ri.

— É. — Ele me dá um selinho e sorri. — Será que o Be vai ficar bem sem você?

— Quer que ele venha morar com a gente? — Ele desmancha o sorriso e eu caio na gargalhada. — Estou brincando. Acho que ele vai ficar bem, sim.

— Nós podíamos ir lá ainda hoje pegar suas coisas — ele diz, me encarando.

— Apressado — digo e sorrio. — Por mim, tudo bem.

—

Estávamos chegando no prédio. Como o Ogro é muito apressado viemos

pegar minhas coisas ainda hoje. Chegamos na portaria e é aí que me lembro que esqueci minhas chaves. Se o Be não estiver no apartamento, não tem como entrar porque a chave reserva fica com ele.

— Que foi? — O Ogro chama a minha atenção.

— Eu vou perguntar pro porteiro se o Be está aí. Porque esqueci minha chave.

Ele assente e fica parado do lado do elevador.

Vou até o porteiro. Para o meu azar, o Be não estava em casa. Na hora em que me viro para ir até o Ogro, vejo que ele está acompanhado de uma loira despeitada.

— Eu me mudei faz pouco tempo e nunca te vi por aqui. Você mora aqui?

— ela pergunta, se insinuado para ele.

Dava para ver o desespero no rosto do David, mas ele não fazia nada.

— É... Então... eu morava aqui, não moro mais. — Ele me olha e vê meu olhar mortal em cima dele.

— Resolveu aparecer, gata? — ouço a voz do Be atrás de mim, mas não me viro para olhar pra ele. — Que foi Hannah? — Ele fica do meu lado e olha para onde eu estou olhando. — Ciúmes, é? — reviro os olhos, vou até o elevador e ele vem atrás de mim.

— Sabe, podíamos marcar para sair algum dia.

Eu só faltava quebrar o botão do elevador. Se eu não sair dali logo, vou matar a vagabunda ou voar no pescoço do Ogro.

— Não vai dar, amiga — o David fala em uma voz fina, que faz eu e o Be virarmos e encará-lo. — Eu já tenho planos. — Eu não acredito que ele está se passando por gay! — Não é, Be? — Olho para o Bernardo e ele parece não acreditar no que está vendo, como eu.

— É... claro — o Be diz e me encara sem entender nada.

A cara da loira vagabunda era a melhor, ela tinha uma expressão triste e decepcionada. O elevador abre. O David pega o braço do Be, pega na minha bunda e diz:

— Menina, que isso hein? Eu queria ter uma bunda que nem a sua.

Entramos no elevador e a porta se fecha.

— Eu não sei se rio da situação, não sei se choro por não ser verdade ou se questiono o porquê do gostosão ter pegado na bunda da Hannah em vez da minha, já que ele estava fingindo ser gay — diz o Be.

— E eu estou escolhendo o tipo de morte que o David vai ter — digo.

— O quê? — questiona o Ogro e a porta do elevador se abre. — Está brincando, né? Eu me fingi de gay para sair daquela mulher e você ainda quer me matar?

Saímos e paramos de frente para a porta do apartamento e o Be ficava nos encarando.

— Não importa — digo e olho para o Be. — Dá pra abrir a porta logo?

Ele sorri, abre a porta e entramos.

— Tem certeza que você é hétero? — pergunta o Be para o Ogro. — É que na hora que você estava fingindo, realmente pareceu verdade.

O Ogro me olha assustado. Eu não aguentei e caí na risada.

— Quer ele pra você? — pergunto ao Be e os olhos dele brilham.

— Hannah... — O Ogro chama a minha atenção e eu rio mais ainda.

— É coisa da minha cabeça ou vocês estão mais próximos? — o Be pergunta, nos olhando.

— É... Nós precisamos conversar com você — digo e ele franze a testa.

— Não vai me dizer que você está grávida e quer que eu seja babá da criança? — ele diz com os olhos brilhando de esperança. O Ogro ri.

— Quê? Não! — digo assustada por vê-lo tão feliz.

— Ainda não, Be — diz o Ogro e meu coração só falta sair pela boca. O Bernardo me olha com cara de safado.

— Hum... Então, quer dizer que vocês têm planos de ter babies, né? — ele diz sorridente.

— Dá pra voltar para coisa importante que temos que falar? — O Be me olha. — Eu vou me mudar.

CAPÍTULO 54

Hannah

— Vai se mudar para onde? — ele pergunta, sério e assustado.

— Pra casa do David, ele tem uma casa não muito longe daqui.

Ele abre a boca em um perfeito "O".

— Você vai morar com o gostosão? Como assim? Eu perdi alguma coisa?

— Ele me olha e depois olha para o Ogro. — Eu sei que vocês andam se pegando e agora parecem mais próximos. Mas isso está além da minha imaginação. Hannah, você está indo morar com o seu chefe — ele diz, me encarando. — Você sabe o que isso significa?

— É, eu sei que isso vai gerar muita fofo...

— BICHA, ISSO É O MAXIMO! — Ele me abraça e o Ogro se segura para não rir. — Garota, você tem muita sorte.

— Bernardo, você é de outro mundo — digo, rindo.

— Espera. — Ele me solta e me encara. — Quer dizer que vou morar sozinho? — Ele olha para o Ogro. — Eu devia te beijar, por sua causa eu vou ter esse apartamento todinho pra mim, e vou poder trazer quem eu quiser pra cá.

— Um simples obrigado já está de bom tamanho. Dispensando a parte do beijo — o Ogro diz e eu começo a rir. — Eu vou ver se a minha irmã está em casa.

— Vem, você vai me ajudar a arrumar minhas coisas — digo e puxo o Be para o meu quarto.

Estávamos dobrando minhas roupas e colocando na mala.

— Já parou pra pensar que a partir da hora que você estiver morando com o gostosão, vai ser como marido e mulher? — ele pergunta, se sentando na cama. — É como se estivesse casando.

— Pois é, acredita que ele chegou a me pedir em casamento? — digo e ele dá um pulo na cama.

— A coisa está tão séria assim? — ele diz me encarando e eu sorrio. — Fico feliz em saber que minha amiga foi fisgada pelo amor, ainda mais por ser aquele gostoso — ele diz e eu rio. — Mas diz aí, como ele te pediu em casamento?

— Não foi bem um pedido oficial. Ele pediu para eu morar com ele e se eu quisesse a gente poderia oficializar nossa união em um pedaço de papel. — Ele fica me olhando todo abobado. — Mas eu não aceitei.

— FICOU MALUCA? — Ele bate no meu ombro.

— Não precisamos de um simples pedaço de papel para dizer que estamos juntos.

Ele sorri.

— Você realmente está apaixonada. Que nojo! — Ele mostra a língua.

— Idiota. — Bato em seu ombro.

Depois de um tempo terminamos de arrumar tudo na mala. Deu umas três malas só de roupa, tirando a que já estava lá na casa.

O Be disse que ia tomar banho. Então, fui até o apartamento do lado, que agora é da Dai e do Richard. Entro sem bater e vejo o Richard e o David jogando videogame. Nunca vi ele jogar videogame. Eles estavam tão concentrados que nem me viram entrar.

— Hannah, minha maluca. — A Dai sai da cozinha e vem me abraçar. — Menina, você não sabe como estou feliz de saber que finalmente você e meu irmão se assumiram.

— Menos, Dai — digo, tentando acalmá-la. Ela me larga e sorri. — Também estou feliz por você e meu primo.

— O ruim é que vocês vão morar muito longe — ela diz.

— Não é tão longe assim — digo.

— CHUPAA!

Olho em direção à sala.

— Ganhei de novo. Desista, Richard.

— Idiota... — o Richard sussurra.

— Pelo jeito, estão bem empolgados aí, não é? — digo e o Richard me olha e vem até mim.

— Priminha. — Ele me abraça.

— Não me chama assim, é muita falsidade. — Ele ri. — Então, quer dizer que se mudou para a alcateia da Califórnia?

— Pois é.

Ele sorri.

— Já que o Richard e a Daí vão morar aqui, para onde o Fábio vai? — pergunto.

— Ele está morando com a Ivy no apartamento dela — a Dai diz.

— Já terminou de arrumar as coisas? — o Ogro me pergunta.

— Já sim — digo. — Se quiser, já podemos ir.

— Isso é muito estranho, tenho que me acostumar com isso — diz a Dai e eu a encaro. — É impressionante ver vocês se comunicando como pessoas civilizadas.

— É melhor se acostumar logo. — O David me abraça por trás.

— Não se empolga — digo a ele e eles riem.

— É melhor cuidar bem dela — diz o Richard.

— E vou, espero que faça o mesmo, cuidando da Dai. — Ele sorri. — Vamos, então.

— Dai, eu preciso te pedir uma coisa antes de ir. — Ela me encara. — De vez em quando, dá uma olhada no Be. Sei lá, ele pode colocar fogo na casa.

Ela ri.

— Tudo bem.

Dou um abraço nela e no Richard. Fomos pegar minhas malas e o Be ajudou a levá-las até o carro.

— Pelo amor de Deus Bernardo, não vai aprontar nada, hein? Eu não vou estar aqui para te encobertar — digo, séria.

— Tá bom, mamãe. Você já me disse isso várias vezes — ele diz revirando os olhos.

— Digo porque você não bate bem da cabeça. A agora, morando sozinho, vai ser pior. Não traz ninguém que você não conheça pro apartamento e....

— Tá, chega. Papai, leva ela daqui — ele diz para o David, que cai na gargalhada.

— Eu estou falando sério — digo e ele me abraça.

— Juro que vou ficar bem, ok?

Dou um beijo nele e entro no carro.

— Você realmente parecia a mãe dele — o Ogro diz dando partida no carro.

— Não enche — digo e ele sorri que nem um bobo. — Por que está rindo?

— Fico imaginando você quando for mãe. Vai ser uma mãe bem protetora

— ele diz sem tirar o sorriso e meu coração palpita forte. Ele me olha. —

Desculpa estar falando assim. — Ele olha para estrada novamente. — Eu nem sei se você quer ter filhos e eu aqui imaginando coisas.

— Eu... só estou assustada. — Olho pra baixo. — Isso é assustador pra mim...

— Por quê?

Ainda continuo olhando para baixo.

— Eu sempre quis ter... uma família... e agora eu... eu posso realizar esse sonho.

Ele breca o carro, o que me faz assustar e olhar para ele.

— Não faz isso comigo. — Ele passa a mão na cabeça. — Desde aquela hora lá no apartamento, o Be falou da possibilidade de você estar grávida e depois você ficou estranha... Eu pensei que você não queria ter filhos, eu...

— Idiota, é claro que quero.

Ele sorri e me beija.

— Você realmente é a mulher da minha vida, sabia?

Sorrio e o abraço.

— Só que temos que organizar nossa vida primeiro, pra depois planejarmos ter filhos.

Ele me empurra bruscamente.

— Nossa vida está em perfeita sincronia, não tem nada que organizar.

Começo a rir.

— Você é muito apressado — digo. — Eu te amo.

— Eu muito mais. — Ele passa a mão em minha bochecha. — Que tal dar fruto ao nosso amor?

— Para de ser idiota, David — digo rindo.

CAPÍTULO 55

David

/1 ano depois/

Eu: Eu preciso de você aqui.

Dai: Para de ser paranoico, você tem que ter paciência com ela.

Eu: Dai, não existe uma pessoa mais paciente do que eu. Juro que estou sendo paciente com ela. Mas ela está me deixando louco. Cada hora ela quer

uma coisa, eu sou só um.

Dai: Não era você que queria filho? Não passou pela sua cabeça como ela ia ficar na gestação?

Eu: Dai, para de me dar lição de moral e venha pra cá. Se puder, passa em um mercado e compra um pote enorme de Nutella e um pote de sorvete de flocos.

Sem esperar ela responder eu desligo o celular. A Hannah está impulsiva, se ela já era assim. imagina agora que ela está gestante. Pois é, demorou 1 ano para a Hannah concordar em termos um filho. Agora que ela está grávida, está mais impulsiva que o normal.

Esses dias ela me acordou no meio da noite e me pediu para comprar pizza e sorvete. Quem come pizza com sorvete? Sem contar que não tinha lugar nenhum aberto àquela hora. Sabe o que ela fez? Ela me fez ir à cidade ao lado. Essa mulher me deixa louco.

— DAVID. — Escuto ela me gritar da sala, vou até ela. — Amor você não vai compra minha Nutella e o sorvete? — ela pergunta com aquela carinha de anjo. Quem vê, pensa.

— Pedi para Dai vir. Ela vai comprar pra você — digo, sentando ao seu lado e ela coloca sua perna no meu colo. — Parou de sentir dor?

— Já estou bem melhor — ela diz e eu começo a fazer massagem em seus pés. — Isso é bom — ela diz, sorrindo. — Precisamos decidir o nome da criança.

— Verdade — digo, me lembrando que não escolhemos nada ainda.

— Eu estava pensando, se for menino vai ser Heitor. O que acha?

Sorrio.

— Gostei. — Ela dá um sorriso lindo. — E se for menina, o que acha de Aurora?

— Perfeito. — Um dos motivos de eu estar mais nervoso com essa gravidez é que não sabemos o sexo do bebê. No fundo, torço para que seja um menino, mas vou amar o que vier. — Amor, nós podíamos chamar o Fábio e a Ivy para virem almoçar aqui em casa hoje. Já que a Dai está vindo, fala pro Richard e o Be virem também.

— Você sabe que é perigoso o Be vier aqui, né? — digo, encarando-a.

— É só tomar cuidado, não é possível que vai aparecer um lobo do nada na frente dele, certo?

Sorriso.

— Tudo bem, vou ligar pro Fábio e pra Dai — digo.

— Não esquece de avisar à Ana pra fazer mais comida — ela diz.

— Sim, senhora. — Ela revira os olhos e eu sorrio.

— Aí. — Ela coloca a mão na barriga e eu me assusto. Então, ela pega a minha mão, coloca em cima da sua barriga também e sorri. — Isso dói, mais ainda assim é gostoso de sentir.

— Está se mexendo — digo, que nem um bobo. Acho que vou ser o pai mais babão que existe.

Depois de um tempo o pessoal chegou. A Dai, a Ivy e o Be não saem do lado da Hannah. Se isso me incomoda? Que isso, claro que não. Imagina.

— Já está perto pro bebê nascer, né? — o Richard diz, olhando para a Hannah.

— Pois é, o tempo passou rápido — digo.

— Está preparado pra ser pai? — o Fábio pergunta.

— Mais que nunca — digo e ele sorri. — Não vejo a hora de saber se é menina ou menino.

— Eu não aguentaria isso, cara — diz o Richard.

— Pois é, acho que eu também não — diz o Fábio. — Eu preferia saber antes de nascer. Vai que é menina, você tem que estar preparado psicologicamente. Caraca, já pensou nascer uma cópia da mãe? No seu lugar eu ia ficar maluco. Se ela puxar as loucuras da Hannah, você está ferrado.

O Richard ri.

— Para de assustar o David. Ele já está muito ansioso, você quer deixá-lo pior? — diz o Richard.

— Eu venho pensando nisso h meses, estou a ponto de ter um colapso de nervosismo — digo e fico apreensivo só de pensar a dor de cabeça que vou ter se eu tiver uma filha. Não importa o que for, o importante é que eu a Hannah vamos ter um herdeiro.

— Hannah', está tudo bem? — a Ivy pergunta e vejo a Dai segurando-a. Levanto-me rápido e vou até elas.

— O que foi? — pergunto, assustado.

— Ela disse que estava com muito calor, aí ela levantou para tomar água e ficou tonta — diz o Be.

— Eu estou bem — ela diz se levantando, quase cai mas a seguro.

— Melhor você se sentar, amor — digo, preocupado.

— Eu tô b... — ela coloca a mão na barriga e eu surto.

— Hannah, o que foi? — digo e ela não me responde, só faz uma careta.

— AI, MEU DEUS, A BOLSA DELA ROMPEU! — o Be grita, me deixando mais nervoso.

— Leva ela pro quarto agora — diz a Ivy.

Pego ela no colo e vou até o quarto com as meninas logo atrás.

— Aí meu Deus, e agora? — o Bernardo estava desesperado, estava pior do que eu.

— Não vai dar tempo de chamar a parteira — diz a Ivy.

— Vamos ter que fazer o parto — diz a Dai.

— Aí meu Deus... — o Be diz.

— Be, fica quieto. Nem o David está desesperado como você — diz a Ivy.

— acredite, se o David está quieto, pode acreditar que ele está surtando por dentro — diz a Dai.

Eu realmente estava à beira de enlouquecer. Quando fico assim eu não consigo me expressar e fico quieto. Coloco a Hannah na cama.

— Tá, agora podem sair — a Ivy diz. — David e Bernardo, vão lá pra baixo.

— Até o David? — pergunta o Be.

— Sim. Vai, David. — A Dai coloca a mão no meu ombro. — Eu prometo que ela vai ficar bem.

Dou um beijo na testa da Hannah.

— Fica bem — digo e me levanto, mas ela segura a minha mão. Olho para ela, seu rosto estava muito suado. Ela me olha.

— Eu te amo... — ela sussurra e logo o Be me puxa para fora do quarto.

A porta é fechada e eu escuto o grito de dor dela. Eu já estava me preparando para entrar no quarto de novo, mas sinto o Fábio me segurar.

— Confia nas meninas — ele diz, tentando me acalmar.

— Ela vai ficar bem — o Richard diz.

— Ela é forte, você sabe disso, David — o Be diz.

Ficamos no corredor e a cada grito da Hannah meu coração aperta. Droga, eu queria estar ao lado dela.

— Isso não está demorando demais? — digo, andando de um lado para o outro.

— Relaxa, demora mesmo — o Fábio diz.

Então, um grito alto e agonizante ecoa pela casa e logo escutamos um choro. Meu coração só faltou sair pela boca.

— Haaaa... nasceu. Parabéns, papai — diz o Be.

Eu estava ansioso, muito ansioso para entrar, mas antes de entrar ouvimos a Hannah gritar de novo. Como se fosse replay escutamos outro choro. Os três me olharam assustados.

— Outro? — diz o Richard.

EPÍLOGO

Hannah

Eu estou me sentindo a mulher mais feliz do mundo. Quando conheci o David, eu achei que ele era um ogro idiota. Na verdade, ele ainda é, mas nunca imaginei que eu amaria um ogro como ele. Pois é, amo esse idiota. Ele

me proporciona os melhores momentos e agora está me dando um herdeiro.

Isso é surreal... Quem diria, Hannah Backer casada e prestes a ganhar um filho do homem da sua vida. Se alguém visse o meu futuro há 2 anos e me falasse que seria assim, provavelmente eu iria rir muito, mas muito mesmo. Porque nunca pensei que uma coisa tão boa como essa iria acontecer na minha vida.

Perdi meus pais muito nova, então sentia falta de uma família. Eu desejava ter a minha própria família, mas não acreditava que meus desejos poderiam ser atendidos. Mas, foram atendidos e isso foi mais do que eu desejava.

Está na cara que o David vai ser o pai mais babão que existe. Não sei se isso é bom ou não. Ele não me fala, mas sei que lá no fundo ele quer que seja um menino, acho que ele não quer uma mini Hannah dando trabalho. Eu e ele combinamos de descobrir o sexo do bebê quando ele nascer, seria mais emocionante.... ou não.

A minha dor era tão grande que eu desconfiava que era mais de um bebê. Não sei se é drama ou se é porque estou dando à luz pela primeira vez, mas acho que essa dor não é normal. Não devia doer tanto.

Quando escuto o choro do meu pequenino meu coração se enche de alegria, mas então sou atingida novamente por uma onda de dor horrível.

— Força, Hannah — a Dai diz. Como assim força? O meu filho não saiu?
— Tem mais um.

Ai, meu Santo Lobo. Bem que eu sabia que a minha fome não era tão normal assim. Eu estava comendo o triplo do normal. Falando nisso, a minha barriga estava enorme. Como não caiu a ficha?

— Hannah, mais um pouco.

Faço força com toda a minha alma então escuto um choro estridente. Eu

estava cansada, com o rosto todo molhado de suor, mas eu não ligava para isso, eu queria ver os meus bebês.

— Parabéns, mamãe. — A Dai passa a mão em minha testa. — É um menino e uma menina.

Meu coração falha uma batida de tanta felicidade.

A Ivy traz um bebê e a Dai o outro e elas colocam um de cada lado nos meus braços. Eles são tão lindos, nem parecem recém-nascidos de tão fortinhos. Meu Santo Lobo, eu sou mãe.

— Vou falar pro David entrar — Dai diz e eu só confirmo com a cabeça, pois estava vidrada em meus pequeninos.

Heitor e Aurora, minhas joias mais preciosas. Meu paizinho, já amo tanto eles! Eu nunca senti um amor tão grande dentro de mim.

Ouçó a porta abrir, olho e vejo o David olhando de longe. Ele estava com os olhos cravados nos bebês e eu não sabia definir sua expressão. Era um misto de felicidade, alívio, pavor e medo?

— David... — chamo ele e então tenho sua atenção no meu rosto. Ele vem até mim e encara os bebês. Ele estava me deixando com medo. Ele não falava nada, só olhava para eles. A Aurora mexe a mãozinha e então vejo um sorriso se formar em seu rosto e me sinto aliviada. Sem dizer nada ele pega a Aurora dos meus braços com o maior cuidado do mundo e fica olhando-a em seus braços. — Não vai falar nada?

— Eu tô ferrado — ele diz tão sério que eu consigo rir. — Vamos ter que aumentar a segurança da casa.

— Não precisamos de tanta segurança assim — digo.

— Eles precisam. — Ele se refere aos bebês. — Principalmente quando se tem uma princesa.

— Já vi tudo — digo e sorrio. — Não pode mimar ela, senhor David — digo, autoritária.

— Sei. — Ele sorri. — E esse garotão aí? — Ele diz e o Heitor se mexe.

— Eles são lindos.

— Eu sei. Puxaram a mamãe aqui.

Batem na porta e logo entram o Be, o Richard e o Fábio. Eles vêm até nós.

— Então, eu tenho dois sobrinhos, é isso mesmo? — diz o Richard todo sorridente olhando os bebês.

— Meus parabéns a vocês — diz o Fábio.

— Eu ia ser padrinho de um, mas agora... — O Be olha para a Aurora nos braços do David e o Heitor nos meus. — Vou ser padrinho de dois? Meu Deus, eu vou explodir de alegria. — Nós rimos. — Parabéns David, você fez um trabalho ótimo. Você esperava um e vieram dois, quanta força de vontade.

Eu não aguentei e acabei rindo de novo.

— Idiota, a Hannah acabou de ganhar gêmeos e você já faz ela rir desse jeito

— diz a Dai batendo na cabeça do Be. — Ela está de dieta.

— Grossa... — o Be diz e depois me olha. — Desculpa, meu amor.

Sorrio.

Os meninos começam a paparicar os bebês e eu encaro o David com a minha lindinha. Acho que qualquer pai tem medo de ter uma menina, isso inclui o David também. Ele vai se descabelar quando ela ficar maior.

O David vai ser o melhor pai do mundo, eu sinto. Mas e eu? Serei uma boa mãe? Vou me esforçar muito, disso eu tenho certeza. Eu serei uma boa mãe para os nossos herdeiros.

/3 anos depois/

— Mamãe, Mamãe! — Ouço a Aurora me chamar e começo a sentir que ela me balança na cama. — Mamãe, acorda mamãe.

Abro os olhos e vejo aqueles olhinhos azuis me encarando. Sorrio.

— Oi, meu anjinho. O que foi?

Ela sobe na cama e me abraça.

— Tem dois bicho-papão correndo atrás de mim falando "vou fazer você morrer de rir". — Ela imita a voz grossa, eu não aguento tanta fofura e começo a rir. — Eu tô falando sério mamãe, eu tô com medo — ela diz, quase chorando.

— Como são os dois bicho-papão? — pergunto, me sentando na cama.

— Um é grandão. — Ela levanta a mãozinha. — E o outro é baixinho. — Ela abaixa a mão e então me abraça forte. — E eles estão brancos.

Passo a mão em seus cabelos.

— A mamãe vai no banheiro e depois vamos caçar os dois bicho-papão. Tá bom?

Ela faz que sim com a cabeça.

Levanto, vou até o banheiro e meu rabinho vem atrás. Faço minha higiene matinal, pego a Aurora no colo e desço até a sala.

— Mamãe, atrás do sofá — ela cochicha no meu ouvido. Vou até lá e vejo duas coisas vestidas com um lençol branco.

— *Vou fazer você morrer de rir* — diz uma voz que tenta ser assustadora, mas sem sucesso e sai uma voz fofa.

— Então, quer dizer que o senhor anda assustando sua irmã? — Ele levanta e tira o lençol.

— HEITOR... — Aurora grita no meu colo.

— Como a mamãe descobriu que era eu? — ele pergunta, virando a cabeça. Meu Santo Lobo, meus filhos são tão fofos que dá vontade de morder.

— Eu reconheci a voz do meu bebê — digo e ele cruza os braços, bravo.

— Não sou bebê, mamãe. O papai disse que já sou um homem. — Ele mostra o braço. — Um homem forte.

Olho para outra coisa branca no chão que não movia um músculo.

— Ok. Você é o homenzinho da mamãe. — Ele sorri. — Agora me diz: por que estava assustando sua irmã? — ele olha pra baixo. — Quem deu a ideia?

— O papai. — Ele aponta para a coisa branca. Então, ele se senta, tira o lençol e olha para o Heitor.

— Eu te fiz alguma coisa para me entregar assim de bandeja?

O Heitor sorri de lado.

— Não. O papai não fez nada, mas o senhor mesmo disse para eu não mentir.

O David passa a mão no cabelo.

— David, você é mais criança do que seus próprios filhos — digo.

— Eu sou homem, mamãe — o Heitor diz batendo o pé e eu sorrio.

— Você fica tão linda brava. — o David diz me olhando e o Heitor ri. Ele levanta e pega a Aurora do meu colo. — Desculpa se o papai te assustou, princesa.

Ela o abraça.

— Eu desculpo o papai.

O Heitor puxa a minha mão e eu o olho. Ele estende o braço e eu o pego.

— Promete que não vai mais assustar sua irmã? — digo encarando-o e ele faz que sim com a cabeça. — Então, pede desculpas a ela.

— Desculpa, Aurora — ele diz todo sem jeito e eu sorrio.

A Aurora estende o braço e abraça o Heitor. O David me olha, dá um sorriso travesso e eu entendo. Então, nos abraçamos com eles dois no meio.

— HAAAA... — eles gritam e eu e o David rimos.

— MAMÃE, ME SOLTA! — o Heitor diz.

— EU VOU VIRAR PAPELZINHO ASSIM! — diz a Aurora.

— É que nós amamos tanto vocês... — diz o David.

— Nós amamos tanto que temos que aparentar bem apertado.

Eles gritam. Soltamos eles e eles descem do colo.

— Se não quiserem ser atacados de cosquinhas, vão ter que ir correndo pro banheiro tomar banho — diz o David e eles saem que nem doidos.

— Se eles caírem, a culpa é sua — digo, encarando ele. Ele sorri e vem até mim.

— Acordou bem? — Ele alisa meu cabelo.

— Melhor que nunca. A primeira coisa que vi foram os olhinhos da minha princesa — digo, sorridente.

— Nossa, tô vendo que perdi a vez.

Solto uma risada e passo meus braços em torno do seu pescoço.

— Temos uma família perfeita, né?

— Sim. Graças a você.

Ele sorri.

— Não, graças a nós. — Ele passa a mão em meu rosto. — Te amo.

— Eu também te amo. — Sorrio. Então, ele sela nossos lábios.

Meu amor pelo David e pelas crianças só aumenta a cada dia. E eu não consigo ver nenhum defeito em nossas vidas atualmente. Eu amo minha família mais que tudo.

Tudo se estabilizou, não só para nós como para a Dai e o Richard. A Dai teve um bebê também, ele é um ano mais novo do que o Heitor e a Aurora, o nome dele é Rya.

Conheci a companheira do Supremo Diogo, o nome dela é Sofia. Viramos muito amigas, ela tem duas crianças, a menina mais velha é da idade do Ryan.

Aurora é um grude com ela. Já o Heitor... Bom, o Heitor sempre fica animado como a Aurora quando digo que vamos até a alcateia de Nova York para ver Safira, a filha da Sofia. Só que, quando chegamos lá, ele muda completamente, fica outra pessoa perto de Safira, se comporta como não gostasse dela. Isso me faz pensar coisas... Mas não dá para ter certeza de nada. Quero ver o que vai acontecer com essa mudança de humor do Heitor pela Safira no decorrer do tempo. Vou observar o que acontecerá com nossos *herdeiros*.

FIM

